## PAULO GIRALDI (ORG.)

# Coleção de Sala 1

Mídia Sonora na Amazônia



#### Autores:

Allan Valente
André Cantuária
André Silva
Daniele Queiroz
Delano Borges
Felipe Lima
Fernando Pereira
Fernanda Lima
lago Fonseca

luana Almeida Izabele Pereira Iracema Benjamim Jacimara Castro Janderson Cantanhede Jéssica Mont'Alverne Kellven Vilhena Lucas Costa Luma Coutinho Mauricio Gasparini Mellina Garcia Núbia Paes Rafaela Justino Renata Nunes Sávio Leite Vania Bagundes Wedson Castro Zenaide de Souza



# O RÁDIO NO AMAPÁ Pioneiros

# Coleção de Sala 1 Mídia Sonora na Amazônia

# O RÁDIO NO AMAPÁ Pioneiros

Paulo Giraldi (ORG.)



#### Copyright © 2018, Autores

Reitora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Superti

Vice-Reitora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelma das Neves Nunes Barros Mendes Pró-Reitora de Administração: Wilma Gomes Silva Monteiro Pró-Reitor de Planejamento: Jefferson da Silva Martins Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Aretha Barros Silva

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daize Fernanda Wagner Silva Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helena Cristina Guimarães Queiroz Simões Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. MSc. Adolfo Francesco de Oliveira Colares Pró-Reitor de Cooperação e Relações Interinstitucionais: Prof. Dr. Paulo Gustavo Pellegrino Correa

#### Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Tiago Luedy Silva

#### Editor-Chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

#### Conselho Editorial

Artemis Socorro do N. Rodrigues Marcus André de Souza Cardoso da Silva César Augusto Mathias de Alencar Maria de Fátima Garcia dos Santos Cláudia Maria do Socorro C. F. Chelala Patrícia Helena Turola Takamatsu Daize Fernanda Wagner Silva Patrícia Rocha Chaves Elinaldo da Conceição dos Santos Robson Antonio Tavares Costa Elizabeth Machado Barbosa Rosilene de Oliveira Furtado Elza Caroline Alves Muller Simone de Almeida Delphim Leal José Walter Cárdenas Sotil Simone Dias Ferreira Luis Henrique Rambo Tiago Luedy Silva

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R129r

O rádio no Amapá: pioneiros / Paulo Giraldi (organizador) – Macapá:

UNIFAP, 2018.

94 p.

ISBN: 978-85-5476-023-6

Coleção de Sala 1 - Mídia Sonora na Amazônia. Organizador: Paulo Giraldi /

ISBN: 978-85-5476-022-9

Mídia Sonora.
 Rádio.
 Amazônia.
 Amapá (Estado).
 Paulo Giraldi.
 Fundação Universidade Federal do Amapá.
 Título.

CDD: 070

Capa e Editoração: Paulo Giraldi Revisão: Samantha Resende

Contato: paulogiraldi2@gmail.com Tiragem: Online

É permitida a livre transcrição de qualquer parte da obra, desde que citada fonte (Lei No 9.610, de 14/12/1998). Respeite os direitos autorais





#### Editora da Universidade Federal do Amapá

Site: www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, Campus Marco Zero do Equador Macapá-AP, CEP: 68.903-419

# Sumário

Apres	sentação	7
Prefá	cio - Nair Prata	9
Entre	evistas: Nomes do Rádio Amapaense	9
1	Armstrong Souza	11
2	Azevedo Picanço	19
3	Benedito Rostan	27
4	César Bernardo	27
5	Cunha Lopes	37
6	Eraldo Trindade	43
7	J.Ney	49
8	José Caxias	57
9	Luís Catanhede	61
10	Mister Vado	67
11	Roberto Gato	73
Indí	ce Remissivo	77
Auto	ores	81

# **APRESENTAÇÃO**

### "Paixão pelo Rádio"

oz, som, sentidos. O rádio é um meio de comunicação completo, que se completa dentro de cada ouvinte. O som é sua característica principal. Se faz no agora. Tem o poder de provocar imagens, despertar curiosidades, instigar todos os sentidos.

Em sua simplicidade, o rádio é simples como o amor. Não tem público definido, mas abraça todas as gerações. Por de trás do microfone, alguém fala. E de quem é essa voz? Mistério, suspense, encantamento, fé. De fato, o rádio encanta. Em qualquer lugar, hora ou momento, ele está sempre ali, pronto para oferecer algo. Música, notícias, informação ou entretenimento. Apresenta conteúdo, emoção. Já foi AM, FM, hoje é digital. Mudou? Evoluiu. No trânsito, no ônibus, durante uma caminhada, na cozinha, no quarto, o rádio é sempre um bom companheiro diário. Vive no tempo e com o tempo: segundos, minutos, horas. Pequenos, médios ou grandes. A pilha ou bateria, ligado na energia ou conectado pelo celular, o rádio se reinventa.

Como pode um simples aparelho transmitir a voz para lugares tão longes? Em ondas e mais ondas, o rádio é movimento, velocidade. É rede! Uma dúvida: com o advento das novas tecnologias, o rádio vai acabar? Não. Claro que não! O que é bom, nunca acaba, mas apenas se renova. É tanto amor que o rádio costuma estar na palma das mãos. Um simples click e pronto. O som chega até os ouvidos, toca o coração, alegra a alma. Por exemplo: aquela música que tocou no rádio não mexeu com você? Comigo sim! E mexe até hoje!

Vou te contar um segredo: já pedi música na rádio e ofereci a uma pessoa. É bom! Quantos amores estão, agora, conectados pelas ondas do rádio! Som é vida. Muitos se perguntam: ouvir a rádio ou o rádio? Não importa. Ouça como quiser! Eles são um só! Sintonize, divirta-se, informe-se. De manhã, à tarde, a noite ou de madrugada. Ache sua estação. Sempre haverá uma voz para lhe fazer companhia. Previsão do tempo, informação sobre o trânsito, política, economia, saúde, cultura, educação, atualidade. O rádio tem tudo isso e muito mais! Para todos os gostos e tipos. Há alguém do outro lado pronto para falar com você. Sim, o rádio é um amigo, daqueles íntimos, que te entende e, quando menos você espera, sempre tem uma palavra de esperança. Silêncio, pausa, locução: Bom dia! Boa tarde! Boa noite! Voz, som, essência: o rádio fala ao coração.

É sobre essa paixão pelo rádio que nasce o primeiro volume da "Coleção de Sala" – "O Rádio no Amapá: pioneiros". Aqui, você encontrará histórias de profissionais apaixonados pela profissão e pelo rádio. É uma história singular, pois traz detalhes preciosos da trajetória radiofônica de locutores, jornalistas e radialistas pioneiros que atuam na região da Amazônia amapaense. Cada entrevista registrada é fruto do trabalho de alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), que aceitaram o desafio de produzir esse primeiro E-book. Esperamos que tal iniciativa sirva de inspiração e motivação para os futuros profissionais do radiojornalismo.

Neste primeiro volume da coleção, você conhecerá as histórias de JOSÉ ALUÍZIO DA SILVA, RAIMUNDO DE AZEVEDO PICANÇO, BENEDITO ROSTAN, CÉSAR BERNARDO, CUNHA LOPES, ERALDO TRINDADE, JOSÉ NEY PICANÇO, JOSÉ CAXIAS, LUÍS CARLOS CANTANHEDE, MISTER VADO e ROBERTO GATO.

Agradecemos aos profissionais por terem concedido as entrevistas aos alunos da disciplina de Produção e Difusão em Rádio: uma experiência de sala de aula, agora disponível para o mundo. Afinal, conhecimento bom é conhecimento partilhado. E tal ação se faz possível graças ao apoio da EdUNIFAP (Editora da Unifap) em acolher as novas publicações.

Gratidão também aos alunos e alunas que se aventuraram nesta jornada literária e foram em busca das histórias curiosas e bonitas sobre o rádio no Amapá. São eles: Allan Valente, André Cantuária, André Silva, Daniele Queiroz, Delano Borges, Felipe Lima, Fernanda Lima, Fernando Pereira, Iracema Benjamim, Iago Fonseca, Iuana Almeida, Izabele Pereira, Jacimara Castro, Janderson Cantanhede, Jéssica Mont'Alverne, Kellven Vilhena, Lucas Costa, Luma Coutinho, Mauricio Gasparini, Mellina Garcia, Núbia Paes, Rafaela Justino, Renata Nunes, Sávio Leite, Vania Bagundes, Wedson Castro e Zenaide de Souza, além dos nossos incansáveis colaboradores: o diretor de som, Silvio Sousa, e os bolsistas, Daian Andrade e Victor Vidigal. Registro aqui um agradecimento especial ao professor Dr. Aldenor Benjamim dos Santos, pelo apoio e confiança. Para nós, é um inspirador nas atividades do rádio.

Temos em mãos uma obra coletiva — a "Coleção de Sala" — que contribuirá não somente como um registro histórico sobre os caminhos dos pioneiros no rádio no Amapá, mas também propondo reflexões atuais e futuras para pensar os rumos da Comunicação radiofônica e do Jornalismo na Região Norte do Brasil, em vista de uma sociedade mais justa, solidária e participativa. Este E-book é um instrumento ao pesquisador e estudante de Comunicação, sendo um retrato da singularidade e potencial humano da Comunicação na Amazônia amapaenese.

Meu abraço e boa leitura!

#### Prof. MsC. Paulo Vitor Giraldi Pires

Docente do Colegiado de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

## **PREFÁCIO**

### "Ouvir a própria história..."

á várias escolhas metodológicas quando se deseja relatar e registrar a história de um povo, de uma região ou de um campo do saber. Uma delas é contar a história pela trajetória das pessoas que a escreveram, vivenciando-a no dia a dia. Esta é a opção do livro "O Rádio no Amapá - Pioneiros", inserido na coleção Mídia Sonora na Amazônia. Neste primeiro volume da coleção, o livro registra as biografias e as vivências de onze profissionais que fazem parte da construção da história do rádio do Amapá: José Aluízio da Silva, Raimundo de Azevedo Picanço, Benedito Rostan, César Bernardo, Cunha Lopes, Eraldo Trindade, José Ney Picanço, José Caxias, Luís Carlos Cantanhede, Mister Vado e Roberto Gato, um trabalho organizado pelo professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá Paulo Vitor Giraldi Pires. As entrevistas e os textos foram produzidos pelos alunos da disciplina Produção e Difusão em Rádio.

A prática biográfica contemporânea vai além de revelar perfis e trajetórias em determinados momentos. Madelénat (1984, p.47) defende que, por meio das biografias, "tenta-se também responder a uma pergunta que preside todas as interrogações desta natureza: "quem é o homem"? As biografias reconstroem, na contemporaneidade, processos culturais de tentativa de compreender o mundo. É uma narrativa que sugere como observamos no presente momento algo que aconteceu há semanas, meses, anos ou décadas. Dosse (2009) fala de um lugar de tensão em que a biografia se insere e diz que é um gênero híbrido, pois se situa "entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o pólo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo segundo a sua intuição e talento criador (p. 55). Para Benetti (2008), pensar a biografia como gênero jornalístico, a partir da confluência com a literatura, por meio da narratividade, e com a história, por meio da memória, encontra parte de sua problematização no elemento "como se diz", em que a objetividade do processo de produção – a apuração dos fatos, entrevistas, análise de documentos, entrevistas com as fontes - deve caminhar junto com a subjetividade do saber narrativo. Nesta perspectiva, a biografia se aproxima da reportagem como gênero jornalístico, em uma narrativa sobre a história de vida de um indivíduo.

Assim, ao biografar os principais personagens do rádio amapaense, esta obra mapeia um território histórico, na concepção definida por Marialva Barbosa, no Prefácio do livro Panorama do Rádio no Brasil (2011, p. 14): "Em história, a ação de generalizar é posterior a de produzir reflexões pontuais. Só é possível a generalização, se for levando em conta aspectos peculiares de cada espaço que não são meramente territórios, mas antes de tudo territórios históricos, isto é, lugares sociais com suas historicidades, peculiaridades e contextos específicos".

E, ao trazer os alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá para a cena, na realização das entrevistas e produção dos textos dos personagens, esta obra atende às perspectivas contemporâneas apontadas pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais do campo da Comunicação, que apontam para bacharelados mais práticos, mais próximos do mercado de trabalho, "formando profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, produzindo assim seu aprimoramento".

Por fim, gostaria de ressaltar a importância de uma obra sobre o rádio, focada particularmente no Amapá. Moreira (2005) lembra que, até a década de 1970, "a maioria dos livros, ensaios e artigos publicados sobre a radiodifusão nacional tinha como autores profissionais atuantes, pioneiros do meio ou interessados na técnica da transmissão eletrônica de áudio" (p.

124). Nos anos 1980, começaram a surgir os estudos na academia e, a partir dos relatos baseados na memória particular, "o campo evoluiu para pesquisas de base histórica e alguma análise sociológica. Os estudos radiofônicos se ampliaram – incluindo temas como análise de conteúdo, de gêneros, avaliação de personagens, recursos de tecnologia – a partir da década de 1990" (MOREIRA, 2004, p. 1). Inicialmente, os cursos de Jornalismo brasileiros usavam basicamente dois livros sobre rádio nos anos 1970: "Princípios e técnicas de radiojornalismo", de Zita de Andrade de Lima, e "Radiodifusão hoje", de Saint-Clair Lopes (Haussen, 2011). Mas a criação de um grupo, em 1991, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), com o objetivo de pesquisar exclusivamente o rádio, catapultou a área como lócus privilegiado de investigação. O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora já abrigou a apresentação de mais de 800 diferentes artigos científicos e produziu coletivamente 23 livros, frutos de investigações em equipe.

Neste início do século XXI, as pesquisas brasileiras sobre o rádio estão concentradas, principalmente: 1) nas investigações e publicações do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e do Grupo de Trabalho História do Rádio da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar); 2) no trabalho desenvolvido pelos grupos de pesquisa alocados em universidades; 3) e, em menor número, pela ação de pesquisadores que atuam de forma isolada, geralmente profissionais do rádio.

Dessa forma, ao se somar aos pesquisadores que têm no rádio seu objeto, este livro enriquece o nosso campo de estudos e, particularmente, joga luzes sobre o Amapá neste cenário. Um dos mais instigantes desafios que se impõem nos últimos tempos é o ensino da prática radiofônica inserido no macro campo da Comunicação. Temos hoje um rádio que busca sua reconfiguração no contexto da cultura de imagens, profundamente modificado pela presença da internet e pelo cenário da chamada era da convergência.

Algumas falas dos personagens biografados deste livro são emblemáticas para o entendimento do rádio circunscrito a este ambiente local: "O Amapá tem uma característica que considero fenomenal, cinco horas da manhã e o Amapá está acordado ouvindo rádio, não há um meio de comunicação mais próximo do cidadão do que o rádio, não há, e isso é durante o dia inteiro com públicos diferentes". Um outro biografado diz: "O rádio é o interlocutor do cidadão que está isolado da capital, é o meio de confiança dos moradores ribeirinhos".

Outros entrevistados falam do poder de comunicação do rádio: "Em qualquer lugar o rádio é o veículo de comunicação de massa com o maior poder hoje, porque qualquer pessoa tem acesso, a massa que gosta da comunicação no rádio, você pode levar para qualquer lugar: uma canoa, uma bicicleta ou sintonizar no celular" e "A linguagem do rádio na minha opinião traduz a comunicação propriamente dita".

E outros destacam a importância e a responsabilidade da interação radiofônica: "O rádio tem uma abertura que eu acho que responde pela sobrevivência do radialismo: que é a interação. Você está vendo as vezes alguma notícia na televisão e está bem feita e está bonita, mas você não tem a possibilidade naquele momento de intervir naquele fato. No radio não, o cara está falando, você pega o telefone e liga e há uma norma no rádio: o ouvinte tem prioridade, você interrompe qualquer entrevista, qualquer coisa, pelo ouvinte" e outro diz: "Você tem que ter zelo pelo que você faz e responsabilidade no que você diz. O microfone é uma arma muito poderosa, ela te constrói e ela te destrói".

Dessa forma, ouvir as vozes biografadas neste livro é ouvir a própria história do rádio no Amapá.

#### Profa. Dra. Nair Prata

Diretora Científica da Intercom

Vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia

#### Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. Prefácio. In: PRATA, Nair (Org.). Panorama do rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2011.

DOSSE, Francis. O desafio biográfico: escrever a vida. Tradução de Gilson César de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HAUSSEN, Dóris. Trajetória das pesquisas em rádio no Brasil. Revista Rádio-Leituras. Ano II, Num 02 Edição Julho — Dezembro 2011, p. 107-115 http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/379/346

MADELÉNAT, Daniel. La biographie. Paris: PUF, 1984.

MOREIRA, Sonia Virginia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004.

MOREIRA, Sonia Virginia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: Anibal Bragança; Sonia Virgínia Moreira. (Org.). Comunicação, acontecimento e memória. 1 ed. São Paulo: Intercom, v. 1, 2005.



# NOMES DO RÁDIO AMAPAENSE



#### QUEM É

\*José Aluízio da Silva Souza. popularmente conhecido como 'Armstrong Souza', é radialista e jornalista há aproximadamente 20 anos. Nascido em Macapá, ele é dono de uma das vozes mais ouvidas e reconhecidas no estado, teve sua atenção voltada para o rádio desde muito novo, tendo influência direta de radialistas pioneiros do Amapá, como Joaquim Ramos e Terezinha Fernandes. É filho de Raimundo da Silva Souza, o Sacaca. e herda muitas de suas características, sendo a principal delas o cuidado e respeito com a população amapaense. Foi diretor de programação na Rádio Difusora e dirigiu programas de extrema importância para a população ribeirinha, como o Alô Alô Amazônia. É jornalista fotográfico e servidor público. Atualmente trabalha na rádio Diário do Amapá e também atua como pedagogo na Escola Estadual General Azevedo Costa. O apelido ele recebeu já na infância, coincidindo com a chegada do primeiro homem a lua, o astronauta amaricano, Neil 'Armstrong', em 1969.

## ARMSTRONG SOUZA

"ALÔ ALÔ AMAZÔNIA"

Iago Fonseca Izabele Pereira

#### CARREIRA NO RÁDIO

20 anos de profissão

"Tenho 48 anos, com cerca de vinte de profissão. Comecei a trabalhar com quase trinta anos. Meu primeiro trabalho foi na Rede Manchete de Televisão como operador de VT. Aqui na Equatorial subi para fazer estágio no rádio, mas lá eu não passei um mês e já fui chamado para a Difusora, porque eu já tinha uma voz boa e eu já falava bem no rádio".

#### Início da profissão

Bom, em princípio eu comecei logo trabalhando como professor depois que oficializei como radialista. Quando eu ouvi uma conversa de que iam pedir diploma, que só podia falar no rádio quem tinha diploma, que só podia ser jornalista quem tinha diploma, eu fui e comecei a estudar, eu já era formado em língua portuguesa e aí entrei na academia em Belém, depois eu vim para cá e formei aqui na Seama¹ como RP (Relações Públicas), essa é a minha função de formação. Depois eu me especializei em Comunicação Social, lá tinha jornalismo, assessoria de imprensa, metodologia do ensino superior, uma série de cadeiras. Eu também sou professor universitário, e aí eu digo "agora sim tenho respaldo, né, o que vier agora deixa comigo, eu estou resolvido na minha vida". Isso falando profissionalmente, eu tinha essa preocupação já, só que no Jornalismo eu optei pelo rádio, eu gosto mais do rádio, eu gosto muito do rádio.

A linguagem do rádio na minha opinião traduz a comunicação propriamente dita. No caso do jornalista, por exemplo, muita gente não sabe e diz, "você é formado em que?" eles dizem "Jornalismo", não, você não é formado nisso, você é formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, jornalista se torna. Então, comunicar socialmente, socializar a comunicação para mim é a coisa mais apaixonante que tem, e eu penso que o rádio é melhor. Redação não, a gente fica mais fechado ali, trabalha muito, mas o rádio ele te deixa mais à vontade para se comunicar. Meu lado profissional na comunicação é mais ou menos isso, e aí eu continuei a vida, fui estudando, formei em pedagogia, depois eu fiz letras, fiz um curso de psicologia também. Eu sempre gostei de estudar, para ocupar a cabeça da gente, tem que estudar, e eu cheguei onde cheguei.

Estou por aqui trabalhando, batalho muito inclusive, com uma vida muito simples e eu gosto dessa vida. Saí de casa e voltei a morar com a minha mãe. Tudo isso eu gosto, eu acho que o desafio não é só quando você fala no rádio, como você deve se portar, como você deve ser, acho que tem que estar no seu dia a dia. E mesmo assim, no advento das redes sociais – isso que vocês estão fazendo aqui por exemplo, pedindo autorização de imagem

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Seama: antiga instituição de ensino superior, hoje conhecida como Estácio Macapá

– hoje atrapalha muito o jornalismo, as redes sociais. "Ah, mas tu és antigo", não tem nada a ver com antiguidade, estamos falando de riscos. Qualquer pessoa pode colocar tua imagem em qualquer lugar e ligar um monte de coisas. Vi em uma novela que a polícia prendeu o cara porque ele tava numa casa e quem morava era um traficante. Fez uma foto com o carro, o cara se colocou na foto, que era o traficante, ele não sabia. Publicaram aquilo, e aí? Tenho muito cuidado para compartilhar as coisas, antes de chegar seja o que for, notícia ou foto. Não gosto de compartilhar foto que tá mexendo com a ... axingalhando² alguém, mexendo com a imagem de alguém. Não sou muito chegado. Então, na minha opinião, o furo de reportagem deve ser checado. Mesmo que você dê depois do outro, mas quando você dá uma notícia, que é um furo de reportagem, e dá errada, a que vai ter credibilidade é a que veio depois porque já vai contar tudo. Vai relatar com mais credibilidade, com mais natureza, com as chamadas fontes que a gente tem direito na comunicação.

#### O rádio na vida do povo Amapaense

O rádio, eu vou até abrir mais o leque, em qualquer lugar o rádio é o veículo de comunicação de massa com o maior poder hoje, porque qualquer pessoa tem acesso, a massa que gosta da comunicação no rádio, você pode levar para qualquer lugar: uma canoa, uma bicicleta ou sintonizar no celular. O sinal é melhor, não tem a reverberação, que é o atraso, é na hora. Então o rádio na Amazônia é de muita importância. Por exemplo, eu passei na Rádio Difusora de Macapá, fui diretor de programação, e lá eu cuidava do 'Alô, Alô Amazônia'³, que é um dos programas mais antigo do norte. Então a importância do rádio no interior é muito grande, maior que a internet. Porque o cara no interior, ele está no meio do mato, a mensagem do Alô Alô Amazônia chamava "atenção fulano de tal da comunidade tal, nós estamos chegando tal hora". Eles se ligam, norteiam a vida deles, o dia a dia pelo rádio. Então a Amazônia ela não tem como se afastar do rádio. Tem uma importância muito grande na nossa comunicação, ainda, pelo rádio.

#### Ouvir rádio hoje

A nova geração, não mais, mas não é por conta do rádio, são das tecnologias. São muitos jogos hoje. Então a criança, como os pais que levam a escola, eles ligam o rádio e a criança vai ouvindo junto. Ainda assim ela conheceo o rádio. Nosso superintendente por exemplo, ele é abordado mais por crianças que por adultos. Eles gravam chamadas, a gente tem chamadas gravadas por crianças que gostam dos bordões que tem, enfim. É muito grande a importância aqui e reflete no interior do Pará. As ilhas do Pará todas ouvem, o Amapá e o Macapá ouvem a rádio, mais do que o próprio Pará. Então, é muito grande, cada município tem um distrito – ele ouve rádio especialmente AM, que vai sair agora para colocar sinal digital. AM tinha as ondas tropicais, é a que leva mais longe, e é hoje a influência. Só que saindo a Amplitude Modulada, que é AM, passando à Frequência Modulada, que é FM digital, vai acabar com a vida do povo. A não ser que a tecnologia chegue lá rápido, mas não chegou aqui na capital. A gente tem uma internet que todo mundo sabe, não precisa dizer. Eu te envio uma mensagem agora que tu vais receber daqui a dez minutos. Não depende da nossa distância, é claro, para a tecnologia, mas eu estou falando de dificuldade. É ruim.

#### Profissional de rádio

Para atuar no radio é preciso ter, principalmente ética. Saber comunicar as várias linguagens, você não pode se ater somente as linguagens gramaticais, aquelas linguagens da língua portuguesa. A nossa linguagem ela tem que ser de massa, tem que ser aquela que todo mundo entenda. Principalmente com nossos dialetos, os ditos populares. Agora, veja, não é que você vai dar aula no ar, por exemplo: eu digo uma palavra no ar, uma palavra que só é usual aqui no norte – Pará, Macapá e Manaus – Pitiú, por exemplo, como é o rádio, é massa e não é só amapaense que ouve, ou macapaense, enfim, tem outras pessoas que já moram aqui. Diz o que é: um cheiro forte do ovo, do peixe, explica. Não custa nada. Eu penso que isso comunga com a boa comunicação, com a comunicação social inclusive.

#### Paixão pelo rádio

Minha paixão pelo rádio é antiga. Eu tinha dezoito anos quando comecei nas atividades. Quando eu entrei no rádio a gente tinha que fazer todos os testes. "Ah, tua voz é bonita? Entra" Como acontece hoje – nem todos os veículos de comunicação, mas

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Axingalhando: termo regional que significa xingar, ofender alguém.

<sup>3</sup> Alô Alô Amazônia: programa da Rádio Difusora que tem como intuito a comunicação entre a população ribeirinha das comunidades próximas de Macapá.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Pitiú: cheiro forte e azedo em alimentos de origem animal.



Armstrong no estúdio da rádio Diário do Amapá (Fotos: Iago Fonseca)

a maioria – "Fala bonito? Entra aí". Não, tinha essas coisas de teste, fazer off, escrever e gravar, aí você era chamado para o piloto - é ainda -, vai e grava, e deu certo fica. Pronúncia e interpretação, rádio é interpretação. Ele se transforma na tua mente, eu tenho que fazer a emoção chegar e tu criar a imagem como receptor. Aquela imagem eu vou ter que criar dentro da tua mente, então eu tenho que interpretar o que eu estou falando. Uma notícia fúnebre, uma notícia de morte, uma de aniversário, de congratulações, eu tenho que transformar isso, que eu vou mexer com a tua emoção. Muita gente não sabe o quanto é forte o rádio. O rádio é muito poderoso.

#### Som que motiva

Eu ouvia em casa naquela época, eu via aquilo e dizia "Gente, como é que é tudo isso?". A sonoplastia, antigamente fazia ao vivo a sonoplastia. Você batia um prato dentro do estúdio, hoje não, tem a tecnologia, ela já te dá as chamadas paletas com vários sons e você tira o que quiser dali, mas antes, não. O rádio é emoção.

Quando era operador de VT, eu via os colegas lá em cima falando, alguns pronunciavam bem, outros não. E eu ficava chateado porque eu sempre gostei muito de ler. Eu disse "Olha, está faltando ele ler mais.", eu fazia isso. Essas críticas lá atrás aos dezessete, que eu era operador de VT, e com dezoito que eu fui fazer os testes em rádio e me encantava quando ouvia Joaquim Ramos<sup>5</sup> gravando aquilo e eu me apaixonei. Aí de pronto, olha só a minha vida, tinha um programa que eu tinha que fazer na rádio Difusora de Macapá que era de carnaval, era exclusivo de carnaval só que eu não queria ainda, eu estava fazendo teste. Eu não queria, mas não tinha isso, você estava preparado, estava e acabou.

Não tinha muita gente, não tinha como escolher. Por isso é importante estudar, fazer uma faculdade, como vocês estão estudando, já são importantes. Não tinha isso. Aí eu fiz todos esses testes, era uma sexta-feira, eu tinha que entrar na segunda no ar. Pode fazer um programa de carnaval? Eu não entendia muita coisa do estúdio, só os testes não é a mesma coisa, não existia o Google ainda, então aquilo me encantou. Não tinha como tu assistir na internet "Deixa eu ver como é que é", como tem hoje, vai no Google, coloca lá e assiste alguém. Não tinha isso. Sempre gostei

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Joaquim da Silva Ramos: radialista que trabalhou nas rádios Educadora e Difusora em Macapá nos anos 1970 a 1990.



Armstrong apresentando seu programa na rádio Diário

de rádio, nunca foi outra coisa, embora eu goste do jornalismo fotográfico. Eu sou jornalista fotográfico, de carteira da FENAJ,6 eu sou. Eu gosto de foto também, mas a minha comunicação é no rádio, não tem jeito. Eu também sou apaixonado por foto, inclusive em breve eu estarei fazendo mensagem com as fotos que eu faço de natureza, somente.

#### Obstáculos vencidos

Todos que você imagina, colegas aprontando, colocando a gente em cilada, colegas de rádio que não entendiam que a gente era mais novo e estava lá. Assim como eu tive colegas que me ajudaram muito. Correa Neto, Terezinha Fernande, uma das rainhas do rádio, das mais antigas do rádio amapaense, Cristina Homobono, Nilson Montoril, Humberto Moreira e Paulo Silva, colega aqui. Eu ia para o estúdio, ficar vendo aquilo, o jornalismo que eles faziam. Conhecimento empírico para a época, aprendi assim.

#### Rádio na ditadura

Era muito arriscado, eu não estava no rádio ainda na ditadura, mas era muito sério. Teve um episódio, o Caxias tava no ar e uma senhora foi na casa do Caxias pedir para ir ao programa do Rodolfo Juarez, que era domingo, na Educadora, onde é a Equatorial hoje. Chegando lá, ela disse "Poxa seu Caxias, meu filho sumiu de casa, desde sextafeira está sumido, desapareceu, ninguém sabe". Ele ligou de lá, não tinha celular, e ligou pra rádio dizendo "Rodolfo, recebe aí a dona Maria", ela tinha um apelido. Aí foi para lá, quando ela chegou lá – tinha um bar, ali no Araxá, de nome "Xirí Molhado", era o nome do bar, e ela falou no ar. Pode um negócio desses? "Seu Rodolfo, meu

filho sumiu – e ela chorando – me falaram que a última vez que viram ele foi lá nesse "Xirí Molhado". Não demorou cinco minutos e a Polícia Federal chegou para fechar a rádio. A Polícia Federal ficava ali na Ernerstino Borges – para você ver o grau que era o militarismo para o rádio – então determinadas coisas você não podia falar no rádio. Nada de palavrão, dar opinião em relação a isso ou aquilo.

#### Expansão do rádio

Sim, o rádio se expandiu. Se bem que no impresso, jornal impresso, na minha opinião ele nunca vai perder a importância dele, porque uma notícia você quer guardar, você fala vai ao vento. Eu acho que o jornal impresso, nunca vai sair. A rádio ela é desde o início e sempre vai ser uma prestação de serviço. Então, ela foi uma prestação de serviços muito grande e é até hoje no estado. Muito, muito grande. Inclusive para essas coisas que eu falei agora, que é engraçado, mas era de utilidade pública. Você levava e deixava seu recado. Ainda que a rádio tenha tido muita influência de Brasília, o material aqui antes vinha de Brasília, gravado pronto, só faziam falar as coisas. Algumas coisas daqui.

#### Informação e notícia no rádio

A grande dificuldade hoje, é o que nós não temos aqui em Macapá. A rádio aqui, nós temos produção, por exemplo, o material que estava lá eu já estava produzindo o programa, só não tenho auxiliares para me ajudar, que eu deveria ter, mas é difícil. Como eu estou falando pra vocês, que as pessoas que formam em Jornalismo ou em Comunicação Social, elas vão logo, elas já querem ser assessoras de políticos, querem trabalhar com assessoria de impressa. Elas nunca querem ir para rádio. São poucos dessa geração nova, tipo a Ana Girlene e oAnderson Farias que agora estão com o Ney Pantaleão. Dessa

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> FENAJ: Federação Nacional dos Jornalistas

<sup>7</sup> Xirí Molhado: antigo bar regional localizado no bairro Araxá, em Macapá.

geração nova são poucos os que querem rádio, a maioria quer fazer assessoria. Então essa é uma dificuldade, a produção, pós produção e essas coisas. Na rádio nós temos porque a gente montou uma equipe, inclusive, em sua maioria deve ser 70% ou 80% da antiga Rádio Difusora. Repórteres, produção, o Mello que é nosso superintendente, ele é da rádio antiga da Educadora.

#### Rádio na era digital

O rádio ele é dinâmico, ele é online, mais online do que a internet. Às vezes as coisas acontecem, você faz o texto e manda. No rádio ele está acontecendo, tu estás falando aquilo, tu estais se comunicando ao vivo e a cores. Não tem cortes. Não tô falando de pré-produção, de um programa produzido. Não. Eu estou falando desse ao vivo ao vivo, de você entrar e PÁ! Daí todo mundo que ouviu "Agorinha assaltaram o banco", o cara não vai para a televisão, ele não vai para a internet, vamos resumir: A notícia, o povo se liga no rádio. A forma de falar, a responsabilidade no falar. Porque não é só você dar a notícia, é ter cuidado de entender que a pessoa que está aqui, ela tem família. Ao dizer "Olha acabou de falecer agora um cidadão de pré nome tal, mas gente não vai..." porque ele tem mãe, e se alguém ainda morre ali? A mãe dele sofre do coração e ainda morre? A gente vai entrar em contato primeiro com a família, isso tudo tem que ter hoje. É difícil, mas tem ainda. Essa preocupação de que a pessoa só quer dar a notícia, ela quer acabar logo com a vida do outro. Essa é a parte negativa do rádio. Acho que isso dá um prejuízo muito grande para sociedade, acho que quando se tem cautela, que é isso que é o bom rádio faz, aí você faz questão de ouvir aquilo. "Não, eu vou ouvir aquela rádio porque ele lapida mais as coisas para gente ouvir. Não é tão agressivo".

#### Ser a voz do povo

Eu me considero, porque nem toda notícia eu gosto de dar. Especialmente notícias que mexem com família, porque aqui todo mundo já se conhece, certo? Então você dá a notícia principalmente em relação ao fato, quanto a comentar notícia eu acho um pouco perigoso. Porque você corre o risco de ser imparcial, e eu não gosto. Afora que nem toda notícia que eu gosto, não que eu não tenha obrigação de dar. Ninguém tem a obrigação de dar, na verdade, mas que é uma notícia importante, a gente vai até ali, a gente tem limite para dar essa notícia. Então eu me preocupo, quando por exemplo um garoto mata alguém, aí já começam chamando de bandido e não sei o quê. "Cadê a família desse menino?", "Ah tu queres ser o melhor!", não, eu tenho família. Quando você tem família, o que você não quer para si você não quer para ninguém não. Então tem que ter cautela ao chamar o cidadão, a pessoa.

Querendo ou não, aconteceu um crime ali, mas ninguém sai por exemplo depois de um acidente de carro para matar ninguém, aconteceu. Daí o cara já é bandido, não vale nada? Não é bem assim. Eu penso muito em cautela. Pra mim o radialista tem que ter cautela ao falar, ao se comunicar, ele tem que pensar muito, mas muito em si principalmente. Mas agora, se ele tiver caráter né, porque se ele não tiver, não adianta. Porque no rádio você ainda pode corrigir, está gravado aquilo, tudo é gravado, mas você tem como corrigir ou pedir desculpas, na internet depois que você joga, o povo se aproveita daquilo e acaba com tua vida. Não é diferente aqui também "Ah, mas o Armstrong falou agorinha, tu tá ficando é doido! Ele falou agorinha que foi assim" e não foi. Eu cometi um equívoco e não tive o cuidado de voltar e dizer "Olha, não é bem assim". Eu tenho vários episódios que aconteceram comigo porque eu não tive o cuidado. Uma mulher tentou se matar ali e eu não quis dizer o nome dela porque a família dela é conhecida, "ah, mas pô, tem isso?", não é "ter isso" é que eu conheço a família, é cheia de problemas, então eu poderia ter dado um prejuízo maior. Então vamos ter cuidado, vamos dar uma amenizada, dizer que não foi bem assim. Tem que ter cautela na minha opinião. Cautela é tudo.

#### **Momentos marcantes**

Os piores momentos pra um radialista é quando ele vai anunciar que alguém, um amigo que faleceu ou um colega que faleceu. No meu caso por exemplo, eu tive dois episódios: que foram meu pai e meu irmão que sofreu um acidente. Meu pai morreu, ele teve um edema, que é diferente de enfisema, onde o edema é água no pulmão. E ele falou comigo, dois dias depois ele morreu, e eu no rádio. Como se vai fazer isso? Aí meu irmão sofreu um acidente e eu "Acaba de ter um acidente lá no sambódromo, em que um carro foi eletrocutado e meu irmão faleceu". E eu tava no ar, tinha acabado de falar com ele, eu era diretor de programação no rádio, aí eu disse "Faleceu uma pessoa, mais duas estão acidentadas, e não sei o que o Seu Lino estava fazendo lá", comecei a focar no Seu Lino, daqui a pouco o meu repórter entra no ar e antes ele diz "Poxa, tenho uma notícia não muito boa para te dar", aí eu disse, "O que foi?" "Teu irmão está morto aqui dentro". Essas coisas, no rádio então você tem que ter emoção para isso. Eu já vim para o ar com minha mãe acidentada, o carro dela bateu agora,

recentemente, mas eu tenho que me transformar, porque eu não estou fazendo rádio para mim, pensando só em mim. Então depois daquela notícia de morte que você dá, é mais constrangedor pro radialista, isso: tu tens que chamar uma música. Olha a confusão que é? Alguns entendem, mas tem gente que não. "Poxa mas ele não acabou de dizer que fulano morreu e já está alegre?", não é alegre, é que tem os que dão importância e tem outros que não. Eu não faço rádio somente para família de quem morreu, só que, cautela. Eu não volto com a mesma emoção, eu tenho compromisso de fazer, porque rádio é prestação de serviço, sobretudo a Hora Certa que para quem não sabe é prestação de serviço para quem? Para quem está no interior que não tem relógio, que não sabe ver hora a não ser relógio digital, nem todo mundo no interior tem relógio digital. Por isso que eu te falei a importância do rádio.

#### Entrevistas na memória

Teve Alcione e Zeca Pagodinho. Alcione foi no estúdio com a gente. É muito bacana que ela é tudo aquilo que a gente espera do artista, simpática, para cima, muito a gente, ela é do norte do Maranhão. É eu já fiz isso, por exemplo, entrevistar ao vivo aqui, entrar no meu programa, Neguinho da Beija-Flor, Luiz Melodia, Milton Cunha da Globo, o Puluker, que era do Esquenta. Que é meu amigo, todos eles são meus amigos ainda. Vou ao Rio e encontro com eles lá. Regina Casé quando ligou para fazer uma entrevista com meu pai, só que ele já tinha morrido e ela queria para um programa que ela fazia em que ela rodava o Brasil todo, aí eu tive que conversar com ela no ar. A irmã Dorothy Stang quela senhora que morreu, a freira, eu estava no ar quando ela morreu, o cara entrou de lá, na rádio de lá, Difusora, ao vivo, para dizer que tinham acabado de matá-la. Já tive algumas fortes emoções aí, boas, interessantes.

#### Rádio Universitária

Olha, a Rádio Universitária da Unifap eu não tenho mais ouvido a programação, mas têm alguns programas temáticos lá muito interessantes, que é os Afros Amapaenses, se eu não me engano tem um programa lá, tem um outro que eu não lembro que é de cultura, não lembro quem faz também – me perdoem, eu não tenho condição de ouvir todas as rádios – mas eu penso que a rádio universitária tinha que levar vocês mais lá para dentro, interagir mais com os colegas daqui – eu inclusive me proponho se a rádio quiser que a gente faça essa parceria, eu me estabeleço – sou um apaixonado pelo rádio, tenho outros colegas também que são. Chamar mais o pessoal para dentro, para vocês conhecerem os momentos da rádio, o histórico - isso que vocês estão fazendo hoje, mas na prática -, como é que se fazia, a gente até dizia como é que dava a Hora Certa antes, como é que é a Hora Certa, hoje. Como é que a gente chegava no estúdio. Eu acho bacana para quem está aprendendo, para quem está entrando no meio, conhecer mais o rádio, o fascínio que é o rádio. Eu penso que a colaboração poderia ser maior em relação a isso. E na minha humilde opinião, não é radicalismo meu, mas era também colocar pessoas na rádio universitária, programas na rádio universitária, que falasse a linguagem mais simples, a linguagem mais social. Porque tem gente que vai para o rádio e quer falar difícil, quer dar aula. Rádio não é para isso, a não ser que você habilite a rádio para dar aula, que é um outro sistema, é a comunicação que a gente faz web, é a do jornal, é a da tv, é a do rádio. Cada um é um modelo. O release que vai para o jornal, o que vai para o rádio, o que vai para a web. Então é isso que eu penso da rádio universitária, como ela é uma rádio educativa e é uma concessão da rádio que não pertence a universidade, a concessão é pública, tem que ter esses cuidados.

#### Inspirações no rádio

As minhas inspirações no rádio foram Antônio Correa Neto, Paulo Silva, o próprio Mello, Joaquim Ramos – Joaquim Ramos era um cara fantástico, era de uma voz. Ele produzia o texto, gravava e era só de uma vez, não ficava repetindo, como hoje você grava quando você lê isso aqui, se fosse para gravar ao vivo, talvez nem usasse uma linguagem mais rebuscada, mas se fosse alguma outra coisa que tivesse a necessidade de interpretação, eu tinha que ler umas duas ou três vezes. Ele não. Ele chegava, gravava, falava e não tinha hoje essas mesas especiais que mexem a voz, que muda a voz, era tudo natural. Um cara fantástico, Antônio Correa Neto, o Humberto Moreira, João Lázaro, o J Ney – cara que é nosso ainda – tem outros e outros colegas aí. Eraldo Trindade, muita gente que eu achava bacana na comunicação, que eu acho que eles fazem até hoje.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Esquenta: programa de variedades transmitido na TV Globo.

<sup>9</sup> Doroty Stang: Missionária que defendia a reforma agrária em favor dos mais carentes.

#### Alô Alô Amazônia

Eu não trabalhei no Alô, Alô, Amazônia. Fui diretor deles de programação. A parte que eu gostava mais é que eu fazia isso muito, e faço isso até hoje, é conhecer as pessoas. Aqueles personagens de lá, aqueles textos que a gente tinha que transcrever e as vezes a gente fazia o texto igual como eles escreviam, para você ver a importância da comunicação, a gente lia "ipsis litteris" <sup>10</sup>como estava escrito, porque era a necessidade deles entenderem no interior. O Alô Alô Amazônia era isso. Hoje em dia não mais, as pessoas já mudam o texto, mas quando a gente estava lá fazia questão de colocar as coisas do jeito que eles "olha fulano", "atenção fulano de tal, no rio tal, vai ter a festa tal, se você fizer confusão você vai ser amarrado na cepa do açaizeiro em cima dum reino de formiga". Era muito engraçado e tinha resposta, vinha um feedback de lá, o retorno. "Ah então não pode fazer confusão", era muito lindo o Alô Alô Amazônia.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Ipsis Litteris: nos mesmos termos, tal como está escrito.



# AZEVEDO PICANÇO

"PRETO AZEVEDO": A ALEGRIA DO DOMINGO

Lucas Costa Rafaela Justino Renata Nunes

#### QUEM É

\*Raimundo de Azevedo Picanço, 55, é radialista há trinta e oito anos, atualmente no ar com o programa de entretenimento Domingo é o Show. Devoto de São Jorge e amante de sua própria companhia, ele afirma que não tem desejo de casar ou construir família e vive bem e feliz em sua confortável casa, onde dá pequenas festas para reunir amigos de longa data. No ar desde seus dezessete anos, ele conta suas experiências e seus pontos de vista do rádio no Amapá. Natural do estado, ele aponta a família e origens como segredos de uma vida bem sucedida. Em entrevista emocionada ele declara seu amor pelo rádio e acredita que sua missão de vida é levar alegria para as pessoas através do entretenimento no rádio. Popularmente conhecido como "Preto Azevedo", ele garante que se dedicará ao rádio até o ultimo dia de sua vida.

#### CARREIRA NO RÁDIO

38 anos de profissão

"Eu acordo seis horas da manhã no domingo, tomo meu banho, troco minha roupa, tomo café e vou para a rádio, lá converso com os colegas, com os seguranças e as oito entro no ar, e pronto! Para mim aquilo é um templo, eu esqueço de tudo, até das minhas dívidas que eu tenho que pagar na segundafeira, e eu digo isso no ar, eu quero saber de levar alegria para o meu povo".

#### Familia e história

Raimundo Azevedo Picanço nasceu em Macapá e fala com orgulho de sua origem. "Sou Macapaense, nasci em casa, no bairro do Trem, uma casa amarela grande, e hoje moram as minhas irmãs, lá que eu nasci, e sou o mais velho de nove irmãos. A família sempre foi a base, quando você tem a família, as coisas se tornam mais fáceis, e naquela época, não que eu me sinta na melhor idade, mas com os meus 55 anos tenho muito história para contar, naquela época os pais diziam o que tinha que fazer e o que não tinha. Tinha hora de sair e a hora que tinha que chegar".

Ele conta que a educação que recebeu de seu pai foi um fator importante na sua formação como pessoa e profissional e os poucos recursos financeiros da família não foram impedimento para que ele alcançasse a carreira de sucesso que tem nos dias de hoje. "Eu era um garoto e nós não tínhamos condições financeiras de pagar empregados, então eu que ajudava a limpar casa. Somos nove irmãos e ajudávamos a limpar o quintal, porque nosso quintal era um pomar, tinha galinha. Assim era a nossa vida, vida de pessoa humilde, sempre fomos, graças a Deus o meu pai nunca deixou nenhuma riqueza, nenhum baú cheio de ouro, mas deixou educação, e mesmo sem o conhecimento da leitura tinha a sabedoria de passar o conhecimento e de nos ensinar o básico".

#### Homem de muita fé

Recentemente Azevedo passou por sérias complicações e ficou internado por dois meses por causa de uma doença chamada diverticulite, a mesma doença que matou o presidente Tancredo Neves na década de 80. Trata-se de uma inflamação no tubo digestivo, sendo mais comum no intestino grosso. Ele conta que apesar de ter sido uma experiência dolorosa, ele conseguiu tirar lições de vida com o episódio.

"Eu estive doente em abril deste ano, e o meu retorno foi a três domingos atrás em um link na casa da minha irmã, onde entrevistei o Padre Paulo, do Instituto Joel Magalhães (IJOMA). De repente o Padre Paulo parou e se emocionou. Ele disse 'sabe por que me emocionei em te ver novamente nesse microfone? Porque quando eu fiz visita para você no hospital, você estava muito debilitado, e eu conversava com você mostrando que a vida era aquilo e que nós tínhamos que passar por todo aquele processo. Às vezes Deus manda uma situação assim

para que você analise a sua vida e veja o que já fez e o que poderá fazer de bom pela frente. E no meio disso tudo você disse que a medicina do homem pode até falhar contigo nessa casa de saúde, mas a divina não vai falhar e Deus não ia te abandonar e você tinha muita fé nele'. Isso tudo me lembrou que eu coloquei Deus acima de tudo", conta Azevedo.

#### A ida para o rádio

"Eu trabalhava num centro de recuperação de menor, que hoje é o 'Deiai', antigamente era o 'Funabem', e eu era monitor auxiliar, ou seja, eu que levava os materiais escolares para os monitores passarem para as crianças que estavam ali em fase de recuperação. E eu fui me adaptando à linguagem deles, e chegou um baile de debutantes só com os menores que eram assistidos pela a fundação e quem foi chamado para apresentar esse baile das debutantes? Então tinha uma assistente social, que era minha chefa, e eu tinha uma amizade muito grande com ela, porque eu era aquele tipo de pessoa que era o 'cara-crachá', o que pediam eu estava fazendo. Nunca recusei a fazer qualquer atividade que me pediam, então eu ia cativando as pessoas cada vez mais lá dentro. Surgiu o questionamento: 'E quem vai apresentar esse baile de debutantes das menores aqui da Funabem? AÍ, eu acho que tem que ser uma pessoa que eles tenham um convívio, que eles tenham aquele dialogo. Ah, já sei, o Azevedo, então vamos convidar o Azevedo', e foi assim que formalizaram o convite. A minha resposta inicial foi: 'mas gente, eu nunca peguei o microfone público, não sei nem para onde vai isso'. Mas eu fui lapidado por uma colega de trabalho chamada Cristina Homobono, uma radialista famosa na época, pela Cristina Homobono e Edinete Moraes. Eram as "bam bam bans" da rádio educadora naquela época.

#### A primeira experiência

"Alguém chegou e disse: 'Azevedo vai ser tu que vai apresentar, a gente vai estar lá do teu lado, vai dizer como é que tu vai chamar: chama com empolgação, cada candidata que for adentrando no espaço você chama com aquela empolgação'. Deram-me um jornal para ler e as pernas tremiam, só que eu achava que seria uma festinha simples, mas tinha prefeito e tinha governador. A festa aconteceu no clube dos escoteiros, no Laguinho, ali na rua Eliezer Levi, foi lá que aconteceu. Tinha muita gente. Quando eu afastei a cortina, eu disse 'minha nossa senhora, lotado e agora', aí a Cristina fala, 'vambora, entra, pode ler tudo o que eu escrevi aqui para você, você sabe ler', ela disse". Azevedo conta como se sentiu em seu primeiro trabalho com o público. "Teve uma hora que eu deixei o papel e fui para o improviso, e ela lá perto de mim me olhando, e eu digo 'meu Deus, será que eu tô fazendo tudo errado, ela tá olhado para mim com uma cara feia, mas eu vou fazer e qualquer coisa depois ela briga comigo', enfim acabou o evento e ela tinha um jeitão de falar e disse: 'menino tu já trabalhastes em rádio garoto'! eu disse 'não dona Cristina, nunca trabalhei em rádio' e ela respondeu, 'mas menino tu tem jeito para trabalhar em rádio, eu vou te encaminhar para o Guilherme Jarbas, lá na rádio educadora e tu vai fazer teste e tenho certeza que tu vai ser apto nesse teste". Cunhou que a rádio educadora chamava jovens para quem quisesse seguir a carreira de radialista, porque existe o jornalista, que é o caso de vocês que é a faculdade, mas o radialista ele é um dom e é no improviso e está no ar o programa, hoje em dia faço 5 horas de programa e não se repete ali a linguagem. Bom e eu fiz, e ela me pegou pelo braço dizendo, 'tu vai lá na rádio', cheguei e falei, 'meu Deus', era máquina para tudo quanto é lado, fiquei empolgado e percebi que tinha alguma coisa haver comigo aquilo ali. E assim o Azevedo foi descoberto radialista. Eu ainda ia fazer dezessete anos e estou até hoje na profissão. Vivo do meu microfone, não tenho outra profissão", se emociona ao final do relato.

#### Dedicação ao rádio

"Então eu comecei a ver que era quilo que eu queria, porque quando criança eu adorava brincar com o meu irmão de pegar uma caixa de fósforos, furava, pegava uma linha e falava para ele 'fica aí que eu vou passar mensagem para ti'. Comecei na rádio educadora, ela era pioneira na cidade. Existia a rádio Difusora, mas passou muito tempo veiculada à rádio nacional de Brasília, na qual também trabalhei, e depois que o governo Collor privatizou as emissoras ela voltou a ser rádio Difusora, mas quando eu descobri que era aquilo que eu queria, e sou aquele cara que sou muito reservado para o meu trabalho. Não bebo álcool para não para prejudicar a minha garganta e não saio no dia anterior ao meu programa. Quem faz o profissional é você, a rádio é um instrumento, mas não é ela que faz o locutor, é ele que faz rádio; porque se o Azevedo sair lá da 93.9, no domingo, de oito da manhã as treze ele ir para o sábado à tarde, o público que gosta dele vai junto porque já está fidelizado. Ele troca de sintonia na hora, 'o Azevedo não tá mais na Amapá FM, está la na Equatorial' e muda para Equatorial. É porque eu faço um rádio popular, não gosto de fazer um rádio de fofoca, um rádio de 'puxação de saco', não gosto de falar sobre desgraça para os meus ouvintes, no meu programa você não ouve isso, porque o domingo é um dia diferente, é um dia de alegria", descreve.

#### Inspiração e apoio

"Eu não sei sé esse termo, mas eu tive apoio de uma pessoa que de vez em quando eu falo dele no ar e a família é muito grata por eu não o ter esquecido, e o rádio que eu faço hoje eu tive um apoio igual ao de quando você é criança e está começando a andar. No rádio foi o saudoso radialista Walter Marques. Aquele cara foi para mim o professor no estúdio, eu lia naquela época as notas da Companhia de Abastecimento e Saneamento do Estado - Caesa - e da Companhia Elétrica do Amapá - CEA - e qualquer aviso que chegava ele passava para mim, e falava 'não te afoba e respira, não deixa a respiração sair no microfone, com cuidado'; ele me policiava. O diretor na época era o Padre Jorge Brasílico, e ele era muito exigente".

"O Walter precisou tirar férias e falou assim: 'Padre, eu tenho um nome para deixar enquanto eu tiro férias: é o Azevedo e tenho certeza que ele segura esse pepino'. E o rádio era muito rígido naquela época, e eu peguei esse microfone, e o padre ficava do outro lado do vídeo me ouvindo e me olhando. E sem copiar o Walter Marques eu criei a minha própria linguagem."

#### Trajetória no rádio

Azevedo conta que existiam duas rádios no Amapá, a Rádio Educadora e a Rádio Nacional, da qual passou a ser funcionário. Ela era gerenciada pelo Governo Federal, o que torna Azevedo como servidor federal. "A maior riqueza que eu tenho na minha carteira profissional até hoje, é o carinho da Radiobras, porque não entrava qualquer um para a equipe".

Ele conta que não havia a venda de emissoras de rádio, ou era funcionário de uma das duas únicas emissoras do estado, ou ficava de fora do mercado. Quando abria vaga para trabalhar na rádio, não se levava em consideração a experiência, mas as habilidades e talento que o profissional demonstrava. "Naquela época não era fácil comprar um programa de rádio até porque quase não se tinha programas comprados e ou você era funcionário ou você ficava de fora. Quando as emissoras abriam alguma brecha para contratar pessoas do rádio, você até não precisava ter experiência, como dizia a minha avó 'você não precisava ter o canudo debaixo do braço".

Azevedo apresentava, nesse momento da história, um programa na frequência FM, que posteriormente teria a franquia vendida, mantendo apenas a frequência AM. Os horários de cada programação da rádio eram decididos em Brasília, através de análise da programação. Ele lembra que a Radiobras pedia o rolo magnético via telex, verificava a grade de programação em Macapá e a desenvoltura dos radialistas e formato de seus programas era o fator decisivo na hora de reorganizar a programação ao longo do dia.

A diretoria da rádio escolhia seus profissionais pelas habilidades que demonstravam no rádio. "Entrei na rádio nacional na época do regime militar. Fui apresentar um baile de debutante". "Naquela época o radialista tinha muito prestÍgio e seus lugares eram reservados nos eventos", relembra.

O Capitão Mário, do Exército, gerente da rádio nacional naquele período, estava no mesmo evento e se aproximou da mesa de Azevedo e convidou para uma conversa nos estúdios da emissora. Na semana seguinte ele estava fazendo um programa piloto na rádio nacional, na tentativa de conseguir a única vaga disponível para Macapá no momento. "Quem não queria trabalhar na rádio nacional? Era como um jogador do Flamengo querendo jogar na seleção brasileira. Não tinha porta para entrar, você tinha que passar na brecha" – conta o radialista entusiasmado. O programa piloto foi enviado para Brasília e aprovado, realizando o sonho de Azevedo de trabalhar na rádio Nacional.

#### **Momentos marcantes**

"O Joaquim Ramos tinha voz, nossa! Naquela época não tínhamos recursos tecnológicos para gravar, então era a voz seca e ele era um cara fora de série, mas tinha medo da Polícia Federal" Com a voz divertida em meio a risos, Azevedo conta um episódio divertido de sua trajetória. Era período de eleição e Joaquim da Silva Ramos era gerente da rádio quando a polícia federal chegou ao estúdio para intimá-lo a comparecer na delegacia para prestar esclarecimentos sobre a rádio ter se posicionado de maneira favorável à Azevedo como candidato nas eleições. O gerente foi advertido para que os locutores não fizessem campanha eleitoral fora de época. "Eu me lembro de colegas que marcaram na época da gente e ele, Joaquim, marcou muito, eu lembro com saudade deles e de outros colegas que já não estão mais conosco", o radialista suspira saudoso.

Outro marco que Azevedo ressalta são os desfiles militares da semana da pátria, que aconteciam na Av. FAB, em Macapá. "Eu adoro prestigiar a semana da Pátria, de quando éramos destacados para fazer a cobertura na FAB, eu gostava muito de fazer, são coisas que marcaram", afirma.

O impeachment de Color e o atentando de onze de setembro também marcaram a vida de locutor do radialista. "Eu estava na central de jornalismo, todo mundo conversando e eu me preparando para entrar no estúdio, porque na época eu apresentava o programa Girando a cidade. De repente foi aquela correria, alguém disse vem cá, cara, olha, teve atentado naquelas torres gêmeas

e aí veio o segundo avião e buum", relembra.

A nível local, Azevedo destaca um acontecimento que mudou a história do estado, o maior naufrágio da história do estado com a embarcação Novo Amapá. Era início de ano e o destino era a cidade de Vitória do Jari. Havia poucas embarcações de grande porte e o Novo Amapá era uma delas. A embarcação bateu em um banco de areia e naufragou, resultando na morte de mais de quatrocentas pessoas. Uma peça teatral conta a história da tragédia, atualmente.

"Foi horrível, eu tive um colega, o Humberto Moreira, que foi hospitalizado depois de fazer a matéria. Eu ficava no estúdio, mas fui um dia lá e vi os caminhões carregando os corpos cheios de mosca em cima, parecia filme de terror. As balsas chegavam com caixotes porque não havia mais caixões na cidade, tinha acabado. Foi terrível, quase todo mundo tinha um conhecido entre os mortos, eu vivi essa época", relata Azevedo.

#### O dia a dia no rádio

Azevedo descreve como era o dia a dia na rádio, no início de sua carreira. "Não era qualquer um que chegava lá e dizia 'quero ser locutor', abria a inscrição e você se inscrevia, quando chegava lá era assim: 'agora tá aqui, você vai ler essas cinco páginas frente e costa e gravar; operador, grave essas cinco páginas' - era como se fosse a copia do Jornal O Liberal, e diziam 'leia isso aqui' e você tinha que ler e depois ia para a produção para acompanhar aquela leitura e via os erros. Era muito rígido nessa parte."

"Hoje você ouve as emissoras e têm muitas que só querem saber do capital e você chega com dinheiro para comprar o horário e é só 'toma' e vende por mil e quinhentos, dois mil, três mil reais e não tem aquela preocupação com a qualidade. É por isso que hoje em dia tem aquelas emissoras de rádio que são processadas, porque o cara que vai para aquele microfone e não tem noção. Acha que está ali naquele estúdio é o dono da verdade, mas ele não é, você tem que ouvir os dois lados da notícia, principalmente quando você faz programa jornalístico e no meu caso que é entretenimento eu não mexo com essa área, mas ter programa jornalístico se faz necessário para nós sabermos das notícias. Agora têm pessoas que não tem conhecimento ou conteúdo para saber formalizar a pergunta de forma que obtenha uma resposta concreta para que a comunidade ouça."

Ele acredita que o mercado atual não dá mais importância à técnica que era utilizada no início de sua carreira no rádio. "Eu acho que, eu acho não, eu afirmo que havia mais técnica antes; porque hoje você pode sintonizar: é radio para tudo quanto é lado e o mercado está pequeno. Na minha época, na época que eu comecei a fazer rádio, nós só tínhamos apenas duas rádios, que eram a Rádio Educadora e a Rádio Nacional".

#### **Desafios e dificuldades**

"Hoje você tem um leque de opções de emissoras de rádio, mas na época só existam a Nacional e a Educadora e quem decidia toda nossa programação era Brasília. Naquela época você tinha a descoberta do dom e colegas como Paulo Silva, que está no mercado, Humberto Moreira, Anibal Sergio, Sebastião Oliveira, todos somos remanescentes da rádio Nacional que era um padrão de rádio rígido porque era o período do regime militar. Para tocar música no nosso programa, nós tínhamos que ir à Polícia Federal, onde atualmente funciona o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT), com o roteiro de todos os programas".

A Polícia Federal era quem fiscalizava. Djavan, Osvaldo Montenegro, que chegou a ser censurado, Caetano Veloso também foi censurado. E ela acompanhava a programação das emissoras, tinha um cara só para acompanhar. Era carimbado e levado para o estúdio o conteúdo analisado. A ditadura era assim: trabalhei na época do Ernesto Geisel e João Figueiredo".

"Hoje com a democracia, nós temos liberdade para se expressar, naquele tempo não tinha, a imprensa era 'Anastácia', vivia com a Mordaça, falávamos o curto e o necessário, nada de enfeitar o bolo". Relembra.

#### A transição para a era digital

Naquela época, usávamos máquina de datilografia. O telex era o meio de comunicação mais rápido e recebíamos as informações de Brasília por ele. Com a transformação da tecnologia veio o computador, celular, Whatsapp e tivemos que nos adaptar. Toda transição traz dificuldade, mas você tem que se adaptar ou fica para o rabo da fila, mas não foi um bicho de sete cabeças, pelo contrário, se tornou mais fácil conseguir as informações. Hoje você entra na internet, pega informações e monta seu programa de maneira rápida, naquela época não, não era tão simples conseguir as notícias. As emissoras de cada estado chamavam as outras emissoras para avisar que ia entrar um break - pausa - na programação para colocar um acontecimento no ar e assim todos ficavam sabendo da notícia. A rádio nacional era o instrumento da presidência da república e o telex era a ferramenta que ela nos dava para compartilhar informações, conta Azevedo.

Ele relata que a cidade de Macapá era pequena e não havia muitas notícias para apurar e as pessoas se encontravam na praça do mercado municipal para compartilhar os acontecimentos e os conteúdos locais eram produzidos através desse contato direto com a população.



Azevedo Picanço é entrevistado pela acadêmica de jornalismo da Unifap, Rafaela Santos (Foto: Lucas Costa)

#### Atuação no rádio no Amapá

"Você tem que ter zelo pelo que você faz e responsabilidade no que você diz. O microfone é uma arma muito poderosa, ela te constrói e ela te destrói. A pessoa pega o microfone e diz "Olha o fulano de tal é ladrão, essa cara não vale nada.". Esse "cara" tem família, vamos ouvir os dois lados da história e usar uma linguagem que não seja ofensiva. Muitos se apegam na vaidade porque são amigos de deputado tal, sobrinho de governador tal, por exemplo, não que todos sejam, mas o cara tem padrinhos que banca o programa dele e se empolga com aquilo, mas tem que se conscientizar que está temporário naquela função, ele não é o dono da rádio e nem o dono faz isso".

O radialista acredita que a dificuldade da juventude no rádio em dias atuais é a formação de um mercado escasso. O profissional se forma em jornalismo e não exerce a profissão porque não há grandes empresas que possam contratar esses jovens. Outro fator que ele aponta como problema no estado é o jogo político que desvaloriza a profissão. "Para ser assessor de comunicação você tem que ter abertura com classe do rádio, mas alguns políticos colocam aquela sobrinha que não sabe nem onde fica localizada a rádio para ser sua assessora e tiram a oportunidade de profissionais capacitados", aponta.

#### Habilidades de um radialista

"O rádio é do improviso, ele é da criatividade", afirma Azevedo enquanto descreve as habilidades que o profissional do rádio precisa ter, de acordo com suas experiências vividas. Diferente do jornalismo impresso ou televisivo onde se pode sentar na frente do computador e produzir uma matéria em texto e publicar ou noticiar de forma mais engessada, para ele o radialista tem que estar bem informado sobre o que vai falar, para fazer de maneira mais natural possível.

Ele exemplificou a entrevista no rádio, que não dá para fazer de maneira engessada, mas transformar num diálogo que não desgaste o ouvinte. "Por exemplo: 'vou entrevistar você que é secretário de saúde', eu não gosto que cheguem para mim com

perguntas prontas, se eu sei o que acontece na saúde do meu estado e já sei o que devo perguntar, e é essa a facilidade do radialista, e até tem aqueles curiosos. E eu nunca fiz rádio por vaidade, pouco me interessa isso de vaidade, faço por amor", afirma. Para ele é preciso ter a habilidade de conduzir a entrevista e perguntar o que está acontecendo na cidade. "Vai perguntando e questionando e quando vê já fez a entrevista, é essa a habilidade do radialista. O profissional não deve fazer rádio por vaidade, mas por amor, eu amo, sou apaixonado pelo meu trabalho", ele explica emocionado enquanto seca uma lágrima do rosto.

Outra característica que ele aponta como fundamental para o profissional de rádio é a capacidade de se adaptar à linguagem do seu público alvo e não confundir seus gostos pessoais com o objetivo e o foco do programa, não colocar músicas que não sejam indicadas para o público daquele horário, por exemplo. "Tem que usar uma linguagem que a comunidade ouça. Não vá querer falar indubitavelmente, porque a pessoa da periferia vai até achar que você está falando palavrão, pois ele não conhece essa linguagem, não vai muito por aquela linguagem do técnico, vai no 'rasteiro' para que ele possa entender. Ou você faz o rádio para o povo ou você faz para você. No meu programa, por exemplo, eu não coloco as musicas que eu ouço em casa", explica.

#### O Sucesso do "Domingo é o Show"

O programa de entretenimento na radio 93.9, a Amapá FM, apresentado aos domingos por Azevedo Picanço, está no ar há quase uma década. E ele conta o segredo para tanto tempo de estrada.

"O programa é passado, merengue, lambada e pouco do que eu ouço na minha casa, eu escuto MPB, mas naquele horário não 'calha', porque tem que ser aquele domingão para cima", afirma, explicando que a seleção musical é um dos segredos de tantos anos com o programa em alta frente ao público alvo.

"As músicas do Domingo é o Show tem um fator positivo. As músicas que eu toco são músicas que você não ouve nas programações da semana nas rádios. Elas querem tocar música comercial. As músicas que eu toco já aconteceram e eu fui por essa vertente para tingir o público de quarenta anos para cima, é um resgate, porque você não pode seguir nesse caminho sem ter a humildade de olhar para trás, o que já percorreu. Esse é o segredo para ir muito longe, nunca esqueça suas origens, eu nunca esqueci as minhas. Para eu vencer, foi muito trabalho, nada de falcatrua. Tem hora que a dificuldade aperta porque radialista não ganha bem, mas dá para sobreviver com responsabilidade."

Nesse momento, o radialista começa a cantar sucessos de seu programa, entusiasmado em uma total demonstração de paixão pelo trabalhado desenvolvido. Ele conta que se sente feliz em levar alegria às manhãs das famílias e que o entretenimento foi a área escolhida por não gostar de noticiar acontecimentos ruins. Ele ressalta que atinge um público que é formador de opinião e a linguagem que utiliza no programa é importante para atingir seu objetivo. "Se eu quiser falar bonito, eu escrevo textos, não quero falar bonito, quero falar com a baixada", ressalta.

#### Reconhecimento no rádio

"O rádio que eu faço é aquela coisa que eu vejo mais pelo dom, e sou solicitado por grandes eventos, e tem tantos jovens aí no rádio. Quanto maior o público, mais eu me solto e é melhor para mim. Então o rádio para mim é uma paixão, e eu digo quando estou no ar, fazendo o meu programa todo o domingo, e eu digo 'como é que eu vou pagar para Deus a profissão que ele me deu', porque se eu disser que gosto de fazer rádio eu vou ser muito pequenininho, porque eu amo o meu trabalho, é amor!"

#### Planos para o futuro

"Há um ditado que diz: em time que ganha não se mexe. Quando eu fui para a vertente do entretenimento eu tinha duas saídas: esse sucesso, minha identidade para com o entretenimento, sentir o público me abraçar ou o jornalismo com suas notícias ruins e denúncias que acabam acumulando inimigos. Eu prefiro ser um covarde vivo a ser um corajoso morto. Eu quero sentar de costas para a rua e sentir paz. Por isso eu optei pelo entretenimento. Eu quero levar alegria, ser para cima", afirma Azevedo.

Para o futuro, Azevedo diz que não quer algo diferente do que já tem. Seu objetivo é fazer rádio até o seu último suspiro. Uma vida bem vivida e sem ressentimentos, dedicada à sua paixão pelo rádio. Ele afirma que recebeu de Deus mais uma oportunidade de vida quando se curou de sua recente doença e quer cumprir sua missão de levar alegria para o povo que precisa através de seu programa. "Você passa a semana inteira ouvindo desgraça, quando chega o domingo, o Azevedo não quer isso ele quer levar alegria. Eu nunca gostei de fazer rádio dessa natureza – se referindo à notícia. É entretenimento até o final da minha vida, cumprindo com essa missão que Deus me deu, esse ser maravilhoso", finaliza.



## BENEDITO "ROSTAN MARTINS"

ALÔ, ALÔ, AMAZÔNIA!

Delano Borges Fernanda Lima Iracema Benjamim

#### QUEM É

\*Bendito Rostan Costa Martins. 58 anos, nasceu em 06 de novembro de 1958, em Breves/PA. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1986), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/ SP, 2002), doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2012); e especialista em Marketing Político e propaganda Eleitoral (USP, 2012). Professor efetivo da Universidade Federal do Amapá. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Radiodifusão. É radialista e jornalista. Lançou os livros: Alô, Alô Amazônia, oralidade mediada pelo rádio (2005); Sambou...; (2008); Zero voto (2009); Varal (2008); Coletânea (2009); Coletânea (2010); Poesia na boca da noite (2012).

#### CARREIRA NO RÁDIO

20 anos de profissão

"Eu tive meu primeiro contato em 1997, com a Rádio Difusora de Macapá. Foi quando eu fui convidado a ser diretor da Rádio Difusora de Macapá, em setembro de 1997. Foi aí que eu fui para dentro do estúdio, conhecer o que é o transmissão da rádio. Conhecer todos os setores, como funciona uma verdadeira emissora de rádio. Mas, aqui em Macapá, o meu pai... Lá em casa a gente já escutava muito rádio, como toda família amazônida escuta muito rádio. E, lá em casa tinha rádio. Minha mãe escutava novela no rádio, os programas no rádio. E, eu fui, na verdade crescendo, ouvindo rádio".

#### Trajetória

A minha trajetória é por dois segmentos da sociedade: primeiro, o segmento cultural, que seria falar da cultura. Cultura do amapaense, cultura amazônica. E, o outro segmento seria as artes.

Como eu fui me formar em Arquitetura. Sou arquiteto, depois fiz o concurso da Universidade e passei para o colegiado de Artes, eu desenvolvi essa parte do segmento das Artes. Mas, seria num desses dois setores, que eu tive o contato de programa de rádio.

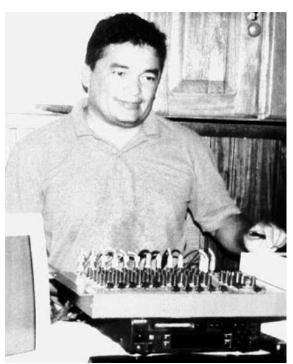
Primeiro, passei a escutar bastante esses programas, que têm esse editorial, essa linha, e depois eu me interessei por fazer um programa, produzir um programa. Participei de um programa ao lado do Luiz Melo (entrevista), que era na rádio 102. Depois passou para a Rádio Diário; trabalhei com o J. Ney, na área cultural, na Rádio 101, na Rádio 102. E, trabalhei num programa, na Rádio Difusora de Macapá, chamado: Nossa Cultura.

E, a minha trajetória foi nesses dois setores, passando pelo por esses programas do Luiz Melo e do J. Ney, e da Rádio Difusora de Macapá, como escolas. Depois, eu me interessei pelo rádio, e me interessei pelo programa Alô, Alô, Amazônia. Eu recolhi dados na Rádio Difusora de Macapá.

Já dentro da Universidade Federal do Amapá, apresentei o projeto para fazer o mestrado, o meu mestrado seria a análise do programa Alô, Alô, Amazônia, da Rádio Difusora de Macapá. Foi quando fui aprovado para a PUC, em São Paulo e a USP. E, aí desenvolvi o trabalho lá, falando da função do rádiop na Amazônia, e falando da Rádio Difusora de Macapá. Esses três temas eu desenvolvi na minha dissertação de mestrado. Com esse título de mestre, vim de lá e fui incentivado a fazer programa de rádio. Então, eu desenvolvi e participei mais. Quis ser apresentador e estar na produção de programas de rádio, nos setores de artes e culturais, com Colinha, falando de cultura.

Alô, Alô, Amazônia?

Quando eu cheguei na rádio Difusora do Amapá, o programa Alô, Alô, Amazônia era um programa discriminado. Eu relatei no livro que um funcionário da rádio que iria ser punido... que se fizesse alguma coisa de errado em seu setor



Diretor da Difusora em 1997 (Foto: Arquivo Pessoal)

de trabalho... Ele passava a ir trabalhar no Alô, Alô, Amazônia como forma de punição. O programa era totalmente discriminado. As pessoas não gostavam, as pessoas de Macapá não gostavam do programa Alô, Alô, Amazônia.

E, os funcionários pegavam isso... Dizer que as pessoas eram sujas, descalças para rádio... com mau cheiro, com cheiro de peixe. A maioria seria chegar no porto do Perpétuo Socorro, subir a rua e chegar na emissora pra passar a sua mensagem. Então, ele era totalmente discriminado, sobre tudo na rádio Difusora de Macapá.

Eu, tendo uma visão, verificando isso implantei uma sala para recepção dessas pessoas. Tinha café, tinha lanche e uma pessoa para recepcioná-los. Enquanto que, antes eles ficavam em pé do lado de fora da rádio na fila. Eles passaram a ter acesso a uma sala climatizada para esperar sua vez para assim, digitar, ler ou entregar a sua mensagem lá na rádio Difusora de Macapá.

As pessoas iam usar o pedido da rádio Difusora de Macapá e era um pedido que não tinha acesso para eles. E, eu coloquei uma pessoa para digitar as mensagens. Uma para receber as mensagens que eles já levam escritas, e uma outra, para escrever. Eles ditavam a mensagem e a pessoa escrevia.

E, aí o programa começou a ter um status lá dentro da rádio. Todas as mensagens teriam que ser pagas. Um real por cada repetição. Até o limite de três repetições por programas. E, tinha muitos usuários que não tinha esse um real para pagar e mensagem.

Então, eu fiz um projeto lá, e ficou estabelecido de que pessoas que fossem lá declarar de viva-voz mesmo; ao vivo lá, para a secretária e para o diretor,

seria feita uma avaliação, e entraram como mensagens sociais de cunho social. E, a rádio veiculava a mensagem dele sem o pagamento. Esse projeto depois foi para a assembleia legislativa e existe lá uma lei... (Essa semana veio o governador). Como o título de mensagem de cunho social na rádio Difusora de Macapá, ou seja, é dispensado o pagamento para as pessoas de baixa renda.

E tem esse status de um programa importante para região. Importante para a rádio amapaense e importante para os usuários. Já quisermos tirar o programa do ar, ele saiu um dia, no outro dia a população toda estava reclamando do programa Alô, Alô, Amazônia, porque ele é 100% de audiência no interior. De meio dia a duas da tarde... é um horário que é reservado ao interiorano a escutar a rádio Difusora de Macapá, que tem o programa Alô, Alô, Amazônia que passa as mensagens para o interior, um programa que é de cunho social, para a comunidade em geral.

Para as mensagens que as pessoas devem se comunicar... queria se comunicar ao vivo... Se comunicar em tempo real, seus parentes, com seus amigos, com eventos, com autoridades, prefeitos do município, autoridades que queriam se comunicar com essas comunidades. Eles vão à radio Difusora de Macapá passar sua mensagem, e essa mensagem é lida lá. Todo tipo de informação aparecem no Alô, Alô, Amazônia. Então é como se a pessoa tivesse hoje, uma telefone aqui na cidade, tivesse um e-mail, tivesse Whatsapp, tivesse essas redes sociais e pudesse se comunicar ao mesmo tempo, no mesmo local, e no mesmo espaço com essas pessoas de uma forma ou de outra.

E agora a rádio faz essa prestação de serviço com esse programa, em que fala a voz do ribeirinho, para o ribeirinho. E, há 48 anos esse programa está no ar.

#### Radiojornalismo no Amapá

Eu já sou a 4ª geração dos pioneiros de radiojornalistas. Nós temos outros, de tantos outros jornalistas que fizeram a primeira etapa do rádio amapaense, vivos ainda, que estão trabalhando como: o J. Ney, o Luis Melo, o Janjão, o Cristiano Onobono, Rotinete Moraes, o Aníbal Sergio, Humberto Moreira e podemos dizer que essas pessoas são da primeira geração do jornalismo amapaense, e também continuam vivos. A nossa história ainda está viva. Nós tivemos a rádio Difusora e a rádio Educadora como as primeiras do rádio amapaense.

Artes das Artes

O programa Artes das Artes é um programa que tem a sua linha editorial para divulgar, para comentar para tratar as artes de um modo geral, todos os segmentos como: a literatura, a pintura, a dança, o teatro, todos os segmentos artísticos, falar dos seus artistas, e falar dos presentes artísticos. Foi projetado para estar na Rádio Universitária, que tem o tripé de extensão de ensino e

pesquisa. E, esses três tripé esta no Artes das Artes, no segmento de artes. Quando eu fiz o projeto do Artes das Artes, a ligação com os cursos da Universidade da Unifap: arquitetura, artes visuais, teatro, jornalismo, letras e libras.

#### **Professor Munhoz**

Convidei-o para fazer parte do programa, ele de imediato topou e passou a fazer parte do programa e vir toda sexta-feira ler uma crônica que ele escrevia para o programa, assim, ele fez durante dois anos e meio. Ele participou do programa Artes das Artes divulgando toda a sua experiência, como professor, como viajante do mundo das artes. Contou a história do programa de museu que ele viajou, de espetáculo que ele assistiu, de viagem que ele fez. Ele teve uma grande importância aos ouvintes, que ficavam esperando a participação do professor Munhoz para o programa. Mais ensinamento, mais conhecimento para os ouvintes do programa Artes das Artes. Nós, do programa Artes das Artes, a gente quer agradecer essa participação do professor Munhoz. No programa sempre vai ter a nossa gratidão e dizendo que ele foi importantíssimo tanto para a Rádio Universitária como para o ensino da Universidade que divulgou bastante conhecimento do professor Munhoz através do programa Artes das Artes.

Nunca foi falado digamos assim, essas brincadeiras mais humorísticas. Nunca foram divulgadas, mas com o Munhoz, que é da primeira geração de radialista amapaense. Fez programas na rádio Difusora de Macapá, fez programa na Rádio Educadora de Macapá. Fez programas em outras rádios, mas no Artes das Artes nós chegamos a divulgar isso em várias edições do Artes das Artes, dizendo para ele dessa contradição: Como pode um ex-padre, que vai na missa todos os dias, participar durante 50 anos da banda? Que rola bebida, e vai de shortinho? E, seriam brincadeiras e casos desse tipo que a gente conversava com o Munhoz, e que ele gostava, achava engraçado. Ele mesmo entrava na brincadeira e comentava também sobre as situações.

#### Rádio ao vivo

Ao vivo a pessoa tem que saber fazer, e saber fazer depende de experiência. Então a experiência é uma questão muito séria. A pessoa tem que passar pelo serviço braçal de qualquer atividade que ele queira fazer ao vivo, então eu proponho que se a pessoa não tem experiência de rádio, que faça gravado. Vá para o estúdio, grave, que a pessoa fica muito mais calma. Pega essa experiência de algum tempo e aí passa a fazer ao vivo.

Para se fazer um programa para se ter audiência, cientificamente, seria estudando o Alô, Alô, Amazônia. Falar a mesma linguagem do ouvinte. Tem repórter, tem locutor que vai falar no microfone, e encosta a voz dele e quer falar como se fosse uma pessoa iluminada, aquela pessoa que sabe tudo, que entende tudo. O ouvinte não quer saber disso. O ouvinte quer saber que ele se coloque no mesmo pertencimento, na mesma cultura para que ele possa ouvir e dar atenção para o que o repórter ou locutor esteja falando. Alguns locutores não levam em conta isso e ele pega logo a antipatia da audiência. A audiência diz: "Ah, não, não vou escutar esse locutor. Ele quer ser muita coisa, além do que, ele não é". Tem que ser natural é passar a ser, pertencer a cultura mesma cultura. Então, seria tirar um locutor, digamos... vai fazer um rádio para os ouvintes amapaenses, então, teria um locutor de dentro da cultura amapaense e colocar na rádio, que ele vai falar a mesma cultura, que vai retornar pelo rádio a mesma cultura, que vai retornar pela rádio a mesma cultura para aquelas pessoas possam entender e aceitar. O que aconteceu no Alô, Alô, Amazônia foi que antes quem fazia o programa Alô, Alô, Amazônia, era o Olívio Fernandes falava o mesmo linguajar, o mesmo jeito que os ribeirinhos. Uma pessoa que saiu, da área do Afuá, veio para Macapá e foi para o rádio. Portanto, ele falava a mesma linguagem. Quando chegou um determinado diretor na rádio Difusora de Macapá, quis trocar o Olívio Fernandes, que já tinha muitos anos no Alô, Alô, Amazônia, por um jornalista que teria estudado em São Paulo e que teria feito o curso de radiojornalismo para fazer o programa do Alô, Alô, Amazônia. Esse rapaz não deu certo no Alô, Alô, Amazônia, porque ele não falava a mesma linguagem dos ribeirinhos amazônidas.

Se quer ser ouvido, falar a mesma linguagem dos ouvintes que ele quer alcançar. Então, vejam bem, um programa de rádio que vai falar de leis, que vai falar de justiça, que vai falar do curso de Direito. É uma linguagem que ele vai falar para os advogados, vai falar para os juízes, para os desembargadores, é um linguajar.

Se ele for falar para o pessoal do Ambrósio, para o pessoal do Muca, é um outro linguajar. Portanto, ele tem que falar da feira, tem que falar do jeito que a pessoa é, do jeito que a pessoa anda. Isso, já é meio caminho para que ele possa ter audiência. Outra coisa, o assunto, além de serda mesma linguagem, ele tem que falar assuntos de lá. Aí a pessoa quer falar assuntos que acontecem na Argentina, que acontecem na Venezuela. Basta ele falar da região onde ele quer alcançar. Então, não há segredo. É só... Ele quer fazer um programa de rádio de sucesso, basta atender essas três formas e está perfeito.

#### Importância da formação

A primeira geração amapaense de radiojornalismo, a segunda e a terceira nunca tinham passado por escola nenhuma de jornalismo. Fizeram o radiojornalismo de forma bem empírica. Depois que nós fomos ter o curso de jornalismo no SEAMA,

e aí os nossos jornalistas que estavam, foram para lá fazer. Então, muitos jornalistas, o Oswaldo Simões foi um que foi fazer jornalismo para fazer rádio; Humberto Moreira foi outro que foi fazer radiojornalismo; Valdo Sales foi outro; Costa Brito foi outro. Eles já estavam no rádio quando veio o curso de jornalismo.

O conhecimento, a teoria é importante. Na teoria você vai ter conhecimento de outros meios que desenvolvem o rádio, e outras análises que já foram feitas para que o rádio possa se desenvolver.

A teoria está no estudo de audiência; a tecnologia do rádio está no estudo da mediação que o rádio faz e está no estudo dos apresentadores. Então, antes existia a ideia de que só se fazia programa de rádio quem teria a voz de locutor de rádio. Mas, hoje não. Qualquer voz pode fazer um programa de rádio.

A teoria determinou, descobriu, analisou que qualquer pessoa hoje pode fazer um programa de rádio, desde que, ele faça dentro dos critérios teóricos, éticos, para que a audiência possa crescer com o que ele vai falar.

#### A voz no rádio

A medicina que determina já alguns tratamentos que você deve fazer, como: não tomar água muito gelada, como não forçar muito a voz, não impostar muito a voz, não gritar além da sua tonalidade. Então, cada pessoa tem a sua tonalidade. Ou então, você elevar esse tom, tipo gritar, você está forçando a voz. É possível que a prega vocal sua estoure e você tenha problema de voz.

Preservar a voz já dá muita qualidade. Também, você deve fazer exercícios para que você tenha uma boa dicção, porque você vai tratar de oralidade. Existe o trava-língua. Existem os exercícios de aquecimento. Aquecimento das bochechas, aquecimento dos lábios, aquecimento da língua e aquecimento da garganta para que a sua voz possa sair nítida para o ouvinte.

Se você for uma pessoa que vai falar embolado, sem nitidez, essa pessoa também não vai ter ouvinte. Todo radialista tem primeiro que preservar, ter cuidado com a voz, depois fazer esses aquecimentos para que sua voz saia cada vez mais perfeita, e de acordo com a sua linguagem pessoal. Com a sua nitidez, com o seu timbre. Vai falar no rádio e quer falar com o timbre de um radialista tal, com o timbre de um locutor de futebol tal, com o timbre do Roberto Carlos, com o timbre "não sei o que" ...Nada disso! Tem o seu timbre, basta você ser natural. E, aí você preserva a sua voz.

Também, uma boa leitura, com a pontuação, com a pausa. Sobretudo, a entonação, é importantíssimo para o locutor de rádio.

#### O rádio em Macapá

É uma avaliação triste pelo que divulgam. Ser um radialista atrelado ao poder, é meio caminho andado para o insucesso. Quase todos são atrelados ou a prefeitos, ou ao governo, ou seja, só divulgam coisas que a prefeitura faz, e que o governo faz.

Um dos objetivos do rádio é que ele seja porta-voz do ouvinte para as autoridades. Porta-voz do ouvinte para os ouvintes; da comunidade para resolver os problemas da comunidade. Mas, se a comunidade está com um problema, e este problema teria que ser resolvido pelo governo, o jornalista do governo, não vai cobrar o governo.

É realmente triste para o nosso rádio. Outra coisa, não concordo com o rádio que está tendo aqui em Macapá, que querem entrar por esse viés de fazer sensacionalismo em disputa com outro rádio; em disputa com outro locutor; em disputa entre eles.

Enquanto que a comunidade não quer saber disso, não quer saber se ele é atrelado à Assembleia Legislativa, atrelado ao governo do estado, atrelado à autoridades, para que só fale desgraças ou elogie o prefeito e critique o governo. Ou fala desgraças, elogia o governo e critique a prefeitura. Aí, nós não vamos a um rádio que a pessoa possa se deleitar, escutar uma música, escutar um texto bem lido, escutar um caso de sucesso da comunidade.

#### O rádio na Amazônia

O rádio da Amazônia tem uma função de agregar, tem uma função de companheiro. O ribeirinho amazônico leva o rádio para a roça, leva o rádio no barco, leva o rádio na sua canoa. As pessoas vão para a casa, e se reúnem no centro da sala para escutar rádio. O rádio amazônida é pessoal, no sentido de fazer parte da comunidade, fazer parte da sociedade.

No centro-sul ele é impessoal. Ele não faz parte de nenhuma sociedade, de nenhuma família. Ele fala de um modo geral para todas as pessoas. São rádios de cunho jornalístico.

#### Viver sem o rádio

Não. Eu acho que o rádio não vai acabar, ninguém se imagina sem rádio. Hoje nós temos o rádio no carro, em casa, no celular e na internet. Nós temos rádio em todos os lugares. O rádio, sobretudo aqui no Amapá já faz parte dessa convivência toda. O rádio não vai nunca deixar a pessoa, e a pessoa não vai deixar o rádio. Então, o rádio ainda hoje é o mais instantâneo. Se acontecer alguma coisa importante em algum lugar, vai primeiro para o rádio, depois que vai para o jornal escrito, depois para a televisão, depois os outros, a notícia e a informação.

E, o rádio nós temos essa história da trajetória do rádio, quando ele surgiu em 1920. Ele foi até 1950 se desenvolvendo, e surgiu a televisão. Veio o comentário de que o rádio, com a televisão, ia desaparecer. Pelo contrário, a rádio se reinventou. Mas, anos 80 chegou a internet, também veio o comentário de que o "rádio, dessa vez, ia desaparecer, o jornal escrito também vai desaparecer. Vai ficar a internet e a televisão". Pelo contrário, o rádio continua firme e forte. Absorveu a internet, a internet absorveu o rádio e agora nós temos emissoras pela internet. Temos as rádios pela internet.

Se você quiser escutar qualquer rádio do mundo, hoje, você entra na internet e acessa a rádio, você escuta a rádio. A internet está sendo um instrumento para viabilizar o rádio. Então, nunca vai desaparecer. Se ele não vai desaparecer, e as pessoas gostam de rádio, as pessoas amam a rádio, muito mais do que amam a televisão, muito mais do que amam o jornal, então o rádio é íntimo da pessoa. A pessoa tem intimidade com o rádio, como tem intimidade com o locutor. Quando sabe, quando a pessoa vai dar a hora, como vai dar hora; como, o que vai falar...

Passar a ter intimidade com aquela emissora de rádio. Sabe quem é o diretor da rádio, sabe todas as informações. E, a internet é apenas um meio, um instrumento. Vai lá, usa aquele instrumento, viabiliza.



Rostan Martins (Foto: Arquivo Pessoal)

#### **Aposentadoria**

Nunca vai acontecer. É tipo o professor Munhoz. O professor Nilson Montoril falava que é uma cachaça quando a pessoa gosta do rádio. Então, tanto faz a pessoa. Velhinho, velinho vai gostar de rádio. Alguma coisa ele vai fazer para o rádio, e o rádio tem que fazer alguma coisa por ele. Com certeza então, não vai se aposentar. Nem o rádio e nem a pessoa, nem o ouvinte.



#### QUEM É

\*CÉSAR BERNANDO DE SOUZA É natural de Volta Grande – MG. nasceu em 1952 e é filho de Esmeralda José de Souza e Fernando Bernardo de Souza. Formado em Ciências Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, chegou ao Amapá em 1974 e aqui se radicou. É casado com a professora Consolação, pai de Tito, Fernando e Danilo, avô de Jéssica, Vili, Camilo, Letícia e Lorenzo. Trabalhou como professor habilitado para o ensino fundamental e médio nas disciplinas de agricultura, agricultura especial, zootecnia e ciências. É instrutor Supervisor de Educação para o Trabalho - LBA/AP. Diretor do Museu de História Natural "Ângelo Moreira da Costa Lima". Funcionário público do ex-território federal do Amapá. Membro da Associação Amapaense de Escritores – Apes. Coautor das seguintes publicações técnicas: Manguezais do Amapá (MAMCL) – Macro Zoneamento Ecológico Econômico do Amapá (Iepa) Zoneamento Ecológico Econômico da Região Sul do Estado do Amapá (Iepa) – Laranjal do Jari: Realidades que devem ser conhecidas (Iepa) – Mazagão: Realidades que devem ser conhecidas (Iepa) −O Município e o Meio Ambiente (CEMA). Participante de três antologias: Crônicas do Amapá – Contos do Amapá – Poesia do Amapá. Escreveu e publicou: Mestre Açaizeiro e Assembleia dos Peixes (Tarso Editora, 2013). Além de articulista e radialista há 18 anos na rádio Antena

## CÉSAR BERNARDO

#### RÁDIO, LITERATURA E BATALHAS

Kellven Vilhena Núbia Paes

#### CARREIRA NO RÁDIO

18 anos de profissão

"De certa forma, meu ingresso no rádio teve a ver com a política. Em 1999, eu fui presidir, criar e presidir, a fundação Ulisses Guimarães aqui no estado do Amapá, que é o braço da inteligência do PMDB, na época o MDB no país".

#### Início no rádio

Nós abrimos a fundação aqui no Estado e sentimos a necessidade de fazer as pessoas entenderem o que era aquela fundação e porque ela recebia dinheiro, ela trabalhava com dinheiro público. 20% da verba partidária era para a fundação. Então eu senti a necessidade de mostrar para as pessoas, o máximo possível o que era a fundação, porque já estava havendo muito comentário e muita fofoca, era necessário esclarecer. E o melhor caminho que encontrei para usar o dinheiro da fundação foi comprar um horário no rádio, que era de uma hora como é até hoje, e nesse horário a gente falava das atividades da fundação, convidava as pessoas para participar, prestava contas e com isso a gente foi ficando na rádio. Quando foi já em meados dos anos 2000, a fundação já não tinha mais o mesmo dinheiro que tinha. O dinheiro passou a ser administrado diretamente por Brasília, então todo mês eu teria que mandar o projeto de quatro programas de rádio para Brasília, para poder receber o financiamento. Aí eu parei, achei melhor não fazer mais o programa em nome da fundação. Como eu tinha feito uma certa audiência no rádio, a direção da rádio achou por bem que eu ficasse no horário por mais um tempo ainda que eu não pagasse, e esse mais um tempo foi ficando e já estou há 18 anos no rádio (risos).

#### Trajetória e momentos marcantes

É interessante até, porque no momento que nós entramos no rádio motivamos – tenho essa vaidade de dizer –, motivamos outros companheiros a procurarem também um espaço no rádio, como aconteceu com o doutor Leonai Garcia, que tinha um programa de rádio com audiência muito grande aqui no estado do Amapá, que é o "Saúde em Foco", que até hoje continua no ar apesar dele ter morrido, agora com o doutor Cláudio Leão e o doutor Eduardo, mas esse programa vem desde lá. O Leonai então se motivou, imaginando sucesso, ele pensou se minha voz de pato rouco fez sucesso no rádio, a voz dele de periquito podia fazer também (risos).

Então o Leonai comprou um horário no rádio e começou, mas nesse momento que ele começou, achou que precisava de mim, eu devia estar lá com ele para dar uma força até que se habituasse. Com isso eu comecei a fazer uma parceria no programa Saúde em Foco, logo a seguir entrava o Debate Positivo, e eu acabei então ficando, ao invés de uma, duas horas no rádio. A seguir, através do rádio, nós conseguimos a decisão final de um companheiro muito bom que nós tínhamos aqui para que ele entrasse na política através do MDB, que era o



César Bernardo, em sua casa, durante entrevista à Núbia Paes (Foto: Kellven Vilhena)

deputado Dalton Martins, ele era apenas um médico, mas tinha o desejo de ser político e tinha um projeto importante para a Unifap, que era a faculdade de medicina aqui no estado do Amapá. E o Leonai por ser médico, e eu por acreditar que já era hora mesmo de termos uma faculdade de medicina, demos corda ao Dalton para que ele fosse para o programa. Então ficava o Leonai, que era o âncora do programa, depois o Dalton que era o sócio, e eu de bicão lá com eles (risos). Eu tenho uma satisfação muito grande que faço questão de colocar para vocês estudantes de jornalismo e também para aqueles que vão usufruir do trabalho de vocês, fazer rádio no Amapá, fazer jornalismo no Amapá parece simples, mas não é não. Aqui, apesar da cidade ser muito expandida, ainda é uma cidade pequena sob o ponto de vista da população.

400 mil pessoas ainda não é uma grande cidade e você gente ainda. O falatório é muito grande a propósito de

ainda tem esse relacionamento quase pessoal ou interpessoal com muita gente ainda. O falatório é muito grande a propósito de opiniões, porque gostam do radialista, gostam do jornalista, quando você está falando bem dele, enquanto você está elogiando está tudo bem, mas na hora que você vai criticar, quando faz uma descompensação a propósito de um comportamento público de alguém, normalmente vem uma retaliação. Então, eu tenho para afirmar para vocês com muita satisfação que em 18 anos de rádio nós recebemos uma única reclamação à direção da rádio.

Uma única reclamação, uma vez que eu faço questão de relatar para discutirem isso mais adiante, de uma forma injusta que acabou manchando, digamos assim, o nosso currículo, meu e dos companheiros. Porque poderíamos estar falando agora de 18 anos sem uma única reclamação contra nosso trabalho. Aconteceu da seguinte maneira, aqui em Macapá houve uma vereadora, mas muito jovem essa vereadora, e a família dela estendeu a calçada para a rua como é costume aqui em Macapá muita gente fazer, inclusive promotores da justiça, estender a casa até o passeio da rua e nessa época trabalhava comigo um grande jornalista, o maior jornalista que eu considero aqui no estado do Amapá até hoje, o José Antônio Bonfim Salgado, e o Bonfim, então da forma incisiva como ele costumava resolver aquilo que era e parecia mal feito a ele, ele fez um comentário lá com nomes e endereços e o irmão dessa vereadora era deputado estadual, e nesse momento ela se achou, e ele, porque eram dois políticos numa casa só, se acharam em condições de calar a boca de quem estava falando deles, e foram à rádio e fizeram uma solicitação formal à direção para que nós saíssemos do rádio, nesse momento a direção da rádio disse que não.

Pode processar, pode ver todos seus direitos, digamos assim. Então, essa ficou como uma marca no nosso programa, mas fora isso, apesar de nós não tocarmos música no nosso programa, nós apenas analisamos a semana aqui no estado do Amapá, nós desagradamos muita gente, eu sei disso, mas nenhuma única vez nós tivemos uma reclamação com pedido de resposta formal feito pela justiça porque nós fazemos um rádio, não informal, mas não tem aquele rigor profissional, aquelas coisas todas, de maneira que se alguém no meu programa quer um direito de resposta, ele não precisa ir atrás da justiça é só ligar pra mim e se eu julgar que falei alguma coisa que ele mereça voltar atrás naquele assunto, ou retomar aquele assunto, eu mesmo concedo. E mesmo se eu julgar que não, eles podem pedir na justiça, podem pedir para a direção da rádio, que eu não dou, entendeu? (risos). Tira meu programa do ar, me manda para a cadeia, faz o que quiser, mas eu não dou, mas isso nunca foi necessário. Então eu tenho essa satisfação de dizer isso para vocês, porque vocês estão se encaminhando para a área do jornalismo e de fora as pessoas às vezes imaginam que tudo são flores, mas não, tem muito espinho na trajetória.

#### Habilidades do bom profissional

A primeira coisa eu acho o seguinte, eu sou professor, eu fui professor na Unifap em 1982 quando ainda era núcleo da UFPA, porque era nosso desejo de ter uma universidade nossa aqui, então eu aceitei de ser professor naquela época, depois fui professor na universidade em 1986, e eu estou falando isso não por mim, mas para responder a vocês, eu sempre disse aos meus alunos

uma coisa que quero dizer a vocês, e que eu nunca admiti de outra maneira o aluno na minha sala de aula: o papel do estudante é estudar. Nada mais. Aí ele pode nas horas vagas, ele pode fazer a política dele, namorar, fazer o que quiser, mas no momento que ele se colocar como estudante, se ele não estuda, ele não é estudante, ele frequenta uma escola, mas não é estudante. Então a primeira coisa é essa, o estudante que quer ser um profissional de qualquer área, mas especificamente no jornalismo, ele tem que estudar e estudar muito. E não só as matérias do jornalismo. É tomar conhecimento do mundo envolta dele. Por exemplo, tem que ter um conhecimento de línguas, não pode ser uma língua só, e mesmo que ele fique numa só língua, ele tem que aprender um pouco mais sobre a nossa língua. Porque é muito doloroso a gente ver um jornalista falar errado ou escrever errado como a gente vê muito aqui, hoje as pessoas têm a mania de desaparecer com o S do plural, como senadores por aí falando cada abobrinha que não é brincadeira. Na boca do político fica até bem, mas no jornalista não fica bem.

Então, a primeira coisa é essa, quer ser jornalista? Não é ser mais um não, quer ser jornalista mesmo? Estude bastante. Segundo, leia muito, leia tudo, inclusive aquilo que você considera uma idiotice, para você não repetir e para você formar um conceito daquilo que é realmente idiotice nos meios de comunicação, isso é muito importante na minha opinião. A outra questão é, aqui no Amapá, eu disse no início que ser jornalista não é fácil, porque fazer comunicação custa dinheiro. Então essa é uma dificuldade grande que temos aqui, de existir, sob o ponto de vista da comunicação, mas é uma dificuldade que se reflete e repercute muito na personalidade e no trabalho direto do jornalista. Ou seja, muitos, entre aspas, se vendem para poder se manter na mídia e isso é uma coisa que eu tenho certeza, eu fiquei surpreso, por que? Porque eu não preciso de dinheiro da mídia para eu cuidar da minha vida. A mídia para mim é uma coisa que veio a partir de uma necessidade de ocupar meu tempo, digamos assim. Mas aqueles que vivem disso, lamentavelmente eles têm que fazer esse jogo, mesmo que não queiram.

Então a comunicação, parece que não, mas ela precisa de dinheiro. Jornalista é igual criança, ele come dinheiro, qualquer momento que você está trabalhando você está gastando dinheiro, o seu, o da empresa, e essa coisa tem que ter uma repercussão financeira de tal maneira que você possa continuar melhorando no teu trabalho, trabalhar com mais independência, se for fazer um nome na comunicação porque isso é outra coisa fundamental, é você construir um nome na mídia e você manter o seu nome na mídia e isso é dureza e eu reivindico isso pra mim, mas já expliquei, é porque não é que seja melhor que ninguém, é porque eu não dependo. Eu não fui para a imprensa para ganhar dinheiro, não é meu primeiro trabalho. A outra coisa que gostaria muito de deixar para vocês aqui é essa vinculação, as vezes voluntária do jornalista, do radialista, para a política.

Eu por exemplo poderia estar sempre dando uma guinada para o PMDB, porque eu só saí do PMDB aqui por causa do câncer, mas eu fiquei aqui no Amapá 36 anos no partido, mais os 2/3 anos que trouxe de Minas Gerais, quase 40 anos no mesmo partido, então posso dizer nesse momento que tenho um microfone a minha disposição eu poderia estar livrando a cara do PMDB, mas eu não faço isso, primeiro porque eu estou decepcionado pra caramba com meu PMDB (risos), segundo porque meu nome no rádio que eu quis construir, ele é caro para mim. Então toda vez que vou em Minas Gerais ver meus pais e meus irmãos, eu levo de volta o nome que eu trouxe, então o nome que eu trouxe para cá a 43 anos atrás, eu preciso de mantê-lo, porque quando eu vou em casa eu tenho que entregar meu nome de volta ao papai, papai é dono do meu nome, a mãe é dona do meu nome, então não posso levar um nome diferente, um nome sujo, por causa dessas bobagens. Então eu tenho esses radicalismos, entre aspas, comigo, e com isso eu vou me fazendo no rádio.

#### A produção de notícias no Amapá

Isso aí é, quer dizer, não é contradição para o que falei antes, mas eu avalio a qualidade da produção de comunicação aqui no estado no Amapá com nota 10. Acho de excepcional qualidade. Explico porque, por exemplo, um radialista, um jornalista aqui no Amapá, dificilmente teria condições de fazer uma cobertura de um fato lá em Porto Grande, que é logo ali, 100km, não teria. Não tem gasolina, não tem carro, não tem dinheiro, não tem jeito de levar uma câmera, enfim. Nossa imprensa tem essa particularidade de existir na avenida FAB, na Leopoldo Machado e na Padre Júlio. E mesmo assim se faz um trabalho de excelente repercussão da verdade dos fatos aqui no estado do Amapá. A outra questão é a internet, ela ajuda aqueles que têm boa vontade, e ela transforma em ídolos aqueles que são espertos, então hoje você fazer um texto dentro da redação você pega um telefone mesmo ou computador e você rapidamente produz uma coisa que parece muito importante, mas aquilo ali já é coisa antiga já é conhecida. A noite as televisões todas, todas elas, você assiste um primeiro jornalismo aqui quando termina você passa para outra e é a mesma coisa, a mesma coisa. Então a internet ajuda o jornalismo, mas não ajuda a formar um bom jornalista não.

Um bom jornalista tem que estar ou na redação, ou na rua. Porque a notícia tem uma extensão maior que o fato. E eu acho que é aí que está o que é mais importante na comunicação, é você dar a extensão do fato. Ou seja, um carro atropelou uma pessoa

de 25 anos ali na rua, esse é um fato. A extensão do fato seria que aquele rapaz era estudante ou não era, era isso e aquilo, o motorista era assim e assado, o acidente aconteceu por causa de buraco ou falta de iluminação. Ou seja, tem uma extensão do fato que o jornalista entra nessa seara para se consagrar como um grande jornalista. E que rapidamente as pessoas que estão lendo ou ouvindo, elas percebem isso. E tem aquela coisa de acontecer o fato na rua e daqui a meia hora você ir lá na internet e tem lá fotografia e tudo, mas a opinião de que você está colhendo de lá já não é a sua, é de quem botou primeiro lá, de quem chegou primeiro, e essa pessoa pode ter qualidade ou não, pode ter interesse atrás daquilo ali ou não.

Então, não estou falando de jornalismo investigativo, mas estou falando da possibilidade e do desejo que o jornalista deveria ter de estar em busca da notícia e ao lado dela. Ele não gera a notícia, mas está ao lado dela. Na medida do possível ele está em todo lugar onde um fato vai acontecer. É uma força de expressão, mas é mais ou menos isso. Quer dizer, jornalista está em todo lugar. E que antigamente era assim, porque o trabalho do jornalista era um gravador na mão, uma bicicleta, uma coisa qualquer, mas hoje a internet tem momentos que eu acho que atrapalha a carreira de um jornalista. Eu por exemplo tenho um amigo meu que sempre reportei como um grande editorialista, uma capacidade enorme de fazer uma matéria de jornal rapidamente, hoje eu não gosto mais de ler porque tudo que vejo lá eu vejo na internet, está lá de outra maneira, mas está lá. A gente não vê mais ele na rua, porque o trabalho dele agora é dentro da redação e na frente do computador e com internet. Então a internet no momento, em determinado momento, prejudica a gente.

#### O rádio na vida do amapaense

Ah, isso dá até para fazer palestra para vocês (risos). Olha, nós vivemos ciclos né. E um dos principais ciclos da vida da humanidade foi a internet, a internet é um negócio impressionante, eu não sei explicar, mas sei ver e sei perceber o quanto a internet ela certamente modificou a vida de todo mundo. Então, todas as vezes que surgiu um ciclo novo de comunicação, o discurso é "ih, vou matar o rádio", "o rádio vai desaparecer" depois veio que a pilha está muito cara e ninguém quer saber de rádio mais e hoje você tem o telefone, mas o telefone tem o rádio lá. No computador você pode ouvir qualquer rádio do mundo inteiro em determinado sites, e a grande verdade é que o rádio continua sendo uma busca daquelas pessoas que querem ouvir alguma coisa, que querem aprender alguma coisa, que querem se aproximar de alguma coisa. Por que? Porque muito raramente você vê um rádio reprise, ou seja, o programa que você está ouvindo hoje foi gravado, nada disso, o rádio ele é ao vivo ainda, ele acontece naquele momento.

O rádio tem uma abertura que eu acho que responde pela sobrevivência do radialismo: que é a interação. Você está vendo as vezes alguma notícia na televisão e está bem feita e está bonita, mas você não tem a possibilidade naquele momento de intervir naquele fato. No radio não, o cara está falando, você pega o telefone e liga e há uma norma no rádio: o ouvinte tem prioridade, você interrompe qualquer entrevista, qualquer coisa, pelo ouvinte. A outra questão é, nós temos muitas rádios aqui no estado do Amapá, graças a Deus, mas no momento que estou falando aqui se essa coisa é azul, o outro está falando que é vermelho, no rádio e ao vivo também, quer dizer, então o rádio permite esclarecer em tempo mais curto aquilo que o ouvinte está ouvindo, aquilo que a gente está empurrando na cabeça dele. É por isso que o ouvinte percebe rapidamente quando você está naquela de bajulação, na hora que você está fazendo uma injunção injusta a respeito de uma pessoa ou de um profissional o ouvinte percebe na hora. Então o rádio continua sendo o companheiro, e não só de ribeirinho, de quem está dentro de floresta, nada disso, quem está dentro do carro está ouvindo rádio, quem está no banheiro está ouvindo rádio, quem está com o telefone celular pode estar ouvindo rádio, porque tem o rádio. Então rádio ele na verdade não se distanciou das pessoas por causa dos ciclos de tecnologia que vem surgindo um atrás do outro numa velocidade muito grande, o que ocorre é que às vezes o ouvinte se distancia do radialista, quando ele se cansa do radialista ele larga aquilo para lá.

#### O radio na era da internet

Hoje a internet no rádio ela não é como no jornalismo, acho que a internet só ajuda o rádio. Por exemplo, hoje eu faço meu programa no rádio, mas todo mundo está vendo o programa no Facebook. Nem sei como eles fazem aquilo lá, mas de repente a gente está ao vivo no Facebook (risos). Aí você está fazendo rádio e chega aquele monte de mensagem. Então a outra coisa no radialista que tem pouco recurso, ou ele vive de botar música o tempo todo, ou ele está com o computador aberto na frente dele, para fazer 1 ou 2h de rádio. Eu, graças a Deus, nunca abri um computador na frente porque me preparo para fazer programa, eu mesmo escolho aquele que quero discutir e só levo lá aquilo que sei falar, mas a internet com relação ao rádio acho que ajudou muito, não só no sentido de levar mais adiante. Ontem mesmo eu falei com uma menina que teve câncer junto comigo, lá em Brasília, eu tive aqui, ela teve lá, e eu fiquei uma época muito sensibilizado com ela, porque de madrugada ela entrou nesses mecanismos que tem aí no computador de falar ao telefone, e ela chorava muito dizendo que me acompanhava no Facebook e que ela estava desesperada porque estava sentindo que ia morrer e tal.

A partir daquele momento eu comecei uma interlocução com ela, com a Dani, Dani Catunda, e antes de ontem, não, na quartafeira, ela botou uma notícia de que os médicos de Brasília acabavam de declará-la livre do câncer. Então ela comemorando e



Os bastidores do Programa de Rádio de César Bernardo na 102 FM. Ao lado esquerdo, o eterno Prof. Antônio Munhoz. (Foto: Arquivo Pessoal)

participando comigo lá, eu falando aqui em Macapá e ela me ouvindo em Brasília muito claramente através do Facebook, ou seja, a internet facilita. Hoje até meus irmãos ouvem meu programa lá no Rio de Janeiro, na cidade onde nasci. Então a internet para o rádio ajudou muito. Agora eu acho que o jornalista não deve se acomodar com as possibilidades da internet e deixar de formar uma personalidade para ele. Ou seja, ele falar o que ele sabe, e não o que ele está lendo ali, porque o que ele está lendo na internet todo mundo está lendo também.

#### Infância e o rádio

Eu nunca tinha tido experiencia com rádio. Quando era garoto eu tinha um desejo muito grande de escrever. Escrever sempre foi uma coisa que me fascinou uma vida inteira, desde pequeno e agora em relação a falar em rádio principalmente não porque eu vivia na roça, num lugar muito acanhado em Minas Gerais e nós, acho que nem eu nem ninguém, nos dávamos o direito de sonhar algo tão distante da gente naquele momento. Então nenhuma participação na rádio até 1999. A não ser o gosto de ouvir rádio, aí já é o contrário, desde pequeno que ouço o rádio, porque naquela época que eu vivia lá, nós ouvíamos rádio em dois momentos só. Primeiro que o rádio era com aquelas válvulas, e tinha que ligar quase meia hora antes até ele esquentar e tal, com toda aquela chiadeira danada. E os momentos de ouvir o rádio, eram numa novela que tinha no rádio que chamava Gerônimo, o Herói do Sertão, e como não tinha televisão na época e nem na nossa casa, aquela novela no rádio monopolizava as atenções todas. E depois a Voz do Brasil, era através da Voz do Brasil, que até hoje se mantém no rádio, que nós lá no meio do mato nos inteirávamos das coisas que estavam acontecendo no país e no mundo. Então essa proximidade com o rádio se dava nesses termos apenas.

#### Caminho na literatura

O gosto por ler e escrever é desde pequeno. Eu meti isso na cabeça, que eu saberia escrever alguma coisa, na minha escola, na época era colégio de freira dominicana e eram muito rigorosas, e entre elas tinha uma que era ranzinza e enjoada, mas era uma grande professora da língua portuguesa, a irmã Antonieta. Ela era muito inacessível, era difícil de chegar perto dela, mas ela era



César Bernardo com seus companheiros de estúdio (Foto: Arquivo Pessoal)

uma pessoa que o elogio dela valia muita coisa, e houve uma vez então que ela criou um concurso no colégio, era uma redação, chamava de composição na época, e eu entrei nesse concurso e ganhei, ganhei uma caderneta de poupança. Eram dois cruzeiros na época, mas de qualquer maneira, aquilo me deixou, como se fala aqui, na "pavulagem", muito metido (risos). Acima de tudo porque foi ela, a professora Antonieta, que fez a entrega do prêmio, e fez uma pequena predição antes da entrega, ela então disse que via em mim um potencial, e aquela coisa que me animou para o resto da vida e eu acreditei muito naquilo e comecei a achar que tudo que escrevia era bom (risos). E foi logo a seguir, não, bem depois, que veio a necessidade de eu sair da casa dos meus pais para ir para o colégio agrícola e depois para a universidade, então eu fui para o colégio agrícola muito novo e a seguir, lá mesmo, emendei para a universidade.

A pobreza não me dava condições de eu ir na minha casa todo tempo, ia em casa num semestre umas duas vezes, às vezes uma vez só, e com isso tive que viver sozinho, e viver sozinho fazia com que quando eu queria falar com um amigo, mesmo que não mandasse a carta, eu escrevia, sentava ali na minha mesa lá e escrevia, e depois nem mandava as cartas, mas a maneira que eu tinha de superar aquele isolamento de não poder ir em casa e tal era ficar escrevendo carta mentalmente e essas coisas todas. Pois bem, chegou o momento que eu tive que vir para o Amapá, aí o isolamento foi maior ainda porque era muito longe e nos primeiros oito anos que vim para cá eu não pude voltar na minha casa por falta de dinheiro, eu estava subempregado e tal. Aí sim, aí comecei a escrever mesmo, escrever contos, transformar minhas experiências.

Eu sempre fui uma pessoa muito embevecida com o Amapá, o Amapá me dominou. No primeiro momento que vi o Amapá, falei nunca mais iria sair daqui. Então eu gostava de contar para as pessoas que ficaram lá como era o Amapá, que coisa inusitada que eu estava vendo aqui, completamente diferente de Rio de Janeiro e Minas Gerais. Então eu escrevia mais ainda. E foi acumulando. Agora nesse momento eu estou com mais de 30 livros escritos. E já publiquei e participei da publicação de vários, já publiquei 3, mas tem muito ainda para publicar, mas esses livros são muito antigos, são livros da década de 70 e 80 que depois fui ajustando e fazendo revisão. Aí comecei a publicar meus livros agora em 2011. Quando o câncer me acometeu eu achei que ia morrer e achei que uma das grandes perdas que ia ter era de nunca ter mostrado para ninguém o que eu tinha feito. Então publiquei um livro, "Mestre Açaizeiro", que foi um livro que hoje é best-seller da história do Amapá até agora, vendeu 7.500 exemplares aqui, muito bem aceito aquele livro graças a Deus. Publiquei o "Doutor das Calçadas", mas agora em setembro eu lanço o "Contos que te conto". E também recentemente, eu agora vou escrever mais ainda, publicar mais ainda, porque fui eleito para a Academia Amapaense de Letras, e isso me deixou absolutamente, aí sim, agora que fiquei na "pavulagem", agora que eu fiquei metido mesmo (risos).

Fiquei numa alegria enorme, e estou falando isso nesse momento sem que me perguntem pela junção que quero fazer da memória da irmã Antonieta, ela disse isso "césar escreve e mostra" e eu escrevia e guardava (risos). Quer dizer, eu estava indo contra a memória dela, até que comecei a mostrar o que eu escrevo e graças a Deus já veio esse reconhecimento que para mim é o máximo num momento de grande importância na minha vida porque eu estou doente outra vez. Então estou muito feliz com a literatura. Agora sim, agora falei em literatura, porque depois que comecei a achar que estava escrevendo contos, romances, essas coisas, eu comecei também a ler, porque literatura não é só você escrever, você tem que ler também, você tem que ficar dentro do universo literário e acima de tudo dentro da cabeça de quem escreve, porque se é uma coisa martirizante é a vida de escritor, escritor sofre muito, mas até agora a literatura tem sido um presente para mim, agora uma honra muito grande para mim e se Deus quiser vai ser uma coisa que vai amenizar muito esse período que eu estou atravessando de muita doença e de muita dificuldade. Vai amenizar muito essa minha vida com certeza. Agora o câncer que se dane, não estou dando a mínima para o câncer (risos).

#### O cancer: testemunho

Eu vivi muita dificuldade na minha vida, minha procedência é a da mais legítima pobreza, meu pai todo mês agora, mando dinheiro para ele, meu pai ganha até hoje salário mínimo. Nós éramos muitos filhos, então você pode imaginar que a minha vida nunca foi fácil. Eu vivi muitas dificuldades na minha vida, aqui no Amapá, vim para cá, passei oito anos sem poder voltar, logo tive meus filhos, e luz cortada, e aluguel vencido, aquela época da inflação que você recebia um salário e se você não tomasse um táxi para pagar logo o aluguel, quando era o dia seguinte o preço já era outro. Então eu vivi muita dificuldade na minha vida, mas eu nunca vivi uma dificuldade tão grande quanto o câncer. O câncer é terrível. Não quero constranger vocês com essa conversa aqui, mas é muito difícil. De maneiras que houve um momento sim de desistência, mas não de pequenas coisas, mas da minha vida mesmo. Precisei de auxílio de psicólogo porque chega um momento que você não aguenta aquilo, sabe? Não aguenta. E eu, então, apesar da convivência grande que tenho com muita gente, numa família boa, tinha noites aí que eu passava a noite toda chorando. Nossa, negócio difícil, mas, devagar eu fui compreendendo o destino que estava nas minhas mãos. Então eu resolvi retribuir ao Amapá tudo que o Amapá me deu. Eu resolvi fazer com que, a partir do câncer em 2011, eu viveria apenas para os cancerosos. Nem vivo pelos meus filhos mais, nem netos e nem nada. Vivo para os cancerosos. E com isso nos empreendemos uma batalha aqui no estado do Amapá para que as autoridades pudessem enxergar, não só as autoridades, mas a sociedade pudesse enxergar melhor para nós cancerosos, e por isso nós avançamos muito. Nos aproximamos do padre Paulo do IJOMA, o Instituto de Câncer Joel Magalhaes, o padre Paulo criou e nós aderimos. Nos submetemos a liderança do padre Paulo, acertamos os nossos ponteiros e fomos para a rua. E hoje o IJOMA e todos nós respondemos por uma grande melhoria na questão do câncer no estado do Amapá. É a saber que quando fiquei doente entrei no hospital e aqui só tinham três médicos oncologistas.

Hoje nós temos 28 a 30 médicos de oncologia aqui no estado do Amapá. Nós só tínhamos uma porta por onde entrar, e uma porta que permanece até hoje um verdadeiro chiqueiro. E hoje nós temos duas clínicas espetaculares muito boas. Nós já vamos inaugurar rádio terapia, nós já vamos inaugurar o hospital infantil, enfim, muita coisa mudou e eu, sem modéstia nenhuma, me insiro bastante nesse movimento que foi feito aqui para nós podermos melhorar alguma coisa no estado do Amapá. Agora, eu não precisava de ter tanto azar assim, né? Porque eu tive um primeiro câncer, que foi um câncer de intestino. Cuidei desse câncer e fiz a minha parte, e graças a Deus não faltou nada. Mas aí me veio um segundo câncer, agora em 2016, um câncer de linfonodos, e que me causou um sofrimento imenso que me mostrou que o primeiro câncer não era bem aquilo que eu estava vendo. Uma coisa horrorosa, um troço terrível esse enfrentamento desse segundo câncer de linfonodos.

Acabei de cuidar dele agora, dia 23 de junho de 2017. Fui para São Paulo fazer o estadiamento e as avaliações devidas, mas chegando lá já houve a constatação de um terceiro câncer que é esse que estou enfrentando agora neste momento, que nem comecei ainda o tratamento, que é o câncer de pulmão. Então, modéstia à parte, acho que acontece com todo mundo, ele me causou muito sofrimento, mas me melhorou muito. Hoje eu sou uma pessoa muito melhor do que eu era, eu sou capaz de entender melhor a vida, entender as pessoas, de compreender as dificuldades de um modo geral porque o câncer me deu esse tempo, essas noites acordadas para pensar nessa situação toda, então, o câncer acabou me ajudando um pouco. Mas também me deu um recado, o recado de apressar as coisas. Eu estou com pressa. Eu tenho pressa de terminar tudo que comecei.

Uma das coisas que eu quero terminar é publicar os livros que escrevi e agora estão todos ordenados. Se não der tempo de publicar eu já vou deixando para cada um, um neto ou um filho, e aí depois se quiserem, publiquem, mas eu gostaria de meus livros todos que escrevi fossem colocados à disposição da crítica, para que eu soubesse se a irmã Antonieta tinha razão ou não, se eu sabia escrever ou não (risos). Não só isso, eu hoje assim tenho certa angústia de ver meus netos e filhos que parecem que estão

andando devagar, mas não é verdade, sou eu que estou andando com muita pressa, muita velocidade, porque sei que o câncer é uma doença perigosa. Chega um momento que ela não depende mais da gente, não depende mais de médico. Então, eu tenho uma certa pressa sim. A outra pressa que eu tenho é de que as minhas opiniões cheguem rápido à sociedade. Eu não quero que ninguém tenha dúvida a meu respeito. Não quero esperar eu morrer para dizerem que eu era assim ou assado, tem que falar agora. Então eu estou muito valente lá no rádio, eu estou muito valente (risos). Eu estou falando muita coisa que talvez as pessoas não querem ouvir, mas eu estou falando porque nada mais me amedronta. Não pode acontecer nada mais de pior na minha vida do que o câncer. Principalmente três. Nem sei porque tudo isso, mas vamos lá.

#### A vida no Amapá

Eu vim aqui para o Amapá, primeiro, por opção mesmo, eu gostei daqui, mas eu já trouxe para o Amapá uma coisa que eu tinha obrigação de entregar para os amapaenses. Eu trouxe um curso superior pronto para cá. Numa época em que, principalmente para nós negros, não era uma coisa tão simples. Então eu tinha uma coisa para dizer para as pessoas daqui. Então fui professor de muitos estudantes aqui. Muitos alunos. Eu trabalhei no interior do Estado por 29 anos, ali no Instituto de Pesquisa, inicialmente Museu Costa Lima e depois IEPA. O nosso trabalho não era só de colher plantinha e colher bichinho, era de conversar com as pessoas e entender a sistemática que estava por trás daquelas pessoas, daquelas árvores, daqueles bichos, etc e tal. Então eu sempre tive assim, uma convivência grande com muita gente. Em 1985, aqui na Fazendinha, tinha um garoto que, está lá até hoje, o Romério, casado, mas continua cego, o Romério ele era cego e o pai dele era um vendedor daqueles bares, eu gostava muito do pai dele, e um dia o pai dele pediu ajuda porque parecia que ele tinha chance ainda de recuperar a vista e faltava dinheiro e tal. Então eu vim para casa, nessa época eu trabalhava lá na escola da Fazendinha, José do Patrocínio, e sentei naquela noite e escrevi um texto. Naquela época havia um jornal aqui em Macapá, eu fui e entreguei lá, e quando foi uns dois dias depois o texto apareceu no jornal. Articulista, já me chamando de articulista (risos). A repercussão do texto foi boa. A gerente do Banco da Amazônia se apresentou para cuidar do garoto. Infelizmente não foi possível cuidar do Romério, porque quando nós chegamos no hospital com ele para fazer os exames, quando acendiam aquelas luzes dentro do consultório, ele que era cego, o coração dele disparava, a pressão dele aumentava muito, então não foi possível cuidar dele naquela época, e o Romério continuou cego lá na casa dele, lá na Fazendinha. Pois bem, mas apareceu quem ajudasse em função daquilo que eu tinha escrito, e o jornal recebeu também recebeu "louros" daquilo também né, e me telefonou "ah, manda mais um artigo".

Eu me interessei e em 1995 comecei a escrever artigos para jornais. Chegou um momento em que no mesmo dia eu escrevia para o Diário do Amapá, Jornal do Dia, para o Diário de Notícias que tinha aqui, e para o jornal O Liberal. De sorte que eu tenho aí comigo, mais de mil e quinhentos artigos catalogados e guardados aí, no computador e impressos. Está tudo aí, direitinho aí, Escrevia muito, Então essa era uma comunicação que eu tinha diariamente com as pessoas que liam os jornais e as pessoas que se envolviam na discussão da opinião daqueles que liam o jornal. Ou seja, você lia um artigo meu, mas ele não lia, mas quando chegava lá na escola ele "ah, eu li um artigo do César, e ele não concorda e tal" e aí começava uma discussão, de repente isso foi passando. Depois vieram os cursos de jornalismo. Eu sei também que muito desse material está guardado, catalogado nas universidades, e também fui fazer algumas, palestras não diria, mas algumas conversas com estudantes e tal, de maneiras que isso foi ampliando. Aí veio a internet, veio a internet e eu fiz um blog (risos). Lá tem 560 artigos publicados lá, só naquele blog. Depois veio o Facebook, me encheu o saco, eu larguei o blog para lá, mas de maneira que a comunicação sempre me agradou, eu sempre fui muito falador e sempre quis ter a minha opinião. Eu sempre tive essa disposição. Eu quando fiz 18 anos, a primeira coisa que fiz foi me filiar no MDB. Em 1970, a ditadura estava cassando todo mundo, sofri muito com isso, paguei um pato enorme por causa disso. Não fui para a cadeia, nada, mas não arranjei trabalho, muito dificil, mas mesmo assim eu até hoje sou filiado ao MDB, só não sou militante mais, mas sou filiado ao MDB porque não me dispensaram dessa filiação. Eu sempre fiz questão que as pessoas conhecessem minha opinião e nunca aceitem negociar a minha opinião. Por exemplo, volto a dizer, 36 anos no MDB aqui. Fui Presidente do Diretório de Macapá, Vice-Presidente do Diretório estadual, Presidente da Fundação Ulysses Guimarães por dez anos, e nunca ocupei um cargo por conta de política. Nunca, nunca ocupei um cargo. Nem me ofereceram, nem eu pedi. Porque o meu objetivo no MDB não era cargo, nem para mim nem para meus filhos, nem nada. Eu apenas queria levar para a política a minha visão, que eu tinha a respeito da minha visão de mundo, a respeito de vizinhança, essa coisa toda que eu vivia.

Então a comunicação na minha vida sempre foi presente, mas nunca com o intuito mercantil. Não é que eu seja melhor que ninguém. É que eu sempre achei que sempre fui muito radical naquilo que eu penso, e eu nunca imaginei que as pessoas tivessem de concordar comigo. Então para que eu vou estar querendo um cargo, se eu sei que dificilmente as pessoas vão concordar com minha opinião, mas eu nunca quis omitir minha opinião. Por isso ter um meio de comunicação para mim sempre foi bom por isso. Porque eu tive a oportunidade de me dar a conhecer, todo mundo me conhecer. Não é que eu seja famoso aqui, mas todo mundo me conhece pelas opiniões que dou.

E eu sustento tudo que eu tenho como opinião, até o momento em que ver que está tudo errado, mas ah, como eu ouço por aí né, "o César é um falador", isso não me atinge, não tem problema nenhum, pode falar à vontade, não muda minha opinião. Agora, como eu disse, sempre fui professor, sempre tive estudantes, alunos de todos os níveis, e eu graças a Deus nunca tive um contratempo dentro de sala de aula, "ó professor, você está dando aula errada", "isso aqui não era isso", a direção me chamar lá. Não, nada disso. Eu sempre cuidei muito daquilo que tinha de comunicar alguém, e graças a Deus até hoje nunca tive nenhum problema, o que me dá a sensação de que eu não estive muito errado durante a minha vida, não estive tão errado assim não. Mas né, a vida, sei lá, agora eu estou aprendendo a viver melhor que antes, e pode ser que daqui a pouco eu vejo que está tudo errado e se tiver errado aí eu vou vender mais, aí vou vender muito (risos).

#### Compreender o mundo pela comunicação

Porque olha só, a comunicação não está no jornalismo apenas. O jornalismo é uma maneira mais "bulinada" de você se comunicar. Ah, o professor tem que saber ser comunicativo. Um médico, ele tem que saber se comunicar. Aliás, a gente ouve mais é isso né, o médico não se comunica direito com os seus pacientes. E assim por diante, quer dizer, todos... um vendedor: como é que ele vai vender as coisas se não tiver capacidade de comunicação com seus clientes? Um comerciante, todo mundo. Então a comunicação é inerente ao espaço em que a gente dá na vida. Como dizia o Chacrinha né, quem não se comunica se trumbica (risos). Então a comunicação não é uma coisa propriamente de radialista, de jornalista. Ela é uma coisa da vida da gente. Então eu, graças a Deus, não me dei tão mal na vida, porque consegui de certa forma estabelecer uma comunicação com meu meio ambiente, com o meu redor, e isso fez com que minha vida fosse menos amarga, mas graças a Deus está tudo bem. Eu desejo a todos vocês, todos vocês são estudantes de jornalismo né, desejo sucesso na escola de vocês, mas aqui no Amapá, vocês me permitam a minha opinião agora sobre isso, aqui no Amapá está faltando um pouco mais de personalidade nos estudantes, nos universitários daqui. Você vê, olha, o Brasil inteiro levantou-se contra esse decreto do Michel Temer, mas aqui você não vê um movimento, de nada. Os estudantes de Letras... você faz lançamento de livro, e olha que tem muita gente lançando livro por aí, e você não vê um estudante de Letras no momento do lançamento do livro, você não vê um coordenador de curso. Você não vê a universidade abrir a porta para você fazer lançamento lá.

Para que os estudantes tenham um pouco mais de contato com a literatura local, os escritores e tudo mais. Porque a literatura, na minha opinião, pode valer muito dinheiro. Você vê, por exemplo, Jorge Amado, ele transformou a Bahia com a literatura dele. Quer dizer, a literatura tem um poder muito grande que o Amapá está desprezando. E vocês, como jornalistas, não devem desprezar isso. Por exemplo, sugiro que alguns de vocês, dentro da área de jornalismo, saiam para a área de crítica, crítica literária, crítica de arte, crítica de música. Não temos esses profissionais aqui e isso é um campo aberto para vocês. Para a área de editoriais, de editoração, melhor dizendo, de livros, de gráficas... por que não? Um jornalista montando uma gráfica para imprimir livros e outras coisas. Então é preciso que nossos jornalistas aqui e nossas universidades, elas desafiem um pouco mais os estudantes no sentido de o jornalismo nosso se firmar. Porque senão... o que está acontecendo com a soia aqui?

O Amapá hoje é um grande produtor de soja, mas não tem um amapaense plantando soja. Todo mundo de fora. Daqui a pouco vamos chegar a um milhão de habitantes aqui no Amapá, vai ser uma grande cidade, aí o jornalismo vai ser uma coisa muito importante, mas se a gente bobear, vem esses aposentados da Globo tudo para cá, tomar o lugar de vocês (risos). Estou falando sério. Está vendo esses jogadores de futebol? Todo mundo no Santos, no Ipiranga, e assim pode acontecer com a nossa área de jornalismo aqui. Então é preciso que vocês tenham um pouco mais de ousadia, de fazer um jornalismo a altura do Amapá. O Amapá é muito bonito, é muito misterioso. O Amapá ninguém conhece. A verdade é essa. Eu vou finalizar minha fala aqui, senão eu não paro de falar, mas finalizo com o exemplo do Zé Miguel. Já pensou se o Zé Miguel fosse o que ele é lá em São Paulo, no Rio? Ele era um dos grandes artistas do Brasil, mas infelizmente ele está aqui e esse Rio Amazonas é uma barreira para ele. Osmar Júnior... tem um bocado de gente boa aqui no Amapá, assim como tem muito jornalista bom aqui e muitos radialistas bons. O Jota Ney, por exemplo, se ele fosse jornalista da Rádio Globo ele estava milionário.

O Jota Ney tem quarenta e poucos anos na rádio. Então é preciso que a gente tome como posse do que é nosso. Estou falando isso não é para criticar a universidade não, é para estimular os estudantes a tomar posse do que é nosso. Então tem aí um campo muito grande, mas é preciso que haja essa consciência de posse. Não é essa coisa de Amapá para amapaenses, não é isso, mas é preciso que a gente abra os olhos, senão tudo que a gente tem vai embora, porque a gente não tem aquela agressividade de tomar conta do que é nosso. E vocês, o jornalista é o quarto poder sem dúvidas, e com a Assembleia Legislativa de péssima qualidade como a gente aí, o jornalismo fica como segundo poder né (risos). O jornalista manda mesmo, decide mesmo, porque é muito ruim esse Poder Legislativo, tanto municipal quanto estadual aqui. Então é preciso que vocês percebam isso, que há um potencial muito grande na mão de vocês, e que o estado do Amapá pode ser outro, se nós tomarmos conta do Estado. Agora, se continuarmos perdendo espaço como estamos perdendo, vem um concurso aí e ... pô, os caras tão



#### QUEM É

\*RAIMUNDO CUNHA LOPES, nascido no dia 13 de outubro de 1954 em Belém, estado do Pará. Na juventude foi estudante de medicina, no entanto nunca chegou a concluir o curso que é sempre um dos mais concorridos e desejados em todo o país, pois tinha como desejo ir além e conhecer outros lugares. Aos 24 anos, Cunha Lopes deixou sua cidade natal e foi morar no Rio de Janeiro, antes de firmar residência no estado do Amapá, já morou em quase todos os estados brasileiros e já conheceu oito países. Desde cedo mostrava gosto pelos estudos, ainda garoto aprendeu a falar inglês com uma família americana que morava nas proximidades de sua casa. Esse aprendizado que obteve quando ainda era uma criança foi quem lhe trouxe ao Amapá. Cunha Lopes veio ao estado para trabalhar na ICOMI como gerente de exportação, devido sua habilidade em falar línguas estrangeiras. Porém, foi após o encerramento das atividades da empresa no Amapá que ingressou na profissão de radialista. Com seu estilo sincero e incisivo logo conquistou um espaço no coração do povo da cidade de Santana, onde ele reside.

## **CUNHA LOPES**

#### A VOZ POLÊMICA DE SANTANA

Mauricio Gasparini Mellina Garcia Fernando Pereira

#### CARREIRA NO RÁDIO

17 anos de profissão

"Eu me descobri no rádio aqui no Amapá com esse convite, comecei na rádio 92 FM aqui em Santana e ali comecei uma vida no rádio, uma vida da qual eu nunca mais quis sair. Então estou nessa vida desde o ano 2000, graças a Deus estamos completando dezessete anos já, nessa profissão maravilhosa que Deus me deu".

#### Início na profissão

Eu venho de um trabalho na ICOMI como gerente de exportação, quando a ICOMI acabou, quando ela encerrou suas atividades aqui no Amapá, eu de repente por um convite do Geovani Borges e do falecido 'Cabuçu' Antônio de Pádua Borges que interpretava o Lurdico, no ano 2000, estiveram na minha casa e me convidaram para fazer rádio onde eu me descobri, na verdade eu renasci, desde criança eu amava e tinha o sonho de fazer rádio, eu me lembro que eu ficava na porta da minha casa de noite com meu pai, que também era fanático por rádio e nós escutávamos rádio do mundo inteiro, ele pedia para eu traduzir aquelas emissoras que eram em inglês e eu me lembro dessa paixão desde garoto.

#### Habilidades para o radiojornalismo

Em primeiro lugar deve ter conhecimento pleno da língua portuguesa, eu costumo dizer que nós estamos perdendo a capacidade de aprender a própria língua, brinco que hoje em dia se escreve macaco com 'c cedilha' e botamos acento circunflexo no 'ípsilon', estamos perdendo a noção do verdadeiro português, se tira o 'r' das desinências verbais, onde é para estar o 'r' a gente tira e quando não é para estar nós colocamos, tipo "eu vir você ontem", "vem almoça comigo hoje", quer dizer troca-se muito o que é para ser e o que não é por não ter conhecimento do português, então em primeiro lugar ter conhecimento de português. Em segundo lugar é estar atualizado, mesmo você sendo um DJ é necessário estar atualizado com o que está sendo tocado hoje no mundo inteiro, para dar ao público aquilo que ele quer ouvir, falar a língua do público, tem mais essa, pois você não pode falar numa linguagem sua porque lhe dar prazer, ou ouvir uma sua porque lhe dá prazer, então é necessário dar ao público o que ele quer ouvir, dizer ao público o que ele quer ouvir. Tanto a televisão como o rádio têm que oferecer ao seu espectador aquilo que ele quer ver e ouvir, tem sempre que chegar no público.

#### Linguagem ideal no rádio

A linguagem ideal para mim é a linguagem do povo, falar como o povo fala, embora no meu caso que faço o jornalismo, tem que buscar dar uma notícia onde as três camadas possam me entender, classe A, classe B e classe C, tendo a preocupação de fazê-los entender da mesma forma, colocando as palavras certas se for preciso explicar as palavras para que os ouvintes me entendam. Eu costumo dizer que o rádio é uma televisão na sua mente, você visualiza o que o

locutor está falando, então o radialista tem que dar essa informação no ponto que o ouvinte visualize o que você está falando pela maneira que tu estás narrando, descrever, por exemplo ocorreu um acidente, se um carro interceptou, alguém foi vitimado, você tem que passar essa notícia de uma maneira em que o cidadão em casa entenda exatamente como aquilo aconteceu, quer dizer é uma televisão que acontece na sua mente, sem a presença do vídeo.

#### A produção de notícias no estado

É tudo muito doméstico, é aquele ditado "ter que assobiar e chupar cana ao mesmo tempo", aqui a gente faz tudo, por exemplo eu edito, escrevo e apresento. Já fiz televisão por um tempo e não gostei muito, porque não temos muito apoio, não temos suporte, entender que um programa não se faz apenas do protagonista, no caso um apresentador, mas sim de uma equipe por trás que fique dando toda esse suporte, que ajude na produção do programa. Eu pensava em fazer dramaturgia da notícia, queria dramatizar as notícias, no entanto não tinha pessoas que fizessem esses personagens, no Rio de Janeiro existem programas há mais de 56 anos e que ainda hoje são líderes de audiência fazendo dramatização, porque que não podemos fazer aqui? Porque não podemos dramatizar certos fatos da nossa realidade? Porque falta pessoal, falta gente, a gente pensa que jornalismo é somente as pessoas que estão na linha de frente, apresentando programa de rádio, apresentar tv, mas tem toda uma equipe que se faz necessária na produção de rádio.

#### O rádio na vida da população

O Amapá tem uma característica que considero fenomenal, cinco horas da manhã e o Amapá está acordado ouvindo rádio, não há um meio de comunicação mais próximo do cidadão do que o rádio, não há, e isso é durante o dia inteiro com públicos diferentes. De manhã a dona de casa já está fazendo o café para os seus filhos e marido escutando rádio, o dono de loja coloca o rádio para os clientes ouvirem, os funcionários se arrumando para ir trabalhar, alunos se arrumando para ir à escola, e todos eles estão ligados escutando rádio, como nós dizemos por aqui na linguagem popular: estão com o rádio 'esfolado', ou seja, num volume bem alto, que é capaz de você escutar de casa em casa os rádios ligados de manhã, de tão importante que é o rádio para a população amapaense. E isso é uma benção que os amapaenses dão para os radialistas, especialmente os que têm seus programas transmitidos pela manhã, que de cinco da manhã até pelo menos uma nove, o rádio está 'comendo solto por aí'

#### O rádio no Brasil

O rádio está vivo e se mantém forte, inclusive as rádios AM têm força e isso em todo o Brasil. Eu já andei por quase todo o Brasil, só ainda não conheci Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, mas o resto do país eu já conheço e não vi um único estado nesse Brasil onde o rádio não seja forte, onde ele não esteja presente na vida das pessoas. O rádio faz a vida das pessoas, de manhã as pessoas ouvem rádio, as pessoas só vão assistir tv bem mais tarde, na internet é preciso parar na frente de um computador, o rádio não tem isso, o rádio não tem um grande inimigo chamado controle remoto, na tv deu comercial a pessoa muda de canal, no rádio não, as pessoas ouvem os programas do início ao fim, você sabe a hora certa, você sabe a notícia do dia no rádio, mesmo se for um programa musical mas se houver um acidente você fica sabendo na hora. O rádio te dá uma notícia 'just in time', ou seja, aconteceu, vira notícia.

#### AM e FM: mudanças

As principais mudanças foram na parte de equipamentos, que se tornaram mais modernos, mais rápidos. Antigamente por exemplo utilizávamos um programa de computador chamado Winamp, hoje nós fazemos o uso de um programa chamado Radiovision, basicamente é isso, apenas isso porque o rádio continua sendo o mesmo. Houve também um advento do governo federal, que veio de outros governos passados, mas está se instalando agora, que é transformar as rádios AM em FM, porque antigamente o sinal do rádio AM era mono, era um sinal horrível, hoje não, as rádios AM têm o mesmo som, tem a mesma qualidade das rádios FM. Apenas as coisas vão se transformando, no entanto ainda é de uma em uma, aqui em Santana já temos uma que era AM e agora possui qualidade FM, e isso vai tomar o Brasil todo.

As principais mudanças realmente foram na questão tecnológicas, mas o rádio continua sendo o mesmo, os programas são os mesmos, tem que falar a linguagem do povão, tem que falar com o povo, falar com as três camadas sociais e tem que dar principalmente uma coisa, que eu afirmo que fui eu que trouxe para o rádio, posso dizer que fui eu quem trouxe para o rádio, porque vocês sabem que muitas emissoras de rádio, televisão tem sempre um fundo político por trás disso, geralmente pertencem a grupos políticos, então quando pertencem a grupos políticos você pode falar bem de certas situações e não pode falar mal de outras situações ou vice e versa, você tem que falar mal de algumas situações e não pode elogiar determinados acontecimentos,

porque existem interesses políticos, mas eu acebei com isso, no meu programa desde o início, eu venho fazendo o seguinte fala todo mundo, fala o que quiser, entrevisto todo mundo, todos têm espaço, e quem decide o que é certo e o que é errado, qual a opinião que se deve ter, é o povo. A minha opinião não é a minha, é a do povo, eu tenho minha opção pessoal mas guardo para mim, politicamente eu sou um cidadão, mas o programa tem um cidadão chamado Povo e é esse quem determina a opinião do programa.

#### Dificuldades do radiojornalismo no Amapá

Um dos grandes problemas é a falta de pessoal, onde é necessário um pouco mais de disciplina, o jornalista precisa obedecer ao seu horário, saber que naquele momento, naquela hora o seu ouvinte lhe quer no ar e se dedicar. Eu não sou jornalista, não tive esse privilégio que vocês estudantes estão tendo de estudar jornalismo, não sou jornalista de formação, me considero jornalista pela minha experiência, pelo tempo que já estou no ar, na verdade meu curso era medicina, fui professor de inglês, professor de línguas durante 23 anos e depois que comecei a fazer, a desenvolver esse trabalho na rádio. Posso dizer que sou outro ser humano depois que ingressei na rádio, antes da rádio eu apenas vivia na sociedade, via a realidade, passava por certas situações e eu nem as percebia. Com o rádio me tornei mais gente, mais humano, me tornei um ser humano do qual eu gosto muito mais do que quando vivia em outras profissões.

#### Ao vivo e gravado

Eu prefiro o ao vivo, eu por exemplo costumo dizer que não consigo fazer nada que tenha sido planejado. Tive uma experiência em televisão, passei quatro anos na televisão, e lá tem o teleprompter, você coloca a notícia ali e o rapaz vai passando e você vai lendo, mas eu achava aquilo muito superficial, muito artificial, muito sem sentimento. Então eu começava lendo, e quando passava a cabeça, que é a manchete, a chamada da notícia, e quando chegava o texto eu começava a improvisar, eu já conhecia toda a notícia e improvisava, o rapaz que controlava o teleprompter ficava louco, dizia 'onde ele está? Onde que você está Cunha que não estou te achando aqui no texto?' e eu falava ao vivo mesmo que não gostava de ler no teleprompter, que eu gostava de dizer o que eu sinto, e talvez por eu ser honesto, por estar falando o que eu sinto, por ser verdadeiro, eu conquistei um público e consegui mesmo, é um público que exerce uma influência significativa na minha vida.

#### **Experiências**

Já passei por situações bem constrangedoras, uma vez eu fiz uma confusão com a notícia, errei o nome da pessoa que havia cometido o assassinato e mandei prender o que havia sido morto (risos). Já aconteceu também de estar dando uma notícia e ligarem para o programa dizendo que iriam até a rádio me matar, e eu tive que contornar aquela situação. São coisas que acontecem quando você faz polícia, mas depois eu descobri que mais perigoso que polícia, é a política. Porque na polícia, aquele bandido que liga ameaçando de morte porque você falou dele, geralmente é pobre, já o político tem dinheiro e pode pagar quem ele quiser e mandar fazer o que ele quer. Isso eu descobri, então você tem que estar atento é preciso 'fritar o peixe olhando para o gato'.

#### Participação popular

No meu programa tem total participação da população, e já aconteceu um caso onde eu estava no ar falando de um anunciante meu, eu estava fazendo o comercial, e uma pessoa que teve um problema pessoal com uma atendente dessa empresa entrou no ar e me chamou de mentiroso, que aquela empresa não prestava, eu fiquei naquele fogo cruzado, tentando contornar a situação, até que eu disse 'minha amiga, você não está vendo que estou em um comercial? Poxa não venha estragar meu ganha pão' (risos). Eu falei assim dessa maneira mesmo, é meu jeito bem sincero mesmo, mas é assim, existem essas situações constrangedoras. Tem aquelas também que você não tem como evitar, mas a pessoa já entra denegrindo a imagem de outra pessoa, eu tento controlar conscientizar para que quem quer dar a notícia, fazer denúncia, possam fazer, mas sem entrar em na vida pessoal, sem denegrir as pessoas.

#### Repressão e censura

Olha eu já passei por uma situação onde tive que passar 10 noites com 12 pessoas dormindo dentro da minha casa, uma noite um cidadão entrou na minha residência com uma pistola na cintura, porém ele caiu do muro, outro tentou pular também mas foi mordido pela minha cachorra, uma doberman que eu tenho. Isso foi notícia em todos os jornais, aconteceu porque eu tinha dado uma notícia política, por isso que digo que política é muito mais difícil, porque eles pagam para fazer as coisas. Outra vez tinha um bandido na frente da minha casa com uma escopeta só esperando eu sair para me assassinar, mas eu já estava com policiais

dentro da minha casa, deitados no chão com as armas apontadas pra ele. Coisas terríveis, foi uma fase da minha vida em que passei por situações horríveis, era horrível. Eu sempre procurava desvendar tudo mesmo, desvendava tudo, saía filmando, mostrava o negócio todo, mas hoje já temos outras maneiras de dar as notícias. Outra coisa também, antes eu era o único que fazia isso, hoje não, tem muita concorrência e eles não podem mandar matar todo mundo.

#### A transmissão

Nem tudo pode ir para o ar. Talvez seja um grande problema do rádio amapaense, eu lembro que uma vez eu fiz uma reportagem aqui em Santana sobre um certo deputado, que após as eleições estava pagando o resto do 'compromisso' deles com os eleitores e dando uma cesta básica. Vocês sabem que as eleições acontecem em outubro, e quando a polícia federal chegou lá para prender o cidadão, eu cheguei junto pra fazer a entrevista e a senhora que foi destinada a fazer a entrega das cestas básicas como pagamento dos votos me disse assim "não Cunha, isso daqui é o seguinte ele é muito religioso, isso é uma promessa pra Nossa Senhora de Nazaré", era época do Círio, outubro e eu fiquei naquela 'muito bem, me conta outra, mas se a senhora está dizendo, né', cheguei na emissora para fazer a edição da matéria e o proprietário da emissora chegou me indagando se eu havia feito a matéria sobre o deputado e ele me disse que não iria para o ar, pois era amigo dele. E foi assim, é aquele ditado 'manda quem pode, obedece quem tem juízo' e isso os jornalistas enfrentam muito. Nós conseguimos após a época da ditadura militar um jornalismo livre, mas isso ainda hoje não é cem por cento verdade, pois no exercício da profissão ainda existem fatos que vão ser tolhidos, vão mandar reescreverem os textos, e a gente se pergunta: tem ou não tem censura? E eu digo que tem ainda, e nós jornalistas ainda enfrentamos muito isso, muitas vezes engolimos a seco, principalmente quando se tem uma família para sustentar.

#### Rádio Comunitária

"Onda Livre" é uma rádio comunitária, é uma rádio pequena, você vê que é uma rádio que tem a aparência de uma 'radiozinha', a estrutura é bem limitada, mas que tem uma penetração na sociedade Santanense incomparável, eu diria que nós somos agora, nesse momento, desde as cinco da manhã até pelo menos uma hora da tarde, nós somos a maior audiência da cidade de Santana, depois disso a gente começa a dividir a audiência de igual pra igual, perde em alguns horários, ganha em outros e tudo com as outras emissoras, mas de cinco da manhã até uma da tarde ninguém bate a audiência dessa 'radiozinha' de fundo de quintal como alguns já chamaram, 'radiozinha de fundo de quintal, né', 'radiozinha' comunitária, rádio de poste, já chamaram de tudo, mas o fato é que a gente acontece nessa cidade e a audiência é nossa. Eu falo isso porque é verdade mesmo, não é porque eu esteja fazendo propaganda aqui da rádio.

#### Rádio Comercial

Comecei em uma rádio comercial. A rádio comunitária você se detém mais aos problemas da comunidade, a rádio comercial ela tem os interesses comerciais dela e você tem que ter os seus também, então é muito, é muito pagamento, é dinheiro, é cadê o dinheiro, trouxe o dinheiro, é muito isso. Aqui não, a coisa flui de uma maneira mais verdadeira né, aqui o que interessa é estar servindo a comunidade. Na rádio comunitária não existe censura. Eu jamais fui chamado pela diretoria ou por alguém que participe de lá, porque uma associação comunitária são dez membros pelo menos, nenhum desses membros pelo menos jamais chegou comigo e disse assim: "Olha, manera com fulano, carrega mais no fulano e critica mais esse aqui e elogia um pouco mais esse aqui" e jamais chegaram, porque sabe que na hora eu faço como fiz lá na outra emissora, pego minhas coisas e sumo, 'pego meu burro, desamarro do poste lá monto nele e vou embora né', como eu fiz lá na outra. Quando fizeram isso comigo, botavam coisas que eram para eu falar que não eram para eu falar e tudo, eu pegava aquele papel todo botava e jogava no lixo, eu fui rebelde mesmo, reconheço, mas em compensação eu me mantive com a integridade na notícia, para falar do que eu sentia, falando o que eu acreditava, falando o que eu sabia o que era a verdade. Eu costumo dizer e essas é uma das minhas vinhetas "Se não for a verdade, não é Cunha Lopes em notícia".

#### As rádios e os jornalistas

Todas as rádios são de propriedades de políticos. Na questão de tolher o trabalho do jornalista, isso com certeza acontece, por exemplo, vamos supor que uma determinada rádio tem um contrato com a prefeitura daquela determinada cidade, ali dentro o prefeito pode estar certo ou pode estar errado, mas se ele espirrar daqui para ali, o jornalista tem que dizer 'saúde', se um governador estiver patrocinando aquela determinada emissora, se ele espirrar daqui para ali 'saúde', não tem o que esteja errado, não tem o que você possa criticar. Então é necessário que se tenha pessoas com qualidade suficiente inclusive para contestar a verdade, por exemplo, as pessoas ligam, denunciam, dizem que determinado prefeito não fez isso, não fez aquilo e o jornalista por sua vez tem que dizer que não é bem assim, 'mas em compensação



O acadêmico de jornalismo, Mauricio Gasparini entrevista Cunha Lopez (Foto: Mellina Garcia)

ele fez isso, fez aquilo'. Ou seja, ele deve estar pronto mais para defender os políticos do que para ouvir o ouvinte, para ouvir quem faz o programa acontecer que é o ouvinte. Já aqui nesta emissora, você está livre para falar o que quiser, é claro, desde que seja nada que denigra a imagem das pessoas, pois é aí é uma questão de respeito ao ser humano, mas no que tange ao assunto é livre para todo mundo.

#### Convergência das mídias

Tudo o que está acontecendo hoje, tem que estar de acordo com a hora em que está acontecendo, o que me referi

anteriormente foi à posteriori, com uma Sky, claro, esses tipos de empresa onde você pode gravar a sua programação e assistir depois, o rádio vai estar fazendo isso via celular mais cedo ou mais tarde. A convergência é essa, fazer com que todos os meios possam estar transmitindo o rádio, e o rádio vai continuar vivo, presente, não acredite veementemente em quem diz que o rádio está com os dias contados porque não está, está mais vivo na vida das pessoas.

#### Popularidade no rádio em Santana

Por exemplo você pode sair de manhã, estando de carro ou andando pela cidade, entre nos bairros e você vai ouvir os programas favoritos daqueles bairros, daquela comunidade, daquelas pessoas. Certo dia eu fiz uma experiência bem interessante, coloquei uma entrevista longa que eu havia gravado no meu programa, quando eu dei o play na entrevista, tive a ideia de sair pelas ruas de Santana, andei pelos bairros e pude ver as pessoas escutando a minha entrevista e elas estavam me ligando como se aquilo fosse ao vivo, e eu dizia paras as pessoas que aquilo era uma gravação mas que quando terminasse iria colocar aquilo que eles estavam perguntando no ar, mas estava tão perfeito que parecia ser um ao vivo, eu via as pessoas ouvindo nos bairros e aquilo para mim foi fabuloso, pois eu pude perceber realmente que o rádio está vivo, não vai morrer nunca. Quanto às outras mídias eu não posso falar, mas falo pela rádio que é que eu defendo, é o meu amor. Eu costumo citar aquela música do Arnaldo Jabor cantada pela Rita Lee onde diz que "tv para mim é sexo e rádio é amor". No caso de rádio comunitária então é muito mais amor ainda, pois eu sou a comunidade, eu lido com o povão, aonde eu chego eles estão com a gente, concordam com a e gente, abraçam a gente, tem inclusive gente que nunca vi na vida e quando saio daqui para ali, eles vêm me dar esse carinho, quando a gente que devia estar dando esse carinho pra eles. Então é isso fazer rádio é fabuloso, para quem quer seguir trabalhando com rádio digo que mergulhem na rádio que serão muito felizes.

#### O futuro do rádio amapaense

O rádio nunca vai acabar, não é só o amapaense não, o rádio brasileiro nunca vai acabar. Não há o que possa ser inventado que possa vir acabar com o rádio né, e tem mais o rádio deve vir chegar em um ponto em que você programa o seu celular para gravar um determinado programa que você não possa escutar e mais tarde vai ligar o celular e escutar o programa inteiro, esse aplicativo deve estar surgindo aí no mercado a qualquer hora.

#### Ser radialista

Poxa vida, é acordar de manhã e dizer assim "Bom dia Santana, minha gata morena", "Bom dia Macapá, minha capital", "Bom dia cidadãos, que ouvem esse programa", "Bom dia". Puxa, ali começa a minha vida, eu posso estar com o problema que eu tiver, posso estar doente, posso estar sem dinheiro, posso estar como eu estiver, aquele momento é mágico, me toca pra cima, me faz a vida acontecer e assim me faz ficar com o resto do dia feliz com isso, são duas horas que eu faço no rádio que fazem a minha vida valer a pena por todo o dia, além da minha família, é claro.



### ERALDO TRINDADE

#### A VOZ DO JORNALISMO

Allan Valente André Cantuária Sávio Leite

#### QUEM É

\*ERALDO TRINDADE nasceu em Macapá no dia 20 de novembro de 1956, filho de seu Graciano da Silva Trindade e Maria Cacilda Trindade. Apaixonado pela rádio desde cedo, em 1985 escreveu uma carta para a rádio Difusora contando da sua paixão e sonhos, foi então chamado para fazer um teste de voz e ficou. Teve como professores alguns profissionais da época como Benedito Andrade, Humberto Moreira e Paulo Silva, que viam nele o "dom" para ser comunicador. Fruto de uma época em que não haviam universidades ou centros de formação para jornalistas, Eraldo Trindade desenvolveu na prática habilidades que julga importantes para os profissionais da área, como a ética e o respeito com o público do outro lado. Apresentou para um público político e também para um público mais ribeirinho, cobriu ao vivo um dos primeiros sinais de manifestações no Território Federal do Amapá, feito por donas de casa, e escapou por pouco da cobertura do naufrágio do Novo Amapá, fato marcante para seus colegas que acompanharam. Eraldo Trindade participou da política amapaense durante alguns anos, mas é no rádio que marca maior parte da sua vida, onde a 35 anos empresta sua voz para o jornalismo amapaense.

#### CARREIRA NO RÁDIO

35 anos de profissão

"O meu encontro com a rádio aconteceu em 1985. Quando eu ingressei no rádio eu tinha uma paixão muito grande pelo rádio. Eu resolvi escrever uma carta para a direção da rádio difusora, e a partir dessa carta que foi muito bem elaborada, segundo as pessoas que leram, eu fui chamado para fazer um teste, um teste de voz e nesse teste eu fui aprovado".

#### Início no rádio

Naquela época para você ingressar no rádio você precisava ficar no mínimo uns dois meses treinando, se aperfeiçoando para poder começar o trabalho, e eu passei por essa experiência toda com grandes profissionais de comunicação na época, como Benedito Andrade, Humberto Moreira que hoje é meu parceiro de bancada no Jornalismo, Paulo Silva e ainda outros remanescentes da comunicação daquela época. Mas nesse período havia uma exigência muito grande, não tínhamos aqui no Amapá que aqui ainda era território, nenhuma faculdade ou universidade de jornalismo. A avaliação era feita pelo dom e pela forma de desempenho do profissional naquela área e eu tive a felicidade de ter os atributos necessários para poder ingressar na comunicação. Fui aos poucos aprendendo que verdadeiramente é uma responsabilidade das mais importantes que o cidadão precisa ter e deve ter, por que entendo e compreendo com a experiência de rádio que tenho mais de vinte anos, de que quando você usa um meio de comunicação você tem que ter, principalmente, no jornalismo o porta voz da informação para o público. Você pode até emitir a tua opinião no sentido subjetivo claro, mas que essa opinião não venha interferir no conteúdo da informação, não seja uma informação tendenciosa, mas unicamente como um canal de comunicação com a sociedade para aquilo que você está recebendo como matéria, como naturalmente elemento essencial para que a sociedade fique muito bem informada e isso eu aprendi na prática. Hoje você tem por exemplo as faculdades, como no caso de vocês, a universidade que ensina a teoria, mas vocês precisam depois avançar no sentido da prática para um entendimento maior do conhecimento científico com a prática e muitas vezes até com aprendizado empírico para fazer com que a coisa realmente se desenvolva dentro daquilo que a sociedade quer.

#### **Momentos marcantes**

Eu diria que o rádio tem um poder de influência muito grande, apesar de você ter hoje a internet, as redes sociais, mas o rádio continua recebendo da sociedade um retorno muito grande, porque é um veículo de comunicação imediato. Você está no rádio e as pessoas estão tendo a oportunidade de te ouvir, hoje, por exemplo lá na rádio cidade tem um jornalismo que é feito de 7 às 9 da manhã, as pessoas ouvem pelo sistema convencional que é o rádio do carro, mas elas também acompanham pelo sistema mais moderno, tecnológico



Cunha Lopez: "Não creio que o rádio vá perder a sua importância, ele precisa apenas se modernizar" (Foto: André Cantuária)

que são as redes sociais através do aplicativo, através da internet, quer dizer, hoje é possível a gente que está fazendo rádio aqui no Amapá e ser ouvido no Japão, através da internet. É uma experiência que a gente naquele momento que iniciamos o rádio, jamais imaginávamos que pudesse acontecer. Nos primeiros momentos do rádio que eu vivenciei, o rádio precisaria ter potência, qualidade na transmissão, as emissoras de FM ainda não existiam, elas vieram depois com uma qualidade de sinal excelente, mas naquela época nós tínhamos AM, que era amplitude modulada e eram dois sistemas a OM (ondas médias) e AM (amplitude modulada), então a emissora que nós trabalhávamos que era a rádio Difusora, ela transmitia nessas duas frequências AM e OM. Então, as pessoas tinham a oportunidade de ouvir o rádio OM na capital e AM no interior.

#### Um caso: falta de alimento

Uma experiência que vivenciei foi na época do Território Federal do Amapá em que houve uma falta de alimentos muito grande aqui no estado, houve um desabastecimento grande, faltou a carne, faltou a farinha, então, verdadeiramente, os elementos básicos da nossa comunidade, da nossa sociedade. As pessoas costumam se alimentar com muita farinha e também com carne e houve esse desabastecimento, então as pessoas iam as ruas fazer manifestação. Eu lembro que num determinado dia eu estava no ar fazendo um programa chamado Comunicação Nacional, era um programa voltado as donas de casa, eu escolhi esse segmento, tinham um retorno muito grande e as mulheres com panela estavam frente ao palácio do setentrião, naquela época o governador se chamava Jorge Nova da Costa e as mulheres batendo panela, e esses movimentos não eram comuns aqui, porque no Território do Amapá as pessoas não tinham ainda muito o sentido da manifestação pública para que seus objetivos fossem alcançados e eu cobri ao vivo esse momento. Com o governador inclusive dizendo depois que a partir daquele momento estava assumindo um compromisso, que iria mandar buscar um avião abastecido de alimentos para que a população pudesse ter acesso.

Fora esses fatos, temos outro fato que marcou também. Eu estava começando o rádio, foi o acidente do Novo Amapá, eu não participei, eu estava inclusive na relação que iria viajar como repórter da rádio Difusora para fazer a cobertura do fato, mas como eu estava começando no rádio e havia naquele momento número de profissionais com mais experiências que eu, eles resolveram embarcar e eu que fiquei, mas foi até bom eu não ter ido, porque todos os que foram até hoje são marcados por tudo aquilo que eles viram, a quantidade de corpos jogados no rio Amazonas. Há relatos inclusive de alguns profissionais que lá estiveram que os corpos eram resgatados nas margens do rio e como eram uma quantidade muito grande de corpos, eles passavam uma espécie de cipó, porque não havia cordas, no pescoço dos corpos e com o balanço das águas, decepava a cabeça do corpo, a cabeça ficava afundando e só ficava o corpo boiando ali. Fora essa situação toda, o odor que marcou muita gente, até hoje como muitos profissionais lá estiveram comentam, eles relatam isso. E assim foi um momento que eu vivenciei e essa

experiência eu não tive oportunidade de participar, porque acabei ficando no estúdio da rádio aqui para poder fazer contatos com eles através das reportagens que eram realizadas. Então, diria que de tantos fatos que presenciei, que testemunhei, daria esses dois como marcantes na minha vida.

#### Habilidades para o rádio

A primeira é a ética, a ética profissional, o respeito ao trabalho que realiza e o respeito as pessoas que estão do outro lado ouvindo quando se trata de rádio. Porque você precisa entender que você é apenas um instrumento da informação. Manipular a opinião pública é você fazer um jornalismo marrom, jornalismo sem qualidade, hoje a imprensa brasileira está praticamente em grande parte contaminada por esse tipo de jornalismo onde o profissional quer fazer que as ideias dele prosperem na sociedade, eu sou apenas um instrumento de repasse daquela informação para que a sociedade possa tirar suas próprias conclusões. Eu posso até emitir uma opinião, mas desde que a opinião não altere o conteúdo da informação. A partir do momento que eu começo a interferir no conteúdo da informação, eu estou faltando com a ética profissional.

O jornalismo no estado do Amapá sofre muito disso. De muitos profissionais que querem utilizar o meio de comunicação como se fosse um instrumento particular, próprio e, o profissional? Ele precisa entender e compreender que ele é apenas um meio para fazer com que a notícia chegue a opinião pública e essa opinião pública tire as suas conclusões de acordo com aquilo que ela está ouvindo. Então a ética é fundamental, essencial e determinante, depois o preparo do profissional, eu diria que a cada dia você está aprendendo, por que tanto rádio, tanto o jornalismo escrito, o jornalismo televisivo, você a cada dia está aprendendo, é uma lição de vida. O profissional de impressa não pode julgar, tem muito hoje que estão interferindo na questão até na prisão, estão fazendo julgamento, estão condenando e isso é extremamente grave, por isso que existe vários profissionais processados que estão pagando indenizações por danos morais, porque eles acabam interferindo na informação, fazendo com que sua opinião particular prevaleça e ao final vai se detectar que aquela notícia que foi dada, ela não é procedente.

Os elementos dessa informação acabam tendo uma manipulação pelo domínio do profissional em frente ao microfone, mas ele pode responder judicialmente por isso e muitos estão respondendo e já foram condenados outros ainda estão respondendo por conta dessa situação, então você não pode interferir na informação. Você tem que trabalhar para que essa informação chegue a população de tal modo, qual ela acontece. Pode emitir até seu ponto de vista, mas desde que isso não altere o conteúdo da notícia.

#### A notícia no rádio em Macapá

É uma situação extremamente complexa, por que muitos programas jornalísticos são feitos unicamente para atender os interesses de quem os faz. Outros, trabalham em informação tal qual ela acontece. Eu diria que é preciso melhorar muito no sentido dessa seriedade, dessa responsabilidade, não me convém aqui fazer comentário a respeito de quem quer que seja, mas me convém aqui como profissional de imprensa manifestar a minha preocupação com relação a essa manipulação da informação. De repente eu coloco no rádio só a notícia que me interessa, eu não coloco aquela informação que interessa a sociedade, porque eu estou sendo ali o centro de repasse dessa notícia para opinião pública, então, eu vou pensar que os fatos que me interessam e que o jornalismo não pode de forma alguma ser uma paixão política ou partidária. Em que eu, profissional de imprensa, vou apenas repassar para a sociedade a notícia do deputado que eu estou apoiando, se existe um deputado que não tenho ligação com ele, não deixo a informação, embora, seja importante para a sociedade chegue ao conhecimento da opinião pública. Entendo que aquele jornalismo sério é aquele que você trabalha a informação, não é aquele que você trabalha a sua opinião, ponto de vista ou seus interesses.

#### O rádio na vida do ouvinte

Eu acho que o rádio ainda vai continuar durante muito tempo ainda tendo uma influência muito grande dentro da sociedade por que as pessoas se acostumaram a isso. É comum você entrar no seu carro e logo ligar o rádio para saber o que que está acontecendo. Como também é comum as pessoas ligarem os rádios em casa para acompanharem o que está ocorrendo no sentido até da própria informação. O rádio é um veículo de comunicação imediata e em determinados momentos, eu não diria que o rádio vai competir com a internet ou vice-versa, pelo contrário, o rádio passa a ter com a internet uma importância ainda maior, por que ele possibilita integração da sociedade com vários meios, inclusive das próprias rede sociais. Não creio que o rádio vá perder a sua importância, ele precisa apenas se modernizar, ele precisa apenas entender que o hoje os meios de comunicação necessitam de um upgrade ainda maior para poder se adaptar a esse novo sistema que a sociedade passa a

experimentar. É comum você não ver as pessoas importando um rádio, isso daqui a pouco só vai ser peça de museu, porque os telefones celulares dão uma opção de você ouvir o rádio, ver a televisão, acompanhar informações através dos sites de notícias, então você tem ali uma quantidade considerável de formas e métodos para fazer e se informar.

A história do rádio não vai se perder, o que eu imagino que daqui com mais um tempo nós tenhamos um sistema universal de comunicação que passa pela internet. Hoje nos EUA por exemplo, as pessoas acompanham o rádio através de um sistema único. Os aparelhos do rádio começam a desaparecer, no caso os receptores, você passa ter uma rede integrada. No Brasil, nós já temos RadiosNet que é um site que se você acessar pelo google, você vai poder encontrar todas as emissoras de rádio do estado do Amapá. Lá no seu computador, você vai e digita no Google: radiosnet. E aí você vai ouvir a rádio do amapá que você achar que é do seu gosto, então, o rádio a pilha, esse rádio ligado na energia elétrica, esse aparelho vai deixar de existir daqui com mais um tempo, ele vai ser obsoleto, ele vai ser peça de museu. O seu telefone celular, o seu tablete, o seu computador serão exatamente os instrumentos para isso, a gente está caminhando já nessa direção. Só que quem faz rádio hoje precisa entender que também precisa se modernizar para poder alcançar esse universo macro de comunicação em que cada um vai disputar o seu espaço, rádio, televisão, os sites, né? E que a gente tem que olhar esse futuro de uma forma promissora e tentar se adaptar a ele.

#### Inspirações no rádio

Alguém que pudesse ser de repente um instrumento de incentivo, né? Ah, na verdade, na minha época eu tive a oportunidade de ouvir grandes comunicadores, alguns dos quais continuam no rádio até hoje, é o caso do J Ney, é o caso do João Lázaro, que hoje não está mais no rádio, está aposentado, vive fora do estado do Amapá, do próprio Humberto Moreira que me colocou no rádio e hoje é meu colega de trabalho na bancada do Cidade News, na Rádio Cidade, com quem eu aprendi muito e que hoje eu tenho a oportunidade de estar junto trabalhando. Então, foram as pessoas que me deram, não só possibilitaram inspiração, me ajudaram a aprender, porque o rádio é aprendizado, o rádio é instrumento muito interessante no sentido de ensinar a falar, diferentemente da televisão. Você nota, por exemplo, que um apresentador de rádio quando vai para a televisão ele não tem dificuldade no improviso, diferentemente de quem faz televisão. Na televisão você tem o tele prompter, o seu trabalho é só interpretar o texto, dar o sentido da notícia, a forma interpretação de acordo como a notícia se apresenta. Se a notícia está falando de catástrofe, é claro que você não vai ficar no vídeo com um sorriso, você vai estar falando de catástrofe. Se você vai dar uma informação, que é uma informação que traz alegria, você tem que expressar isso, o apresentador de televisão jornalístico, ele nada mais é do que um ator que está interpretando os fatos. Mas, se de repente, o tele prompter der um problema, ele vai se perder porque ele não tem o improviso, diferentemente de quem faz o rádio, o rádio te ensina a falar, te ensina a ter improviso, se você vai pra televisão e existe algum problema técnico, você consegue desenvolver, vir para o papel, para que a outra notícia seja divulgada enquanto o problema técnico é solucionado. Então o rádio é muito isso, televisão é muito imagem, o rádio é muito verbalização, improviso. O aprofundamento da comunicação. O rádio já exerceu, mesmo antes da televisão vir, o rádio já existia, trazido para o Brasil pelo Roquete Pinto. Então, a primeira emissora de rádio do Brasil era impulsionada por um transmissor a válvula, hoje os transmissores são transistorizados, são modernizados, são modernos! Se tinha um transmissor de um kilo, era um armário, hoje você tem um transmissor de um kilo e é uma caixinha pequena, então, essa tecnologia toda está possibilitando com que as pessoas se aprimorem cada dia mais, mas o rádio é para quem tem paixão, para quem gosta. É quando você se coloca na posição em frente ao microfone sabendo que tem centenas de milhares de pessoas te acompanhando. O rádio também possibilita desenvolver a criatividade da pessoa, que mede, e até faz, transforma a figura na mente de quem tá comunicando de acordo com aquilo que ela entende que deva ser. Ás vezes você imagina que o sujeito tá ali, tem um metro e oitenta, é louro e tem um vozeirão, você vai ver e é parecido com Eraldo Trindade, um negro aqui que está ali para se comunicar. Mas o rádio é isso, é esse mistério e vai continuar sendo esse mistério no sentido da imaginação, do imaginário popular.

#### Situação inusitada

Uma situação inusitada, eu falei exatamente ainda pouco sobre isso, convivi com um colega que tinha um vozeirão muito forte no rádio, e aí certa vez uma ouvinte se apaixonou pela voz dele e queria conhecê-lo, mas ele não passou as características e nessa época não tinha internet. Hoje você vai lá e digita no facebook "fulano de tal", aí você já tem todas as fotografias, as imagens, na época não tinha isso, nem internet tinha. Aí a pessoa foi lá, era uma mulher do sexo feminino, apaixonada pelo indivíduo, quando chegou encontrou um sujeito baixinho, moreno, pernas tortas, disse: "não imaginei que fosse você, foi um prazer te conhecer" e foi embora na mesma hora. Porque ficou frustrada, imaginou que a pessoa fosse completamente diferente

daquilo que ela criou no imaginário. Tem tantas outras histórias que se a gente fosse contar levaria aqui o tempo inteiro. Eu esqueci de abordar com vocês um ponto que eu acho que é fundamental também para o comunicador ele saber receber as críticas. A crítica no sentido da construção de um trabalho melhor, quem avalia isso é sociedade, então, em determinados momentos quando o comunicador diz "eu sou bom, sou líder de audiência" ele tá buscando uma autoafirmação, porque quem tem que dizer que ele é bom ou líder de audiência é quem está ouvindo, não é quem está fazendo o trabalho.

#### A importância do rádio na política

Acho que hoje nem tanto, já houve a oportunidade de ter uma influência muito maior, mas eu vejo que hoje as redes sociais são muito mais usadas, e isso vem desde a época do Barack Obama, a campanha dele foi feita toda através das redes sociais, quando ele usou uma frase extremamente interessante que ficou na história: nós podemos. Eu acho que hoje o rádio não exerce mais tanta influência no sentido político, porque as redes sociais assumiram esse papel. Ainda pode ajudar em alguns aspectos, mas não é determinante.

#### O ouvinte

Ah, o ouvinte é o fim de todo um processo. Você tem um começo, o começo o que é? É a informação que você coleta, o meio é a forma como você transmite essa informação e o fim é o objetivo que você quer alcançar que é o ouvinte. Então, se você tem esse retorno do ouvinte através de mensagens, telefonemas, através de contato nas ruas, eu por exemplo, tenho a experiência de que sempre que vou a supermercados eu sou abordado por pessoas que conhecem meu trabalho e me ouvem no rádio e muitos chegam para dizer "olha, o programa está muito bom, a informação que você está passando está muito boa, a maneira como você tem se comunicado, a gente gosta, porque não é uma coisa tendenciosa".

A gente pode medir que a sociedade não é favorável ao jornalismo tendencioso e mesmo, por menos aculturada que a pessoa seja, ela tem o discernimento, por mais que ela não saiba escrever e ler muito, ela tem o discernimento, ela sabe quando aquele comunicador está tentando interferir na comunicação, como ela sabe quando a notícia está chegando de forma correta até ela. Então, eu penso que é uma ilusão do comunicador que diz "aqui eu tenho a intenção de destruir a imagem de um determinado político e vou usar o programa de rádio para bater nesse político", hoje o ouvinte já tem esse discernimento, ele já sabe quando o comunicador tem alguma intenção de prejudicar alguém e isso volta para esse comunicador como forma de descrédito, então, a comunicação no sentido do rádio e de outros meios é uma faca de dois gumes, tanto pode possibilitar o teu crescimento profissional como pode trazer o descrédito para você. A pior coisa para um comunicador é quando ele perde o crédito na opinião pública, porque alguém chega e diz "eu ouvi no programa do fulano de tal" e a pessoa diz "esse não tem credibilidade, esse cara é tendencioso". E casos dessa natureza nós temos aqui no Amapá e não são poucos, não.

#### **Uma mensagem**

Acho que em toda e qualquer profissão você precisa ter ética e saber da responsabilidade do exercício da função que você está exercendo, principalmente, quando se trata de um contato com a sociedade.



#### QUEM É

\*José ney Picanço e Silva nasceu José Ney Picanço e Silva, popularmente conhecido como "J. Ney", é uma das mais tradicionais vozes do rádio amapaense. Filho de família tradicional no Estado, foi vendedor de jornal, servidor público e prefeito substituto na época do antigo Território Federal do Amapá. Iniciou no rádio a convite dos irmãos. Foi, também, apresentador de televisão por 14 anos. Amante de samba e pagode, vê na voz da Anitta uma das maiores revelações da música brasileira. Ele conta com detalhes os desafios de se fazer rádio na outrora Macapá, as mudanças advindas com a internet e o que pensa da qualidade do rádio atualmente no Amapá.

# J.NEY 50 ANOS NO RÁDIO

Janderson Cantanhede Jacimara Castro Wedson Castro

#### CARREIRA NO RÁDIO 50 anos de profissão

"Iniciei no rádio por influência dos meus irmãos, Ubiratan Picanço e Silva (médico) e do João Silva, chamado de "Balalão", que já estavam na Difusora. Fui levado para a emissora pelo meu cunhado, Benedito Andrade, que foi o primeiro apresentador de televisão no Amapá, e que é pai do radialista Tarcísio Franco".

#### A infância

Eu sou amapaense, nascido em uma praça localizada na praça Veiga Cabral. A casa dos meus pais continua lá, ao lado do Teatro das Bacabeiras, na Rua General Gurjão, 77, bairro Central. Sou filho de Emanuel Serra e Silva, o Duca Serra, que tem o nome perpetrado na rodovia que liga Macapá/Santana, e da dona Antônia Picanço e Silva, a "Tia Tonica". Sou de uma família grande. Somos oito irmãos, sendo seis homens e duas mulheres. Seríamos muito mais. Mamãe teve alguns abortos e morreram o Eládio e o Roberto. Isso faz tempo. Foi em 1954. Fui criado na praça Veiga Cabral, fui moleque da Casa dos Padres. Nasci no dia 25 de janeiro de 1943. Estou com 74 anos e feliz da vida com meu estado de saúde e minha família. Eu fui "aparado" pela Mãe Luzia. Nasci nos braços dela, lá na Praça Veiga Cabral. Vou contar essa historinha aqui: mamãe com dor, dor, dor, procurava a mãe Luzia lá atrás da igreja, onde também era chamado de "Formigueiro", e a mãe Luzia dizia: "não tá na hora". Na terceira vez que a tia América foi chamá-la preocupada, mãe Luzia vinha no meio do caminho dizendo: "agora tá na hora (risos)".

#### Primeiro emprego

O meu primeiro emprego foi na Farmácia e Drogaria Serrano, localizada na Cândido Mendes, a primeira farmácia de Macapá. Depois fui para o serviço público. Fiz concurso para a Prefeitura Municipal de Macapá. Fui datilógrafo e oficial de administração. Passei 35 anos no serviço público municipal. Exerci todas as funções. Fui prefeito substituto, chefe de gabinete, assessor de imprensa, relações públicas, diretor de material, pessoal, enfim, exerci várias funções no tempo do Território Federal do Amapá. Nessa época, a Prefeitura era um departamento do governo do antigo Território. O prefeito era nomeado pelo governador, até que veio a eleição para a Prefeitura. Foi um tempo bom, diante do atual em que o país está no fundo do poço por conta da corrupção perversa, malvada e que castiga a população que acumula 13,5 milhões de desempregados. Passei minha vida pública na Prefeitura, pegando dinheiro e exercendo funções, e nunca roubei um centavo.

#### A importância da família

Meus pais sempre nos ensinaram a sermos honestos, trabalhadores e pontuais. Essa foi a minha vida. Tive uma convivência muito grande na Casa dos Padres, quando ainda existia a prelazia com o primeiro bispo de Macapá, Dom Aristides



Em sua residência, J.Ney conversou com a acadêmica de jornalismo da Unifap, Mara Castro (Fotos: Janderson Castro)

Piróvano, e o padre da minha infância, Vitório Galiani, que me marcou bastante. Lá aprendemos muitas coisas, entre elas, não roubar, não matar e sermos honestos. Outros cidadãos tiveram uma influência muito grande na minha vida e na formação do meu caráter. Um deles é Humberto Dias Santos, que foi meu técnico no Juventus e São José. Ele é o maior técnico de futebol que eu vi na minha vida. Outro foi Expedito Cunha Ferro também influenciaram minha formação. Fui escoteiro (lobinho) e tive uma grande escola. Essa geração de 40 para cá, todos nós no centro velho de Macapá, passamos pela Casa dos Padres. Tínhamos aos sábados com os padres e o chefe Humberto Dias Santos aulas de formação de caráter. Tive uma infância muito bonita, namorei muito, mas minha paixão é a Dona Vilma, mulher com quem vivo há mais de quarenta anos casado.

#### Início no rádio

Fui para a Difusora não para ser radialista, mas para fazer serviços burocráticos. Eu havia cansado da Prefeitura e fui para a rádio. De repente comecei o programa denominado Motorista e Trânsito. Isso foi no finalzinho da década de 50. Nessa época, os grandes nomes do rádio eram Pedro Silveira, Amazonas Tapajós, Edivar Mota e Agostinho Nogueira. Também encontrei Humberto Moreira e Terezinha Fernandes, mas aí veio a Rádio Educadora, que surgiu como a grande novidade, com um sinal fantástico.

#### A carreira

O companheiro João Lázaro, que na época era o grande nome da nova geração do rádio, foi convidado a ser o assessor de imprensa da Icomi (Indústria e Comércio de Minérios S.A). Ninguém queria ser servidor público, mas funcionário da Icomi. Com a saída dele da Rádio Educadora e por influência de Cristina Homobono, fui levado para esta emissora. Lá encontrei João Silva, Luís Melo, Edinete Morais, Francisco Pacheco, Julinha Queiroz, Hélio Penafort, enfim, era muita gente já fazendo rádio na Educadora.

#### Primeiros programas

Fiz os programas "Juventude Vesperal de Hiê-Hiê", "Showneylândia", "Ciranda da Tarde" e "A consumação o espetáculo". Especificamente sobre o programa Juventude Vesperal de Hiê-Hiê-Hiê, o mesmo foi embalado pelo movimento Jovem Guarda. O programa Sua Excelência o Domingo foi criado ainda na rádio Educadora. Na época, o Território Federal do Amapá andava muito devagar e aqui em Macapá não se tinha concurso de beleza, não existia Macapá Verão, festivais, enfim, foram necessárias várias cabeças para idealizá-lo. O objetivo era criar um programa que desse a vida à Macapá. A intenção do programa era transformá-lo em uma grande festa, com repórteres nas ruas, nos balneários de Macapá, feiras, saída das missas, as festas dos clubes, enfim, dar vida a essa movimentação. Nessa época lembro que tinha como repórter Osmar Melo, carinhosamente chamado de "Repórter 246". O nome faz referência aos três dígitos do telefone que então funcionava na emissora, mas, como vivíamos na Ditadura

Militar e éramos rebeldes, a emissora foi fechada. Os cantores do movimento Jovem Guarda usavam cabelos grandes e camisas vermelhas. Então seguíamos a moda. Fomos chamados na Polícia Federal e orientados a não usar camisas vermelhas, cabelo grande e nem calça apertada. Os programas para irem ao ar tinha que ter o roteiro escrito analisado pela Polícia Federal.

#### Experiência na TV

Passei 14 anos na TV Amapá, onde fizemos programas voltados para a cultura, a história e nossas tradições. Naquela época, a TV Amapá já era filiada da Rede Globo. Entre os programas, fizemos o Domingo no Seis, voltado para entrevistas e jornalismo, além do Nossa Revista, que ia ao ar 15 minutos antes do Jornal Nacional. Outro programa que também merece destaque é o Garota da Semana, que mais tarde deu origem ao Garota do Fantástico. Na verdade, minha passagem pela TV Amapá pode ser traduzida como o "rádio na televisão", pois era isso que eu fazia, ou seja, levava a magia e interação do rádio para dentro da TV.

#### O programa "Garota da Semana"

Em uma das reuniões com diretores da Globo me foi perguntado como surgiu a ideia, e eu expliquei que tínhamos uma cidade muito parada, que não tinha nada, não tinha concurso miss, nem festas. Então disse que a intenção foi de valorizar a beleza da mulher amapaense e casar com ideia a divulgação dos locais turísticos, pitorescos da cidade de Macapá. Então essa pessoa disse que era um troço genial e que tinha gostado. Daí, a ideia foi levada para o Rio de Janeiro e lá surgiu a Garota do Fantástico.

#### Da TV para o rádio

Quando deixei a televisão, fui fazer rádio na emissora 102,9 FM, onde passei quase duas décadas por influência do Luis Melo que é meu amigo e parceiro de muitos anos. Foi ele quem me levou para lá. Há três anos saí da 102 e hoje estou na rádio Diário FM (90,9). Nesta emissora continuo fazendo o programa Sua Excelência o Domingo, que este ano completa 45 anos no ar. É o programa mais antigo em atividade no rádio amapaense.

#### Programa de Sucesso

O programa muito antigo "O Bom Dia-Dia", tem uns vinte anos. Eu queria fazer um programa logo cedo. Esse horário é provado, cientificamente, que é o mais nobre do rádio. Vai das quatro da manhã até as nove mais ou menos. Eu quis ficar nesse "filé", hora que todo mundo está acordando. Eu saio de casa quatro e meia e meu telefone vai bombando notícia. É uma interação muito grande.

A dupla Lurdico e Vardico fazia esse programa na rádio 102 FM, depois eles cansaram. Então eu fiz uma proposta: "olha, eu tenho um formato de programa e eu quero fazê-lo das cinco às sete". No Bom Dia-Dia tem utilidade pública, música, polícia, cidade e tudo vai se encaixando ali. Nada é aleatório. Tem a participação do repórter comunitário, que é o ouvinte que liga, chia, elogia, fica "pê da vida", dá sugestão e essas coisas todas vão para o ar. Tem aniversário, tem casamento, tem batizado, tem missa de sétimo dia, registro que ninguém dá hoje no ar. O rádio, na minha opinião, foi o meio de comunicação que mais ganhou com a revolução da informática. Na minha emissora, você não só ouve, como também você vê. Eu tenho ouvintes tanto de Sua Excelência o Domingo, como do Bom Dia-Dia, no mundo inteiro. São amapaenses que moram na Suécia, na França, na Suíça, na Inglaterra, na Espanha, são amigos nossos e até gente que nem conheço e que interagem. É uma interação muito grande e espantosa. É preciso ter combustível e o que me entusiasma é vê esse carinho que a população tem para comigo.

#### A saída da 102,9 FM

Veja bem, eu dou sempre esse conselho para os meus colegas radialistas. Essa questão de mudança de rádio, você acaba não sabendo em que emissora está o seu colega. Eu fiquei esse tempo todo, e isso aqui não é uma crítica. Macapá inteira sabe que a rádio 102 é eminentemente política. Eu lamento, fico triste. Não tenho nada contra os Borges. Saí de lá numa boa, mas nós jornalistas não gostamos de ser policiados, patrulhados. Você já imaginou, eu quase 50 anos fazendo rádio e ser patrulhado? Saber o que eu vou dizer ou falar? É muito cruel. Tenho conversado com pessoas ligadas aos Borges e vejo que eles precisam entender que a rádio é uma emissora que tem que prestar serviço à comunidade. A rádio lá, lamentavelmente, é tradada como partido político. Enfim, só tenho a lamentar, mas temos a esperança que a nova geração que está lá, na família, possa ter essa visão.

#### Mudança na vida profissional

O Luís Melo sempre me quis lá. Volto a dizer que a mudança entre as emissoras foi porque eu não aceitei certas coisas. Fico triste de ver alguns colegas meus que não param nas emissoras, ou que não podem pagar um horário. Com exceção da TV Amapá

e da Rádio 93,3 FM e da Diário, nenhuma outra rádio tem quadro de pessoal, de locutores, e aí as pessoas ficam alugando espaços. Tenho uma preocupação muito grande com isso. Eu não vou reclamar porque tudo que ganhei na minha vida foi fazendo rádio. Eu fui servidor da prefeitura, algo que conquistei exercendo cargo muito alto e tudo isso foi somando no meu salário. Hoje tenho um salário confortável, nada imoral. É tudo que a lei me deu por direito. Fui chefe de gabinete, fui prefeito substituto, enfim, essas coisas no serviço público vão somando, mas na verdade tudo que ganhei foi fazendo rádio, e fazendo com honestidade, modéstia parte, com competência, tendo bastante audiência, bastante interação com o povo. Eu amo Macapá.

#### **Momentos marcantes**

Olha, tem sim. Foi quando fecharam a Rádio Educadora. Foi um misto de emoção e revolta em 1978. Pressão da revolução das autoridades da época. A rádio era muito questionadora, com Bonfim Salgado, com Hélio Penafort, Luis Melo e João Silva. Não era que a gente criticasse, era que cobrávamos as coisas e como naquela época, as autoridades (sem generalizar), não gostava de críticas, só de elogios. Então houve muita pressão. Naquela época, o bispo de Macapá não era mais o Dom Aristides, mas o Dom José Maritano que era muito pastoral, muito medroso. Se fosse Dom Aristides a rádio não teria fechado. Aqui em Macapá não se fazia nada. Nenhuma autoridade, nenhum governador, nenhum prefeito na época de Dom Aristides fazia nada sem antes saber se ele concordava. Quando a rádio foi fechada ele não estava mais aqui, caso contrário ele teria enfrentado e rádio não teria fechado. Isso foi um fato que marcou, porque éramos todos jovens, adorávamos fazer rádio e isso foi um baque muito grande para todos nós.

#### Habilidades para o rádio

Eu digo sempre o seguinte: não é só na profissão de radialista, é em todas as profissões. Você tem que ser competente, honesto, trabalhador, acreditar na sua profissão, fazer dela uma profissão de fé, respeitar as pessoas, respeitar as autoridades. Ser amigo dos seus amigos. Lamentavelmente, isso não é mais assim. Na época da Rádio Educadora, todo mundo ia para o Balneário de Fazendinha, onde existia um barração, para fazer uma avaliação da programação. Um troço assim muito sério, muito legal, saber onde a rádio estava fraça, onde os programas estavam fraços, o que poderia ser melhorad e quais ideias poderiam ser adotadas. Tinha essa avaliação de programação.

#### A qualidade do rádio no Amapá

Como todo momento, tem altos e baixos, mas eu vejo com boa qualidade. Eu não quero citar nomes, mas há uma intromissão muito grande hoje no rádio. Há gente que não tem absolutamente nada a ver, não tem compromisso, gente que se vende, vende seu caráter, vende a sua palavra, isso aí é nefasto para a comunicação. Você está dando opinião para uma população inteira e isso é uma coisa muito séria. Você desvirtuar, descontruir a notícia isso é algo muito cruel. Isso sempre teve, lamentavelmente, mas eu vejo que tem muita gente boa hoje fazendo rádio, com muita competência e informação. Hoje o cara tem que se ligado nas coisas. As coisas evoluem. A velocidade da notícia é muito grande. O surgimento dos novos equipamentos deu uma velocidade assim fantástica. Eu lembro que no começo da carreira saíamos com um montão de coisa. Eu lembro que as vezes os LPS demoravam a chegar por aqui. Íamos para a rádio com aquele monte de LP debaixo do braço. Hoje eu tenho minha produção aqui em casa. A minha interação é via internet. Eu mando daqui de casa os arquivos e os mesmos chegam na minha pasta localizada no computador da rádio. Quando eu chego na emissora, está tudo lá.

#### O papel do rádio hoje

O rádio é um meio de comunicação fantástico. Eu sou suspeito para falar. É o mais intimista dos meios de comunicação, é aquele que chega mais perto da população e que chega mais rápido. Antigamente, tinha um incêndio, um acidente, e na década de 70/80, o repórter da rua tinha que dá sorte de ter um orelhão pra ele poder se comunicar com a emissora. Hoje ele puxa o celular e entra no ar rapidinho. Eu gosto de televisão, adoro televisão, mas ainda tem essa dificuldade da instantaneidade que tem no rádio. Na tv os equipamentos são mais pesados, o deslocamento demora um pouco mais, mas foi uma passagem feliz que tive na tv. Ainda tem gente que me conhece nas ruas da tv Amapá.

#### Profissional de sucesso

Como todo meio de comunicação, o profissional de rádio tem que ter credibilidade na população. Isso é fundamental. Ninguém fica quase cinquenta anos fazendo rádio se não tiver credibilidade. O ouvinte é antenado. Quando ouve a notícia, diz: "esse cara mente muito, esse cara está dando notícia errada". Então, todo profissional de comunicação tem que ter credibilidade, tem que



Assim como a Mara, muitas pessoas ainda lembram da passagem do radialista J. Ney na TV Amapá, na década de 80

ter competência, tem que ter interação com a sua população, tem que ter pontualidade. Se o ouvinte ou o telespectador não está gostando ele muda na hora. O rádio tem influência capital na vida das pessoas. Vou dar um exemplo, a Macapá Previdência liga para mim e diz: "olha Jota Ney, vai sair os proventos no dia 25. Aí, eu vou lá para o rádio e dou a informação: "atenção aposentados e pensionistas da prefeitura, hoje dinheiro na conta". Quando chego ao banco e o dinheiro não caiu na conta, a turma fecha em cima de mim. Enfim, a população cobra. Quando toco alguma música e digo o nome do ritmo errado, o professor Antônio Carlos, que é meu ouvinte assíduo, liga e diz: "isso aí não é bolero, é um samba canção".

#### Rotina na emissora

A equipe chega sempre vinte minutos antes do programa para fazer leitura, coisa que eu aprendi lá atrás. Às vezes o Carlécio (filho) e a Suelem (repórter) reclamam da leitura, mas é obrigatória. Não dá para você fazer um programa sem estar preparado. Ouvinte é ligado, ele sabe. Às vezes as pessoas me perguntam: "Jota Ney, o que está havendo com a Suelem? O que está havendo com o Carlécio?". Chamo os dois para a conversa, mas é bacana.

#### Rádio e as novas tecnologias

É uma beleza. Está tendo uma celeridade que o rádio não tinha. O rádio foi o meio de comunicação que mais ganhou com essa modernidade. Hoje estou no pen drive, estou na internet. Eu vim do gravador de rolo, que era o grande equipamento daquela época. Eu vim da caceteira que era um equipamento que antecedeu o k7. A caceteira era do tamanho de um DVD. Aí depois evoluiu para o k7. Depois veio o mini disk, depois o CD e agora estamos no pen drive. Às vezes nem uso mais o pen drive. Mando tudo que eu quero daqui via internet. O rádio ganhou muito, a televisão, todos os meios de comunicação. Com a internet o rádio ficou muito célere, mais dinâmico. Hoje você pode fazer um programa rapidinho, com o ouvinte passando a informação para você, dando local, hora, endereço e tudo. É um troço fantástico, espetacular. Ainda bem que estou convivendo com tudo isso. O Luiz Gabriel, meu neto de 4 anos, por exemplo, pega o celular da avó dele e começa a mexer. Estou vendo tudo isso aos 74 anos.

#### Amante da boa música

O programa "Sua Excelência o Domingo" tem um roteiro musical forte, destacando mais o samba e o pagode. Tenho uma discoteca que chamo CD teca. Também gosto muito de músicas internacionais e regionais, inclusive a música regional tem um dia no meu programa só para ela, onde destaco a música da nossa terra, mas adoro música. Adoro Paulinho da Viola, João Nogueira, que é um monstro sagrado, Martinho da Vila. Inclusive, ando triste com a situação de Arlindo Cruz que está doente. Fiquei triste



Além do rádio e da TV, J. Ney jogou em um time de futebol amapaense

com a morte do Luiz Melodia. Chorei quando o João Nogueira morreu. Sambista fantástico, compositor espetacular, mas a música brasileira tem muita gente boa, muita gente nova fazendo música da melhor qualidade. Gosto também da Anitta, ela me encanta como sambista. Toco, inclusive, as músicas dela no programa. Toco também as músicas da Ludmilla, toco todo mundo. Adelson Preto, Carlos Peru, Nonato Soledade, Amadeu Cavalcante, Osmar Júnior, enfim, nossa música também é linda. Aliás, nossa música precisa ganhar o mundo, precisa ganhar o Brasil. Hoje se dá prêmios para os mesmos. Para o Caetano Veloso, para a Maria Bethania e não dá para a Patrícia Bastos. Dão sempre para os mesmos. E essa questão da música e o rádio possuem uma intimidade. Nenhum artista, nenhum cantor faz sucesso se não passar pelo

rádio. Se o rádio não tocar não é, ele não consegue fazer sucesso. As coisas no Brasil estão na mesmice. Daí essa ascensão massacrante do sertanejo. Não tenho nada contra, mas de repente, ninguém contrata o Paulinho da Viola para fazer um grande show. Ninguém contrata o Martinho Da Vila para fazer um grande show. O João Nogueira vai por que ele é jovem, competente, é talentoso, enfim, mas esses caras daqui da velha guarda, ninguém é convidado. Fazer o que?!.

#### Vida simples

Sou uma pessoa simples. Eu tive uma infância muito boa, muito saldável. Nunca vi maconha e nem cocaína. Tenho maior orgulho ter sido filho do Duca Serra e a tia Antonica. Meu pai era um homem semianalfabeto, mas que sabia que a gente só poderia crescer na vida pela educação. Chegava o fim do ano ninguém trazia o boletim. Ele quem ia buscar. Às vezes eu fico imaginando o meu pai, pobre, minha mãe pobre. Eu vendi mingau e jornal na rua. Trato isso com muito orgulho. Na época ruim da minha família, meu pai fez dois médicos. Dos netos, são quatro ou cinco que são médicos. Inclusive tem um no Sírio Libanês, em São Paulo. Amo minha cidade, gosto da população. Vou à Igreja, sou temente a Deus. Gosto de samba. Adoro uma picanhazinha maturada. Adoro um tucunaré, adoro uma caldeirada. Amo a minha mulher, minha parceira. Aliás, aqui em casa eu falo fino. A última palavra aqui é dela. No futebol, sou vascaíno sofredor

#### Passagem pelo futebol

Fui jogador de futebol. Joguei no Juventus. Foi o maior clube de futebol da história do Amapá. Como diria o nosso Paulino, nosso poeta Laguinense, "tem que mostrar o documento" Se você jogou, tem que ter a fotografia", dizia ele. Eu joguei no Juventus e no São José, joguei bem. Todos os meus irmãos jogavam bem bola. Moleque na Praça Veiga Cabral jogava bola de manhã, de tarde, e à noite na quadra da Prelazia, jogava o futebol de salão. Sou vascaíno por incentivo do meu pai. Escutava ele ouvir rádio e falar em Ademir Menezes, que foi o artilheiro da copa de 50 com 9 gols. Falar em Maneca, Zinho, Freaça. Eu aprendi a ser vascaíno com ele, tenho sofrido bastante, porque o Vasco já está quase na zona derebaixamento, mas fui jogador aqui em uma fase áurea, quando o estádio Glicério Marques tinha arquibancada dos dois lados. Vivia cheio. A gente jogava com Paysandu e Remo e ganhava desses caras. Meu Deus do céu, era um troço maravilhoso. Foi uma fase muito boa da minha vida, foi espetacular.

#### Mensagem para a nova geração do rádio

Acreditem, o jornalismo é um troço espetacular. Tudo isso que está acontecendo no Brasil, se é que serve como incentivo, é graças aos jornalistas e radialistas, a todos que fazem imprensa nesse país. Somos atentos a essas coisas. Nos indignamos com tudo isso. O Brasil precisa mais de jornalistas. Gente com compromisso com a sua terra, com o seu país. Eu torço muito que o Estado possa absorver todos esses jornalistas que saem e que se formam todos os anos. Que sejam sinceros, honestos, competentes. Quem tenham o compromisso com sua terra. Essa é a mensagem que deixo para todos. Estamos precisando oxigenar os nossos meios de comunicação. Vejo com tanto carinho muita gente boa fazendo imprensa com muita qualidade. Isso é bom demais.



## JOSÉ CAXIAS

EMOÇÃO NO RÁDIO

André Silva

#### QUEM É

\*José Maria Caxias de Souza é radialista e jornalista. Tem 65 anos, com quase 50 anos de profissão, sempre sorridente e brincalhão, disse que viajou para 35 países e fez transmissão de seis copas do mundo. Ele, amapaense "puro sangue", contou que começou a vida no rádio muito jovem. Em um período, que ele descreveu como o mais difícil para o país: na ditadura militar. Hoje apresenta o programa Tarumã Notícias que vai ao ar todos de segunda a quinta-feira na Rádio Tarumã 105,1. Em uma entrevista descontraída ele relata momentos marcantes em sua carreira que começou aos 15 anos de idade. Sua trajetória e como transmitiu seis copas do mundo.

#### CARREIRA NO RÁDIO

48 anos de profissão

"Nesses 48 anos de rádio, conheci 35 países e fiz seis copas do mundo. Acho que do norte o cara que mais fez copas do mundo foi eu. Acho que estou na história da radio fusão do norte. Fiz a copa do Mundo dos Estados Unidos, da França, da Coréia e Japão, Alemanha, África do Sul e Brasil.".

#### O início no rádio

Entrei no rádio aos 15 anos de idade, em 22 de novembro de 1970, dia do meu aniversário. Comecei na rádio Difusora de Macapá. Quem me deu o apoio foi o saudoso Benedito Andrades, grande jornalista e radialista que tinha um texto da melhor qualidade. Tão prova, que ele foi um dos primeiros apresentadores de telejornal da TV Amapá (Filiada Globo no Amapá). Ele era diretor de jornalismo da rádio Difusora. O dom do rádio. Um dom que eu sempre admirei. Você já pensou eu com 11 anos pegava aquelas latas de leite Ninho fazia tipo um microfone e começava a narrar. É um dom que Deus passa para a gente. Como no seu caso, que está terminando jornalismo (se referindo ao aluno de jornalismo que o entrevistava).

#### Trajetória

Sai da Difusora e fui para a rádio Educadora São José de Macapá, uma emissora da Diocese, da prelazia. Uma emissora de padre. Me dei muito bem na emissora, tão prova que a própria emissora formou grandes radialistas, entendeu. Podemos citar ele, que é mais antigo do que eu no rádio, o J Nei, que até hoje brilha no rádio amapaense. Nilson Montoril de Araújo, João Silva, Vicente Rocha, Luiz Melo e outras pessoas que já viajaram para o andar de cima. Depois que sai da rádio Educadora, porque ela foi extinta. Aí eu fui para a rádio Equatorial, de lá fui convidado pelo Eraldo Trindade para trabalhar em uma emissora que estava iniciando que hoje é a 102 FM. Só lá eu passei 25 anos. Passei por várias emissoras. Na Tarumã estou a oito anos. Nesses 48 anos de rádio, conheci 35 países e fiz seis copas do mundo. Acho que do norte o cara que mais fez copas do mundo foi eu. Acho que estou na história da radio fusão do norte. Fiz a copa do Mundo dos Estados Unidos, da França, da Coréia e Japão, Alemanha, África do Sul e Brasil. Já estou trabalhando em um projeto para o ano que vem ir para a copa do Mundo da Rússia.

#### O profissional do rádio

A primeira coisa: ele tem que passar respeito para seu ouvinte. O ouvinte é muito sábio. Ele sabe quando o locutor está mentindo, está puxando o saco de autoridades, puxando o saco de políticos, ele é sábio. Então ele tem que mostrar que ele está aqui em uma cabine, mas ele está falando para milhares e milhares de pessoas. Você sabe que o rádio é o maior veículo de comunicação de massa.

O rádio nunca vai acabar. Com o rádio você pode fazer qualquer coisa, pode estar capinando ou em qualquer parte e estar ouvindo. A televisão, não, você tem que estar na frente para ver e o rádio sempre será o rádio. O locutor tem que passar respeito, credibilidade na hora da informação.

#### Divulgação da informação em Macapá

Hoje com a internet é 'uma mão com açúcar'. Com a internet você consegue qualquer informação com facilidade. Eu trago o meu instrumento de trabalho (tablet) comigo e é só notícias que estão saindo agora fresquinhas. Então a facilidade hoje é muito grande, antes era muito difícil, principalmente na época da ditadura. Naquela época você era monitorado para entrar no rádio. Hoje todo mundo quer ser radialista. Para entrar no rádio você era monitorado, ou seja, eles faziam um raio x da sua vida. O sistema militar tinha o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) que era um órgão que investigava as pessoas. A programação da emissora tinha que ir para a Polícia Federal e depois de 48 horas que era liberada. Não se podia nunca fazer programa ao vivo, era tudo gravado. Você gravava e a direção da emissora levava para a Policia Federal, aí ela liberava.

#### O rádio na vida do ouvinte

O rádio, principalmente pela manhã, quando você se acorda; vou citar exemplo aí de mim. Quando eu acordo, 4 da manhã, a primeira coisa que eu ligo é o rádio. Gosto de ouvir a rádio Tupi, a rádio Globo do Rio de Janeiro e a CBN. Várias pessoas do país são assim. Querem saber as notícias. A pessoa quando acorda quer ligar logo o rádio. O rádio é muito importante na vida da pessoa, no dia a dia dela.

#### A censura

Eu fui rodar na rádio Educadora de São José de Macapá, uma música que eu não estava sabendo que era censurada. Então, naquela época, a gente chamava de controlista o operador de áudio, hoje o pessoal chama de DJ, operador. Era o José Tavares, pedi pra ele rodar a música 'O bêbado equilibrista' do Audir Blanc e João Bosco na interpretação de Elis Regina. Mandaram me chamar para saber se eu era conta o sistema. Eu disse, não, e tive que me explicar.



José Caxias utiliza as redes sociais e aplicativos do celular para interagir com os ouvintes (Fotos: André Silva)

#### O profissional no rádio

A pessoa quando entra, encontra muita dificuldade, você pode sofrer a dificuldade, principalmente hoje. Pela minha experiência no rádio, conheço todo mundo. Conheço do Seu João lá dos congos até a maior autoridade que é o governador, vários empresários, tudo por intermédio do rádio. Os contra é o seguinte: você quando quer dar uma notícia e quer falar mal de um político, ele quer ir logo com a direção da emissora para querer te tirar, mas graças a Deus aqui tem a doutora Marlene que diz: olha você pode falar. Sou chamado pela justiça também. Meto-lhe o diabo em político! Tão prova o que estou dizendo que, domingo agora, daqui apouco vou dar a notícia, vai ter



Emoção é a palavra-chave no dia a dia do radialista

a 17<sup>a</sup> parada gay de Macapá, que em toda cidade tem, e aqui não é diferente. Vamos ter político de beiço pintado, aquela moral de: de dia Romeu Tuma de noite Laisa Myneli.

#### O rádio na internet

Hoje, ainda tem gente que coloca o ouvinte no ar não é? Isso no rádio moderno não existe mais. Tem o Face hoje, que o cara vê a gente pela internet. Tem cara que faz programa pelo Facebook, grava e lança. Em se tratando da nossa dinâmica no rádio para conversar com o ouvinte, digo que gosto sempre de colocar o bom humor, para não ficar só na mesmice, o cara quer humor. Principalmente nesse período de crise. O radialista tem que acompanhar o progresso. O progresso é quando todo mundo está evoluindo, se o cara fica só na máquina de escrever, está ruim, ele vai ficar na estrada. Graças a Deus eu vivo bem, com 48 anos de profissão. Se você não vivermos bem, vem a depressão.



# QUEM É

\*Luiz Carlos Catanhede nasceu em 1946, na cidade de Belém no estado do Pará. Iniciou sua carreira aos 18 anos na rádio Educadora de Bragança. Em 1970 começou a atuar profissionalmente na função de narrador esportivo. Trabalhou na rádio Clube, na rádio Marajoara e na extinta rádio Guajará FM, no Pará. Também atuou na Riomar, em Manaus-AM, e na rádio Caiarí, em Porto Velho-RO. Mudou-se para o Amapá em 1986, depois para Santarém em 1990, e novamente para Macapá em 1994, quando passou a atuar na rádio Equatorial AM, e posteriormente na rádio Difusora de Macapá, onde permanece até hoje. Exerceu a função de narrador esportivo por quase 40 anos. Dedicou-se também ao trabalho de instrutor de radiojornalismo e locução de rádio em diversos municípios do Estado, contribuindo para a formação de muitos locutores do rádio amapaense. Atualmente apresenta o Clube da Madrugada, um programa de entretenimento que vai ao ar de sexta para sábado, pela rádio Difusora de Macapá.

# LUÍS "CANTANHEDE"

# O NARRADOR ESPORTIVO

Iuana Almeida Vania Bagundes

# CARREIRA NO RÁDIO

40 anos de profissão

"Desde pequeno eu sempre tive vontade de ser um locutor, principalmente de me comunicar com as pessoas. Fazia teatro, pegava meus vizinhos, minhas vizinhas, tudo criança naquela época e fazia".

### Sonho de criança

Eu ia muito no circo Íbis em Belém, e tinha uma parte lá, a última parte era teatral e eu me ligava muito e eu achava lindo quando o apresentador dizia: "E agora, neste momento vai ter a peça e tal...". Eu achava muito bonito. Eu sempre dizia: um dia eu vou ser locutor. Tinha uns dez anos de idade nessa época. Então fui para Bragança. Servi o Tiro de Guerra lá, foi quando surgiu a rádio Educadora de Bragança, que foi a minha primeira rádio. Através de uns colegas, me convidaram para fazer um programa dia de domingo, naquela época, interior, não tinha o segundo grau. O pessoal ia para Belém, fazia o segundo grau e faculdade, e geralmente retornavam para passar o final de semana com os pais. Era esse pessoal que a gente pegava para entrevistar, fazia um resumo da vida escolar deles lá na capital em Belém e aí começou e que eu fui pegando o gosto mesmo pelo rádio. Já essa parte de narração esportiva foi o Cláudio Guimarães, ele é muito conhecido no rádio esportivo do norte do Brasil e até no Brasil todo. Nessa época ele era narrador da Rádio Educadora de Bragança. Uma vez faltou um repórter e ele me convidou: "Tu quer ir lá?". Tinha uma decisão de um campeonato lá de Bragança. Eu fui, né? Eu não sei... eu acho que me sai... eu não sei como eu me sai (risos) porque naquela época a gente não podia nem fazer avaliação porque não tinha gravador. Eu só sei que ele me elogiou. E aí fui pegando o gosto pela coisa, só que eu não quis mais ser o repórter esportivo, eu queria ser narrador como ele. Então fiz vários cursos, fiz na Funtelpa, fiz na Crítica, em Manaus. Agora profissionalmente mesmo, comecei no ano de 1970, no tricampeonato do Brasil da Copa do Mundo, na rádio Clube, extinta rádio Clube de Santarém.

# Trajetória em Manaus

Trabalhei na Rádio Caiarí, de Porto Velho, no ano em que o Esporte Clube Macapá, me lembro bem, foi o primeiro campeão da primeira copa, era o Copão da Amazônia em 1975. Eu morava lá em Porto Velho nessa época com a minha esposa, finada esposa, não tínhamos filhos, ela viajava comigo e eu tinha um programa a noite: O rei e eu, o nome do programa do Roberto Carlos. Também sempre narrava jogos, pelo campeonato de lá de Rondônia e teve o Copão da Amazônia, a primeira sede foi lá, e eu tive o prazer de narrar a decisão do Esporte Clube Macapá e o Ferroviária, se não se engano, do Acre. E o Esporte Clube Macapá foi o primeiro Campeão do Copão da Amazônia, em 1975, pela rádio Caiarí de Porto Velho.

# Vinda para o Amapá

Meu pai sempre teve um vínculo muito grande aqui, principalmente com Macapá. Ele vinha todo mês, tinha negócios e uma amizade muito grande aqui e eu sempre vinha esporadicamente. Eu comecei a vir mesmo para cá desde 1968. Quando foi 1986, em 5 de janeiro, ele faleceu. Eu fiquei tão desgostoso que peguei a minha finada esposa, meus dois filhos, minhas coisas, meu carro, tudo e botei num navio, e vim embora. Desde 86 eu estou aqui. Só que no início de 90 eu fui para Santarém, passei quatro anos ausente daqui e retornei em 94. Nesse período de 86 a 90 eu não trabalhei em rádio porque eu tinha meu sistema de comunicação. Fui o primeiro cara aqui, em Macapá, a ter um sistema de comunicação, aquelas caixas de som nos postes.

# Eu instalei a rádio Comunitária, mas só que era no centro, com as caixas Catanhede na Rádio Equatorial AM, em 1994 (Arq. Pessoal)

### Rádio Comunitária

de som. Entrava nove horas da manhã, saia meio dia, retornava três e saía seis horas da tarde. Comerciais, anúncios, informações. Tinha notícias de hora em hora que eu colocava. Quer dizer, era uma prestadora de serviços para população. Tinha negócios de compra e venda e quando eu retornei em 94 o Pantaleão, ele já tinha me visto narrando pela Marajoara, trabalhei na Marajoara em Belém, trabalhei na primeira FM que teve, foi a extinta Guajará FM, isso em 92, 93. O Pantaleão me levou para a rádio Equatorial na equipe do Reinaldo Costa. Tinha um narrador lá muito bom, o Carlos Silva, que já faleceu, ficamos eu e ele como narradores. O Humberto Moreira me ouviu narrando e me tirou da Equatorial e me levou para a Difusora, em 94. De lá nunca mais saí, até hoje eu estou lá.

# Longa jornada na Difusora

Só na Difusora tem 23 anos. De profissão mesmo eu tenho 39 anos e meio como narrador. Faz o que? Quase seis anos que eu deixei de narrar, não quis mais narrar futebol, levantei a chuteira. O rádio é um universo muito grande. Eu adoro rádio, não sei viver sem rádio. Durante a semana sinto falta dos meus ouvintes, de estar me comunicando com eles. Porque o rádio você, ou faz porque ama ou então não faz.

### A rádio no Amapá

Sobre material humano é muito bom aqui no Amapá. Eu fico até grato porque tem algumas pessoas que estão no rádio hoje, fazendo o esporte, agradeça a mim. Eu que coloquei, porque eu vi que tinha talento, mas a parte da tecnologia estava muito atrasada, dez anos atrás. Enquanto Belém, Santarém, Manaus, por aí afora já se transmitia qualquer evento externo, fora do estúdio, fora da rádio, qualquer evento, não quer dizer que seja só o futebol, através de link, aqui ainda se fazia por LP, por telefone. Agora não, agora eles já estão fazendo pelo link, quer dizer, é a única coisa que eu estranhei, mas depois me acostumei.

### Momentos de radialista

Eu tinha um sonho de um dia narrar uma decisão do campeonato brasileiro, campeonato carioca, sei lá, no Maracanã, no antigo Maracanã, não foi possível. O outro sonho que eu tinha era de narrar um jogo da Seleção Brasileira, seja onde fosse e em 95 eu tive a grata satisfação de ir pra Manaus fazer a reinauguração do Vivaldo Lima, onde jogou Brasil e Colômbia. Foi eu, Tarcísio Franco e Geraldo Almeida pela rádio Difusora. Esse foi um dos sonhos que foi realizado. E a tristeza foi eu narrando, o meu filho Janderson estava começando no Jornal do Dia, na área de esporte, e ele não sabia de nada de esportes, como até hoje ele não sabe, não gosta de futebol (risos), mas ele foi porque ele tinha que escrever a página do jornal. Eu lá sentado narrando e ele ficava anotando, escrevendo a história do jogo e um determinado dia, um domingo, nós estávamos lá e passou aqueles aeroplanos, sei lá, jogando um bocado de panfletos, e o Janderson fez uma crítica construtiva no jornal, na coluna dele. E no outro dia, lá na assembleia um determinado deputado se manifestou insultando ele, a mãe dele ... Foi a maior decepção que eu tive durante a minha vida de narração.

### Experiência como instrutor

Isso são os vários anos, eu juntei tudo com a minha experiência de vida que eu tenho dentro do rádio, desde quando comecei. Então na época que me contrataram pelo SENAI como instrutor do primeiro curso de locução de rádio que teve aqui no estado que foi em Laranjal do Jari. Só que depois eu fiquei insatisfeito com o salário que eles me davam, porque eu não tinha o curso acadêmico,

terceiro grau. A professora que ia comigo, que era formada, passava o curso todinho sentada e eu falando, falando, falando, e ela ganhava muito mais do que eu. Eu não me conformei, pedi que eles aumentassem, não aumentaram. Saí e montei o meu primeiro curso. Conclusão, até hoje eu estou, desde 2007, já formei várias pessoas. A Leila Andrade é uma que está na rádio Difusora de Macapá, faz o Show da tarde com a Josi Santos. Tem o Tenente Aroldo que faz a Polícia Militar e a Comunidade, dia de sábado, foi meu aluno. Várias pessoas, o Érick, a Vanessa Nascimento, lá de Santana.

# Emoções no rádio

Nós radialistas, locutores de rádio, trabalhamos a mente da pessoa, do ouvinte que está do lado de lá. Então através da nossa voz o ouvinte faz a nossa imagem. Como eu canso de falar nos meus programas que as vezes tem meninas que ligam para lá: "Eu quero te conhecer... Tua voz é linda...". Eu disse: "Não faça isso que você vai ter uma decepção muito grande". "Por quê", "Porque eu sou velho, narigudo, todo engelhado, 'carcundo' e inda por cima, liso (risos). "Ah, que nada e tal". Então já tive sim várias, aliás várias não, eu tive uma decepção, assim, não foi uma decepção porque a gente já está preparado para isso. Eu fui fazer uma cobertura das eleições um ano aí, em Itaubal pela rádio Difusora. Então eu ficava direto no Fórum, com o pessoal tudo lá, mandando informações de hora em hora e quando terminou veio a apuração, eles fazem na frente do Fórum mesmo, caixa de som, tudo e eu estava lá e chegou um cara e disse: "Cantanhede tem uma família toda aí e uma menina de 15 anos que é louca para te conhecer, que ouve o teu programa, mora no Carmo do Macacoari. "Ah, vamo lá". Moleque, o pai, a mãe, me abraçaram e tal. Rapaz, e ela ficou parada assim me olhando como quem diz "será que é esse velho?". Aí eu entendi, peguei na mão dela e a abracei. Ela não falou nada, nada, nada, essa mocinha. Então acontece dessas coisas. Ela pensou uma coisa e saiu outra, ela pensou assim, um cara bombado, loiro de olhos verdes e tal, devido a voz.

### Características do rádio

São duas faixas de rádio distintas: FM e AM. A FM todos os apresentadores são jovens, pode prestar atenção, todos eles são jovens. Alguns, por exemplo o Luiz Melo que é o dono da emissora, da Diário, que faz jornalismos, o J. Ney, mas a maioria, tirando o jornalismo, a maioria são jovens e a linguagem é totalmente diferente, é uma linguagem rápida, por quê? Porque eles são loco-operadores, ao mesmo tempo que eles falam eles operam e é pouca fala e mais música. Já a AM é diferente, todos os apresentadores de AM, a maioria, são adultos, pessoas adultas. Pode ir lá na difusora, qualquer AM dessa, não só aqui em Macapá, Belém por aí, a maioria são adultos, por quê? Porque se fala mais e se toca menos música, qualquer tipo de programa, seja de entretenimento, musical. Então requer muito improviso, que é isso que os locutores de FM não têm, muito improviso e estar



Na Rádio Difusora de Macapá: Luís Cantanhede, Marlúcio Medeiros e o operador de áudio Cleuber Sanches, ao fundo (Arquivo Pessoal)

por dentro do tema que ele vai jogar no ar para participação do ouvinte. Não adianta você jogar um tema, principalmente AM, no seu programa, que você não esteja por dentro, você vai pagar mico, então você tem que se preparar. Ah, vou lançar amanhã no meu programa, por exemplo, um tema sobre economia, como é que vai a economia aqui no Amapá, no Brasil e no mundo, como é que está? Ligue e participe. O pessoal vai ligar, estou dando só um exemplo, se você não estiver por dentro desse tema, você vai pagar mico. O rádio atinge todas as camadas sociais, do leigo ao mais intelectual, é uma comunicação de massa. Tu pensas as vezes que tu estás só no estúdio, comunicando, fazendo o teu programa, está pensando "Poxa vida, não tem ninguém me ouvindo". É nada! Tem muita gente te ouvindo, você não tem nem a ideia de quantas pessoas naquele exato momento estão lhe ouvindo.

### Formando talentos

Tarcísio Franco eu coloquei no rádio, Barbosa Neto eu coloquei no rádio. Todos estão trabalhando, graças à Deus. Então eu me sinto satisfeito de ver essas pessoas todas que passaram pela minha mão, e eles são bastante elogiados porque são grandes profissionais. Eles sempre falam assim: "Tive um grande mestre". Eu não sou mestre de nada (risos), simplesmente faço aquilo que eu gosto e eu gosto de ensinar e antes



Luís Catenhede em 2014, durante apresentação na rádio

desses cursos eu sempre ensinava as pessoas. Tem uma pessoa que ela não falava para fora, ela falava para dentro, e dentro desse meu estúdio eu a contratei para ela gravar as notícias de hora em hora. Ela disse: "eu nunca fiz isso", "eu vou te ensinar", respondi. Ela tinha vontade de ser uma locutora, então com os exercícios coloquei a voz dela para fora. Hoje em dia ela é uma das melhores locutoras que nós temos aqui no rádio e ela sempre diz: "agradeço a você".

### Produção e divulgação de notícias em Macapá

Eu sou muito ligado mais no jornalismo. E tanto emissora de rádio daqui como televisão, eu me ligo muito para eu ficar por dentro do que está acontecendo, acho bom. Eu não conheço assim diretamente a redação de qualquer departamento de jornalismo, por exemplo, de qualquer emissora. Trabalhei na Amapá FM, sei que é muito bom o jornalismo de lá. O meu foco mais é a Difusora e eu sei que ali funciona. O Departamento de Jornalismo dali funciona, a redação, o repórter, tudo funciona, tudo tem que estar antenado. Então para mim é nota mil. Eu sempre ouço o Luiz Melo, o J. Ney, para ficar inteirado. São muito bons, informação sempre precisa, porque hoje em dia com a tecnologia não adianta, se você dá uma informação agora com dez segundos já tem outra, naquele mesmo tema que você jogou. Então é incrível, é um monte de informações chegando todo tempo para ti, que na minha época que eu comecei, não tinha nada disso.

### As novas tecnologias

Eu sempre falo que eu sou um velho atual, porque no meu celular eu tenho Instagram, Youtube, E-mail, Whatsapp, Facebook, Messenger. Eu sou ligado, tem dia que eu passo cinco, seis horas direto. Eu acho ótimo isso porque naquela minha época foi um aprendizado e tudo o que eu aprendi estou dando hoje para as pessoas que estão começando no rádio, e junto ao meu aprendizado daquela época, com o de hoje, com a tecnologia de hoje. Por exemplo, existe a comunicação no rádio, e fora do rádio. Sei me comunicar com uma moça na idade de 20 anos, 15 anos, 14 anos. Eu é que falo a língua de vocês. Você não pode falar a minha linguagem porque você nunca alcançou a minha idade, 70 anos, nunca passou, eu já passei pela sua idade, então me comunico com todo tipo de pessoa. Quando um ouvinte liga para lá, eu já sei pelo timbre de voz, se é um jovem, se é uma pessoa adulta, se é um idoso, e eu vou de acordo com a faixa etária dele, é por isso que eu me dou bem até hoje, não é? E eu estou muito feliz com essa tecnologia.

### A importância do rádio para o ouvinte

O rádio em si quando bem feito, é bem absorvido pelos ouvintes, principalmente AM. A AM tem que ser rádio prestadora de serviço. Todas as emissoras de rádio, todo tipo de comunicação, o jornal impresso, a televisão, e principalmente o rádio. O rádio

é onde você transmite qualquer evento na real. Já a televisão é mais difícil porque existem mais equipamentos, mas o rádio em si é uma prestadora de serviço para comunidade incrível. Não tem melhor prestadora de serviço como o rádio, o rádio é massa.

### **Um sonho**

Eu acho que a única coisa que eu vou morrer e não vou conseguir é narrar um jogo de futebol no Maracanã. Até porque eu já deixei de narrar. Então esse sonho nunca vou realizar, aquele que eu falei anteriormente, mas se surgisse essa oportunidade iria. Eu tinha que me preparar, não deixei o rádio. Eu continuo fazendo rádio, continuo apresentando o meu programa só que é um programa diferente da área esportiva, mas com aquele mesmo dinamismo, aquela mesma alegria. Porqu acho que todo locutor de rádio tem que passar um pouco de humor, um pouco de alegria. Passar na hora que você vai ler uma nota de falecimento, você está naquela maior alegria e de repente chega uma nota de falecimento, seu diretor de programação traz para você, "Lê aí". Aí você já muda a tonalidade de voz. Tudo isso você tem que prender.

# Experiência marcante

Eu dei a notícia que meu amigo Laércio Junior foi internado, durante o programa Clube da Madrugada, de sexta para sábado, e no outro programa eu dei a notícia de falecimento dele, eu fiquei muito triste. Chorei na hora que estava dando a notícia porque era uma pessoa muito próxima da gente, principalmente lá na rádio Difusora, a gente tinha uma proximidade muito grande um com o outro. No dia que ele foi internado a esposa dele me ligou no programa: "Cantanhede anuncia aí que o Laércio está internado assim, assim ...". No outro ela mesma ligou: "Cantanhede anuncia o falecimento do Laércio. Acabou de falecer", chorando. Tive que dar a notícia, convidando os amigos, parentes, ela já tinha me dado onde ia ser o velório. Aí não teve como controlar, eu estava tão alegre nesse dia, e rapidamente veio aquela água fria.

#### Entretimento no rádio

Eu gosto de fazer mesmo, por exemplo, tem colegas nossos aí que fazem, como o finado Odvar Mota, ele fazia a Grande Seresta, mas ele não colocava o ouvinte no ar, ele não gostava. O ouvinte ligava, ele anotava o nome da música, o nome da pessoa. Quer dizer que cada locutor tem uma preferência, um estilo. O meu, por exemplo, eu gosto... outros não, outros pegam, fazem, por exemplo, a programação de músicas sem a participação do ouvinte. Tem locutores que não gostam. Aí faz a programação de músicas. Eu não, quem faz a programação de música no meu programa é o ouvinte. Eu não faço. O ouvinte liga para lá, eu coloco ele no ar "Qual é a música que você pede? O que você quer ouvir hoje?". Aí ele fala, qualquer tipo de música e sempre foi esse o meu estilo. Eu tive uma vez um programa na rádio Cultura. A rádio Cultura não pega em Belém, pega quem tem rádio, por exemplo, com onda tropical, pega mais para o interior, que é do governo do Estado do Pará. Então eu disse assim, eu venho para cá, mas vocês vão me deixar livre para eu colocar o ouvinte no ar. Tinha muitos programas lá que não tinham, era ordem da direção. Senão não venho. Ele disse, "Não, pode ir...". Primeiro eles colocaram oito ouvintes, duas horas de programa, eram oito ouvintes, estipulado. Ai depois foi aumentando, viram que o programa foi. Ainda passei um ano lá, então é o ouvinte que faz a programação musical.

# Orgulho do filho

É um legado, é um sonho meu que ele vai me substituir, quando eu passar dessa vida para a outra. Ele vai ficar aí, a minha filha que não quis saber de comunicação, é mais parte empresarial e tal, ela gosta muito disso, mas o Janderson não, o Janderson ele tem talento. Ele nunca tinha trabalhado assim, gosta muito de escrever e escreve muito bem. Não é por ser meu filho, mas agora que ele está entrando mesmo no rádio, ele está gostando muito.

### Conselho aos jovens profissionais

Seriedade. Muita seriedade, muita ética profissional, não ser maria vai com as outras. Eu sempre falo que Macapá é o pior lugar para se trabalhar na imprensa, porque muitos colegas nossos são conduzidos a fazer coisas que não devem, através de politicagens. Nós temos grandes locutores aí, que estão afastados da Difusora por problemas partidários, problema de política. Não te mete. Não te mete. Eu sempre vivi longe desse pessoal, graças à Deus, nunca precisei. Posso até um dia precisar, ninguém pode dizer que desse pão não como, dessa água não bebo, mas faço tudo para não precisar. É preciso você ética profissional, você ter sinceridade, humildade, fazer o rádio com seriedade.



# QUEM É

\*JOSIVALDO PIMENTEL DE ALMEIDA, o "Mister Vado" nasceu em Igarapé Açu-PA, que fica a 200 km da capital Belém. De Igarapé Açu morou em Castanhal, seu pai teve que trabalhar na Serra e Almeida na época, e sua família teve que se mudar para Macapá. Começou no rádio como estagiário do radialista Alain Cristopher, na rádio 93, 3 FM e em seguida na rádio 102,9 FM. É formado em jornalismo, Comunicação Social, e já tentou cursar outras faculdades, porém não concluiu letras, administração e marketing. Escolheu trabalhar no rádio porque viu que de todas as áreas que ele havia tentado trabalhar, não tinha afinidade. Um dos seus sonhos que deseja alcançar é abrir sua própria rádio, hoje possui sua rádio web, que é uma rádio interativa do jeito que sempre desejou, mas sem esquecer-se do sonho de ter a concessão de uma rádio pública. Seu último trabalho em rádio FM foi na rádio Jovem Pan, e atualmente é locutor na rádio Difusora de Macapá.

# MISTER VADO

A VOZ JOVIAL DO RÁDIO

Daniele Queiroz Luma Coutinho Zenaide de Souza

# CARREIRA NO RÁDIO

25 anos de profissão

"Eu comecei há 25 anos no rádio. Eu tenho uma boa experiência já, com 17 anos a minha voz já tinha mudado, e eu estava estudando para uma prova e eu recebi um comunicado na rádio que a 93,3 FM precisava de locutores e agenciadores e, esse ramo de comunicação sempre me fascinou, eu pensei, não sirvo para ser locutor mais eu vou para ser agenciador, aquele cara que corre atrás dos comerciais na rua, fecha os comerciais e traz para dentro da emissora".

### **O Mister Vado**

Quando nós começamos no FM aqui em Macapá eu trabalhava na 93,3 FM, depois fui para 102,9 FM, quando eu cheguei para lá eu encontrei meu amigo Alain Cristopher, eu estagiei com ele, foi com ele que eu aprendi a mexer nos equipamentos. O Alain perguntou como era meu nome, meu nome é Josivaldo Pimentel de Almeida, vou falar aqui porque tem que falar (risos). Então eu usava J Almeida logo no início, ai o Alain disse que meu nome estava muito "AM", que esse nome estava feio, perguntei se ele me sugeria algum outro, então ele me perguntou se eu tinha algum apelido, e eu disse que tinha Vado, então ele sugeriu colocar Mister Vado, e eu gostei. As pessoas perguntam por que Mister? Porque você desfilava? Eu digo que não tem nada a ver, nem tenho dotes para isso. É porque Mister é uma saudação norte americana, por exemplo: Mister Bob, jovem Bob, Miss Luma, uma jovem menina, miss Taylor uma jovem menina, então miss é mulher e mister é homem, uma saudação jovial, então Mister Vado uma saudação jovial, aí pegou eu usei depois de muito tempo "eu sou o Vado desde pequenininho" era o meu slogan "Mister Vado desde pequenininho".

### O início no rádio

Eu comecei há 25 anos no rádio, eu tenho uma boa experiência já, com 17 anos a minha voz já tinha mudado, e eu estava estudando para uma prova e eu recebi um comunicado na rádio que a 93,3 FM precisava de locutores e agenciadores e, esse ramo de comunicação sempre me fascinou, eu pensei, não sirvo para ser locutor mais eu vou para ser agenciador, aquele cara que corre atrás dos comerciais na rua, fecha os comerciais e traz para dentro da emissora.

Quando eu cheguei com meu diretor de rádio 93,3 FM que na época era o George Guimarães que hoje trabalha comigo na rádio Difusora, ele disse que eu tinha uma voz boa e me preguntou se eu não queria ser locutor, então isso me encheu de satisfação, fui fazer o teste, na época a rádio funcionava até meia noite e depois saia do ar, então fui fazer o teste após meia noite, só que quando lá havia umas dez pessoas para fazer o teste também e eu não tinha nenhuma experiência, a minha dicção não era boa, então eu vi pessoas mais experientes



Mister Vado durante os trabalhos na Rádio Difusora de Macapá (Foto: Dani Queiroz)

que eu, fui o quarto a fazer o teste e o diretor ficou surpreso com a minha desenvoltura. Entre os dez candidatos eu fui escolhido, George Guimarães que trabalha comigo hoje, costumo dizer que é meu pai do rádio.

Comecei a estagiar na rádio 93,3 FM e aprendi a manusear os equipamentos, aprendi também a desenvolver um pouco da minha voz e ele me ensinou algo muito importante, que locutor não precisa ter a voz grossa para trabalhar no rádio ou na comunicação, você precisa ter desenvoltura, desembaraço, pensamento rápido, uma coordenação motora boa.

### Habilidades para o rádio

Isso, você precisa ter uma característica importante que é a criatividade. A habilidade é você poder manusear os equipamentos e manusear a tua voz da melhor maneira, então você precisa ser um bom comunicador, tem que ter boa leitura são os pré-requisitos, tem que ler em voz alta esses são os requisitos que nós precisamos para começar no ramo da comunicação.

### Inspirações na carreira

Eu tive grandes inspirações, eu era fã do Nonato Pereira da rádio Liberal de Belém, era fã do Jorge Proença que hoje faz rádio Jovem Pan, eu também trabalhei na rádio Jovem Pan, trabalhei nas grandes rádios, eu sou o único locutor de Macapá que trabalhou nas grandes afiliadas do Brasil, Rádio Transamérica e Rádio Jovem Pan, são duas grandes potencias do rádio FM que para você entrar nessas duas rádios, você tem que fazer um teste, eu fiz e fui aprovado pelas duas grandes franquias de rádio do Brasil.

### **Trajetória**

Eu já trabalhei praticamente em todas as rádios de Macapá, comecei na rádio 93,3 FM e depois fui para 102,9 FM, depois fui para rádio Cidade 101 FM, fui também para a 94 FM, rádio Transamérica, 99 FM e depois voltei para rádio 101 FM e depois voltei para a Jovem Pan que saiu daqui de Macapá, saiu do satélite, mas foi a última rádio que eu trabalhei que foi a Jovem Pan. Paralelamente a rádio Jovem Pan eu trabalhava aqui na rádio Difusora, já tenho dois anos e meio aqui, foi uma experiência nova para mim, porque eu nunca tinha feito rádio AM.

### **Momentos marcantes**

Durante esses vinte cinco anos eu tenho cada história, risos, algumas eu não posso contar, uma que meu primeiro casamento foi desfeito porque eu deixei o microfone aberto e eu recebi uma cantada de uma pessoa no telefone e eu estava respondendo essa cantada em voz alta porque eu pensei que havia desligado o microfone e não estava desligado, só que a minha esposa estava ouvindo aquele bate papo, e na verdade eu estava só retribuindo o carinho que ela estava tendo por mim, nós precisamos ser muito atenciosos com todos os nossos ouvintes, só que minha esposa não viu dessa maneira, foi imediatamente na rádio e terminou tudo, então essa é uma das histórias, de muitas que já passei.

### Premiação

Eu recebi uma premiação a muito tempo atrás, melhor locutor de Macapá, mas não levei muito em consideração isso porque aqui em Macapá os ibopes, as pesquisas de opinião elas não refletem muito a realidade, então muitas das vezes pedem dinheiro para premiar e eu não gosto assim, desse jeito eu prefiro nem ser mencionado, já fizeram isso comigo, me pediram dinheiro para me colocarem em primeiro lugar nas pesquisas, alegando que precisavam do dinheiro para custear o evento, e eu não aceitei, eu prefiro o reconhecimento do público, esse sim é o valor maior.

### Conquistar o ouvinte

Música, o ouvinte liga no rádio para ouvir música, informação, são os requisitos básicos que a pessoa liga o rádio, então essa é a minha indicação para quem está começando, tocar bastante música principalmente na FM, falar pouco e tocar música, já no AM nós temos mais tempo, tempo de falar, tempo de tocar música, tempo de você passar uma informação, um tempo para participação do ouvinte e tempo para o comercial, e no FM não tem isso, devido ter uma concorrência muito grande, tudo tem que ser muito sucinto e objetivo.

### Dificuldades enfrentadas

As dificuldades que infelizmente a gente enfrenta ao entrar nesse ramo é que as pessoas te veem como concorrência e muita gente tem medo de concorrência, acham que vão tomar o lugar delas, quando eu entrei foi essa dificuldade que eu tive, as pessoas não me davam espaço, então ainda bem que eu encontrei pelo caminho pessoas que me deram oportunidade, então graças a Deus, eu encontrei pessoas boas e eu aproveitei da melhor maneira todas as oportunidades.

### Experiência na Rádio Web

A minha rádio web, ela funciona do mesmo jeito que funciona uma rádio com concessão pública, a diferença é que você só pode ouvir pela internet, ouve no celular, no tablete, no computador. Já uma rádio com concessão pública no seu radio no carro, no radinho de pilha, em qualquer lugar você pode sintonizar. A rádio web tem tudo, os programas, a participação do ouvinte, interatividade, tem prêmios, tem locução, notícias, tem tudo que tem em uma rádio pública. Eu tenho ajuda do meu filho de 20 anos, ele me ajuda muito, ele que toma conta da rádio web, eu quero introduzir ele como locutor, mas ele não quer, diz sempre que não tem voz boa para isso, mas eu estou começando a introduzir ele na comunicação.

### Cursos de locução

Sim, pretendo dar Cursos de Locução. Eu trabalho como mestre de cerimônia, sou chefe do cerimonial da empresa Imperial Formatura, eu trabalho como locutor na Rádio Difusora, que é uma experiência nova para mim, trabalhei na rádio Jovem Pan que foi a última rádio FM que eu trabalhei, e trabalho também apresentando shows, apresento televisão que também é uma experiência nova, então eu tento fazer o melhor,



Mister Vado já trabalhou em muitas rádios de Macapá

todos são experiências diferentes, são extremamente desafiadoras e eu quando faço cerimonial é uma técnica, é um jeito, quando apresento um show é outra coisa e quando faço FM é outra coisa totalmente diferente, então são várias facetas que a gente tem que estudar, e o curso que estou fazendo será ministrado com essa experiência que eu obtive ao longo desses anos, com experiência de outros profissionais que são amigos meus. Alguns profissionais que virão de fora, pessoas que são ligadas a linguagem, porque a língua é muito importante. Professores de gramática, professores de fonoaudiologia para ministrar aulas, professores de inglês que vão introduzir o inglês básico.

### A notícia no rádio em Macapá

Está ótima, excelente por causa do advento da internet, a internet nos facilitou em tempo real a gente pode retransmitir as notícias, hoje os nossos repórteres saem para colher, por exemplo, aqui na rádio difusora, os repórteres saem periodicamente de manhã cedo para colher as informações nas feiras, o que acontece no dia a dia, do nosso cotidiano do trabalhador, mas as notícias nacionais, as notícias locais que a gente não tem muito acesso com nossos repórteres a gente colhe na internet e nós conseguimos passar em tempo real para os nossos ouvintes. O grande passo nesse século foi o advento da internet, que nos facilitou muito, a comunicação ficou bem mais fácil, mais rápida, acho que a velocidade na informação é que faz diferença no rádio, é que nos dá a vanguarda do rádio. Essa é minha opinião relacionada a essa modernidade da informação.

### O rádio para o ouvinte no Amapá

Foi muito mais importante no passado, mais continua sendo importante hoje, porque nós não tínhamos a internet no passado, então as pessoas buscavam o rádio para ficar informado, hoje já temos a internet então o rádio perdeu um pouco o seu valor, por causa que no celular você pode baixar pela internet, em termos percentuais perdeu, mas o rádio ainda possui o seu fascínio, tem o seu atrativo, as pessoas querem ouvir sua música no rádio, apesar de ter a internet que nos permite buscar a música a qualquer hora. As pessoas querem ouvir músicas variadas, buscar informações então o rádio ainda tem seu atrativo, seu fascínio.

### Na TV e no Rádio

No rádio, a tua expressão corporal facilita na tua interpretação, nós temos expressões corporais no rádio que as pessoas não estão vendo que facilita na tua comunicação, são gestos que facilitam na tua interpretação, e na televisão viceversa, não pode fazer gestos mirabolantes porque você tem também que preservar a imagem, a tua postura na televisão, então é difícil fazer televisão, não é fácil. Quando eu estou no rádio é mais fácil para mim pela experiência, eu uso meus gestos para ficar melhor a interpretação, então para quem está ouvindo não percebe que lá dentro eu estou fazendo caras e bocas, e na televisão eu não posso fazer. A linguagem no rádio é mais dinâmica, mais rápida, enquanto que na televisão você tem que saber a linguagem que você vai usar. No começo eu apanhei muito, me pegava fazendo caras e bocas na televisão, recebi muitas críticas negativas, agora







Momentos da carreira no rádio (Arquivo Pessoal)

já recebo críticas positivas e isso já demonstra a evolução. No rádio a linguagem é mais rápida, frenética, mais intensa, quando eu recebi o convite para televisão eu falava rápido demais, então me chamavam atenção constantemente para falar mais devagar e na televisão eu tenho que me preocupar com a voz, postura e com a interpretação. Então para mim é muito mais difícil fazer televisão do que fazer rádio.

Quando nós trabalhamos no rádio a nossa mente fica habituada em processar rápido as informações, a ter aquela criatividade, criar rápido, então o rádio facilitou nesse sentido, na televisão quando é ao vivo eu já tenho uma facilidade de criar e me sair de algum problema que acontece, por causa que o rádio me deu esse dinamismo, nós precisamos criar muito no rádio. O rádio te dar um leque de opções em ser dinâmico, tem que ser extrovertido no rádio, alegre sempre, você não pode chegar no rádio e passar uma tristeza, na televisão se você tem uma notícia triste você não vai falar de uma maneira alegre, tem que falar de uma maneira triste. Então esse dinamismo no rádio facilitou criar na televisão principalmente quando é ao vivo.

### Dica para os estudantes de jornalismo

A dica é se você tem aptidão em fazer comunicação, faça, porque você vai criar um fascínio como eu criei e nunca vai querer largar. Agora se você não tem aptidão, ame ou deixe, se você ama o que faz vá em frente, não vai te dar rios de dinheiro, têm outras profissões que te dá melhor rentabilidade, mais eu não largo a comunicação, porque me dá o que eu preciso, mas me dá muito mais paixão, amor e todo ser humano sobrevive de sentimento, de amar o que faz, eu amo meus companheiros de trabalho, eu não consigo viver sem isso. Quando acontece alguma coisa com a minha voz eu fico preocupado. Eu amo o que eu faço, não consigo me imaginar não fazendo TV hoje. Então se você quer entrar no jornalismo faça, porque você vai se apaixonar.

A dica que eu dou para vocês, não precisa ter voz bonita, não precisa ser bonito, está aí meu exemplo, entre com toda força, com toda vontade, quando a gente tem vontade a gente consegue porque Deus ajuda. Não deixe nunca que nenhum obstáculo impeça você de conseguir seu sonho, eu ao longo da minha experiência tive vários obstáculos, mas eu queria tanto e hoje eu sou reconhecido por persistir, e o reconhecimento é o preço, é impagável.

# Mensagem aos profissionais

Meus amigos jornalistas, meus companheiros eu digo uma coisa pra vocês, não desistam dos seus sonhos porque obstáculos aparecerão, empecilhos, haverá momentos em que vocês vão parar e pensar que isso não é para vocês, Acreditem é. Se você ama, se você quer, se você tem o dom, vá em frente, a comunicação é tudo nessa vida, por mais que você não queira ser um jornalista propriamente dito, se você quiser ser um advogado, vai precisar ter uma comunicação interpessoal, se você quer ser um médico, você precisa se comunicar, tudo é comunicação, tudo o que você precisa está inter-relacionado, se comunicar bem e ler muito. O recado que eu deixo para vocês jornalistas, leiam bastante, tudo é válido em termo de leitura. Então persistam nos seus sonhos, sigam em frente e nunca desistam!



# **ROBERTO GATO**

# A VOZ DO POVO RIBEIRINHO

Jéssica Mont'Alverne Felipe Lima

# QUEM É

\*Roberto Coelho do NASCIMENTO, mais conhecido como Roberto Gato, nasceu em 25 de janeiro de 1959. Macapaense, iniciou sua carreira como jogador de futebol, passando por diversos clubes do Amapá, Pará e Manaus. Seu contato com o meio jornalístico foi através do convite de Rodolfo dos Santos Juarez, em 1984, para ser revisor do Jornal Folha do povo, de lá para cá Roberto Gato já passou por jornais impressos, programas de TV e rádio, sempre buscando se inovar e manter-se firme na função de comunicador. Sua paixão pelo rádio é visível e inspiradora, ele conta em entrevista cada detalhe da história do rádio no Amapá, o surgimento da primeira emissora de rádio, a qual é diretor, a importância desse meio de comunicação na Amazônia e os desafios da profissão como jornalista. Gato é pai, avô, funcionário público, empresário, ex-jogador de futebol e jornalista, hoje com 58 anos se orgulha de ter feito parte de momentos histórico na trajetória do Amapá, de Território a Estado, sobretudo seu trabalho como um dos pioneiros no rádio amapaense.

# CARREIRA NO RÁDIO

30 anos de profissão

"O rádio guarda uma diferença dos outros veículos, na televisão você tem a imagem para te escorar, ou seja, casa o texto com as imagens. No jornal você escreve, revisa e tudo mais. No rádio não, o rádio é o imediatismo, é o agora, é o ao vivo".

### Rádio Difusora

Gato conta com detalhes sobre a criação da rádio Difusora de Macapá. Segundo ele é preciso fazer um apanhado histórico para que se possa compreender melhor. Ela foi criada para fazer a comunicação local, na época da criação do antigo território do Amapá, no intuito de explicar ao povo paraense o processo de separação. Ele conta a história da rádio Difusora e como, ao longo de 70 anos, ela tem sido a escola de muitos radialistas de renome no Estado.

Após a criação da rádio Difusora, foi criada a rádio Educadora, uma emissora coordenada por padres, tida como A rádio da juventude, ela era produzida por aqueles que não tinham a oportunidade de trabalhar na Difusora e serviu para forma grandes nomes atuais do rádio amapaense.

### Início no rádio

Em 1983, Roberto Gato começou como aprendiz no Jornal impresso Folha do Povo, se firmando como revisor do veículo em 1984. Seu trabalho foi ganhando proporção no cenário amapaense, chamando atenção para outros veículos. Em 1991 foi convidado a ser repórter na TV Amapá (filial da Rede Globo), onde trabalhou por três anos até iniciar sua trajetória no rádio. Indicado pelo locutor Umberto Moreira, começou como produtor de programa, mesmo não tendo nenhuma experiência com microfone no rádio. "O rádio guarda uma diferença dos outros veículos, na televisão você tem a imagem para te escorar, ou seja, casa o texto com as imagens. No jornal você escreve, revisa e tudo mais. No rádio não, o rádio é o imediatismo, é o agora, é o ao vivo". Seu primeiro contato com o ouvinte foi através do incentivo de Anibal Sérgio, como comentarista e fazendo a contextualização de fatos. Segundo ele, na época isso não era comum, o tornando um dos pioneiros a trazer um certo dinamismo na apresentação de programas de rádio. Após sua adaptação no estúdio, Roberto Gato passou de produtor, para repórter e, ganhando cada vez mais reconhecimento, estreou apresentando o programa "Em Primeira Mão", das 6h às 7h da manhã.

Após 20 anos de carreira como jornalista, Roberto Gato já era conhecido pelo seu estilo polêmico, o que não agradava alguns ouvintes, sobretudo, pessoas envolvidas no cenário político. Em 2003, com a mudança de governo, ele foi afastado da rádio Difusora de Macapá, retornando em 2005 a convite do Governador da época. Ainda por questões políticas, em 2011, o jornalista foi afastado novamente de seu cargo, voltando recentemente à rádio Difusora como Diretor. "Uma emissora que eu aprendi a gostar e admirar"



Roberto Gato e Anibal Sérgio apresentando programa na Rádio Difusora de Macapá (Fotos: Felipe Lima)

#### **Momentos marcantes**

É notória a participação de Roberto Gato em momentos marcantes da história do Amapá e do Brasil, ele sempre busca sair de sua zona de conforto para assim trazer o melhor conteúdo e deixar seu público informado. Ele recorda de um episódio marcante na sua carreira que foi uma Marcha Indígena, um protesto em comemoração aos 500 anos do Brasil, o qual foi violentamente reprimido pelos militares. Ele estava presente na marcha, fazendo a cobertura pela rádio Difusora de Macapá. Além desse acontecimento, Gato relembra certa vez que recebeu uma carta onde pedia sua visita a uma senhora tetraplégica, a qual ela era muito sua fã, ele costumava conversar com ela por telefone, porém após o pedido foi pessoalmente conhecê-la e o carinho que ele recebeu ao chegar na residência o comoveu, fazendo ele se sentir grato não só pelo reconhecimento, mas pelo trabalho que realiza levando informação e conhecimento ao povo.

### Habilidades para o rádio

Existe no rádio vários tipos de programas, entre eles os de entretenimento e os informativos, Roberto tem mais propriedade para falar sobre sua área que é o rádio jornalismo. Ele afirma ser essencial a quem pretende seguir esse caminho, ter informação e conteúdo para contextualizar os fatos. O ouvinte não quer mais somente a notícia, ele quer debate e posicionamento, e é dever no radialista dar ao povo o que ele quer. Além disso cita a importância da leitura e fluência oral para dar mais credibilidade ao programa e ao jornalista, você precisa saber como relatar os fatos.

# A notícia no rádio em Macapá

Apesar de elogiar os jornalistas do estado, Roberto Gato responde fazendo uma crítica ao atual modelo econômico do Amapá, herdado desde a época do antigo território. "Tirando a rede amazônica de rádio e televisão, os outros veículos sobrevivem as duras penas". Além disso, complementa sua fala afirmando que o comunicador que não trabalha nos grandes veículos de informação tem sua mão de obra desvalorizada, em regime de aluguel, recebendo somente pelo conteúdo que produz, ou seja, não consegue sustentar, com recursos próprios, sua empresa de comunicação. Ele usa como exemplo, seu próprio jornal, o Tribuna Amapaense, que já teve versão impressa e hoje, por falta de capital, funciona apenas nas redes sociais. Acrescenta ainda, que para ser feito um programa de qualidade, bem substanciado, é preciso uma boa equipe, com pessoas empenhadas em produzir bons conteúdos.

### O ouvinte na região

A Floresta Amazônica é considerada a maior floresta tropical do mundo, e é nela que famílias ribeirinhas vivem isoladas do crescimento das grandes capitais. Por falta de investimento, muitas dessas famílias não têm acesso direto aos meios de comunicação. Roberto Gato é considerado a voz dos ribeirinhos, pois, é através do seu trabalho que esses povos isolados ganham

voz e se sentem representados. Em entrevista, ele lembra denúncias de ouvintes através de cartas, ou seja, o cidadão do interior que não tem acesso a telefonia e internet usa o rádio para se comunicar com a cidade. "A rádio AM consegue ser o ponto de contato entre o central e o interior. O rádio é o interlocutor do cidadão que está isolado da capital, é o meio de confiança dos moradores ribeirinhos"

### O rádio e a internet

A rádio Difusora de Macapá, dirigida por Roberto Gato, vem se adequando aos novos meios de comunicação e expandindo sua área de atuação, além do rádio, hoje está nas redes sociais e tem seu próprio aplicativo, levando comodidade ao ouvinte. Embora isso seja algo relevante, ela sofre com a eminência de um possível desligamento da rede AM. "Ou a gente se adequa a modernidade ou o rádio acaba". "Hoje ninguém quer colar o ouvido no radinho, mas de repente eu quero saber o que o Roberto Gato está falando, quero interagir. Não preciso ligar para ele, vou na Live do Facebook e assisto, temos uma comunicabilidade em tempo real". Ele ressalta a importância da junção entre a juventude e a experiência, a juventude com o ímpeto e a forca de vontade de fazer e o mais velho com a experiência adquirida ao longo de sua trajetória. Ambos os lados seriam beneficiados com a troca de conhecimentos.

### Enfrentar as dificuldades

Desde o início de sua carreira como jornalista, Roberto Gato passou por altos e baixos, por conta de sua abordagem polêmica, porém ele ressalta que em nenhum momento pensou em desistir, mesmo ficando desempregado ou recebendo críticas. "Você tem que amar o que faz e meter bronca, não deixar as adversidades te inibam de continuar naquilo que você gosta de fazer".

# Projetos para o futuro

Trabalhar com comunicação e jornalismo, é retratar o cotidiano da sociedade. Parece uma tarefa simples, mas com o mundo

mudando suas tendências a todo momento, é dever do jornalista se manter atualizado e sempre ativo, produzindo o que a sociedade quer escutar. "Sobretudo no rádio que está a todo momento conectado ao ouvinte, nos seus afazeres diários e momentos de lazer", comenta Roberto Gato. Com 58 anos, ele declara que já é uma grande conquista continuar trabalhando no que gosta. São mais de 30 anos de carreira na área da comunicação e ele tem se mantido na ativa, procurando se reinventar para acompanhar as mudanças tecnológicas. O seu desejo é de apenas manter vivo seus projetos, como o Tribuna Amapaense e seu trabalho junto à rádio Difusora, que têm dado bons frutos.



Roberto Gato atua há mais de 30 anos no rádio

### Profissional dedicado

Conduzir uma rádio não é fácil e tem seus desafios, requer atenção e dedicação por parte do profissional,

sempre buscando estar antenado trazendo conteúdo de qualidade ao ouvinte. Roberto Gato sempre está presente na rádio Difusora, de segunda a domingo ele chega as 5h da manhã, pois quer participar de todos os programas, afim de monitorar aquilo que está veiculando, além disso no Tribuna Amapaense, ele se desdobra sempre discutindo, sugerindo, analisando, lendo e revendo matérias e colunas do jornal. "A gente fica acostumado na lida, não dá para dormir demais. Se você quer conseguir vencer, tem que se desdobrar mesmo, trabalhar, pois quando você faz aquilo que gosta o trabalho não é nenhum tipo de sacrifício ou tortura, pelo contrário é um prazer".

### 30 anos no ar

Dentre os radialistas macapaenses, Roberto Gato tem grande influência e renome, pois sempre demonstra paixão pelo que faz e que mesmo com seus mais de 30 anos de carreira e 58 anos de idade, se mantém atualizado, ativo e buscando novas formas de levar o melhor conteúdo ao seu público. Mesmo com o surgimento de novos meios de comunicação, ele não se deixou levar pelos rumores do possível fim do rádio, isso lhe deu incentivo para continuar fazendo aquilo que acredita da melhor forma, segundo

ele, está sempre se readequando. Sua trajetória é inspiradora, vindo do jornal impresso, ainda no sistema quente, feito a partir do chumbo fundido, linotipo, montado com chapa à mão, e hoje fazendo uso das recentes redes sociais para levar informação. O jornalista é um profundo conhecedor da história do Amapá e das emissoras locais, em entrevista ele cita vários colegas de trabalho que ajudaram no seu crescimento. "Para ser jornalista é necessário ler sempre, trabalhar com comunicação é um aprendizado diário e como profissional você precisa se manter por dentro". Pode-se dizer que este é o lema de trabalho de Roberto Gato.

#### O rádio na Amazônia

Ele considera importantíssimo o papel do rádio, sobretudo na Amazônia, pois o caboco isolado precisa de um meio para se comunicar e também ser informado, é através do rádio que isso acontece. O amor pela profissão encanta, ele que já tem mais de meio século de vida, não pretende parar tão cedo, enquanto puder passar seus conhecimentos para as próximas gerações de jornalistas, Gato vai se adaptar as novas formas de comunicar, pois segundo ele é seu dever. Quando perguntado sobre o que o motiva a continuar atuando na área, ele responde: "Você se contamina, você se apaixona por isso, vira uma cachaça. E eu não parei mais".



# Índíce Remissivo

# Índice Remissivo

# A

A carreira 52 A censura 60 A ida para o rádio 22 A importância da família 51 A importância do rádio na política 49 Alô Alô Amazônia 13, 19 Amante da boa música 55 Amapá 83 AM e FM 40 A notícia no rádio em Macapá 47, 72, 76 Ao vivo e gravado 41 A primeira experiência 22 A produção de notícias no Amapá 31 A produção de notícias no estado 40 A qualidade do rádio no Amapá 54 A rádio no Amapá 64 A saída da 102,9 FM 53 As novas tecnologias 66 As rádios e os jornalistas 42 A transmissão 42 A vida no Amapá 36

# $\mathbf{C}$

Caminho na literatura 33
Características do rádio 65
Compreender o mundo pela comunicação 37
Comunicação Social 13
Conquistar o ouvinte 71
Convergência das mídias 43
Cursos de locução 71

# D

Da TV para o rádio 53 Dedicação ao rádio 22 Desafios 24 Dica para os estudantes de jornalismo 73 dificuldades 24 Difusora 13, 64, 83 Divulgação da informação em Macapá 60 Domingo é o Show 26

### $\mathbf{E}$

Emoções no rádio 65 Entretimento no rádio 67 Entrevistas 18 Era digital 24 Expansão do rádio 16 Experiência na Rádio Web 71 Experiência na TV 53

# F

Familia 21 Formandos talentos 66

### H

Habilidades 30 Habilidades de um radialista 25 Habilidades para o rádio 47, 54, 70, 76 Habilidades para o radiojornalismo 39 Homem de muita fé 21

# I

Infância e o rádio 33 Informação 16 Inspiração 23 Inspirações no rádio 18, 48

### L

Linguagem ideal no rádio 39

# M

Macapá 83 Momentos de radialista 64 Mudança na vida profissional 53

### N

Na TV e no Rádio 72 Notícia no rádio 16 Nova geração do rádio 56

# O

Obstáculos vencidos 16

- O cancer 35
- O dia a dia no rádio 24
- O futuro do rádio amapaense 43
- O ouvinte 49
- O ouvinte na região 76
- O papel do rádio hoje 54
- O profissional do rádio 59
- O profissional no rádio 61
- O programa "Garota da Semana" 53
- O rádio e a internet 77
- O rádio na Amazônia 78
- O radio na era da internet 32
- O rádio na internet 61
- O rádio na vida da população 40
- O rádio na vida do amapaense 32
- O rádio na vida do ouvinte 47, 60
- O rádio na vida do povo Amapaense 14
- O rádio no Brasil 40
- O rádio para o ouvinte no Amapá 72

Ouvir rádio hoje 14

# P

Paixão pelo rádio 14
Participação popular 41
Passagem pelo futebol 56
Popularidade no rádio em Santana 43
Primeiro emprego 51
Primeiros programas 52
Produção e divulgação de notícias em Macapá 66
Profissional de rádio 14
Profissional de sucesso 54
Programa de Sucesso 53

# R

Radialista 13
Rádio Comercial 42
Rádio Comunitária 42, 64
Rádio Difusora 75
Rádio e as novas tecnologias 55
Radiojornalismo no Amapá 41
Rádio na ditadura 16
Rádio na era digital 17
Rádio no Amapá 25
Rádio Universitária 18
Reconhecimento no rádio 26
Rede Manchete de Televisão 13
Repressão e censura 41
Rotina na emissora 55

# S

Ser a voz do povo 17 Ser radialista 43 Situação inusitada 48 Som que motiva 15 Sonho de criança 63

# $\mathbf{T}$

Trajetória no rádio 23

# V

Vida simples 55

# Os autores\*

Allan Jose Ferreira Valente

André Felipe Cantuária dos Santos

Andre Thiago da Silva

Antonio Lucas Pontes Costa

Daniele de Cassia Queiroz da Silva

Delano Rafael Borges de Carvalho

FELIPE LIMA CARVALHO

FERNANDO CARNEIRO PEREIRA

FERNANDA ALBUQUERQUE LIMA

IAGO DE AMORIM FONSECA

IRACEMA BENJAMIM DE SOUZA

Iuana Almeida Rios Carmo

IZABELE CRISTINE PEREIRA DAMASCENO

Jacimara Cordeiro Castro Monteiro

JANDERSON CARLOS NOGUEIRA CANTANHEDE

JESSICA MONT'ALVERNE PACHECO DE MELLO

Jesusa Vania Bagundes Nascimento

KELLVEN JHONATAN CORTES VILHENA

LUMA CAVALCANTE COUTINHO

Mauricio Gasparini Vanzaler de Matos

MELLINA NAYUMME SANTOS GARCIA

Nubia Paes Pacheco

RAFAELA CRISTINA CORDEIRO DOS SANTOS

Renata Cristina Silva Nunes

SAVIO LEITE SANTOS

Wedson De Castro dos Santos

ZENAIDE DE SOUZA CASTELO

\*As entrevistas foram coletadas, transcritas e editadas pelos alunos (as) da disciplina de Produção e Difusão de Rádio, 2017.1 (5N1234), sob a supervisão do docente, Prof. Paulo Giraldi. Os conteúdos publicados neste E-book (foto e texto) tem autorização expressa de cada profissional entrevistado. Os áudios das gravações podem ser acessados no endereço: https://www.mixcloud.com/radiounifap/

# Departamento de Letras e Artes (DEPLA) Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá

Site: http://www2.unifap.br/jornalismo/
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, Campus Marco Zero do Equador
Macapá-AP, CEP: 68.903-419

# O RÁDIO NO AMAPÁ Pioneiros

sobre essa paixão pelo rádio que nasce o primeiro volume da "Coleção de Sala" – "O Rádio no Amapá: Pioneiros". Aqui, você encontrará histórias de profissionais apaixonados pela profissão e pelo rádio. É uma história singular, pois traz detalhes preciosos da trajetória radiofônica de locutores, jornalistas e radialistas pioneiros que atuam na região da Amazônia amapaense. Cada entrevista registrada é fruto do trabalho de alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), que aceitaram o desafio de produzir esse primeiro E-book. Esperamos que tal iniciativa sirva de inspiração e motivação para os futuros profissionais do radiojornalismo. Próximos volumes, 2 e 3: "As mulheres do Rádio - Inspiradoras" e "Jovens radiojornalistas - Protagonistas".

Neste primeiro volume da coleção, você conhecerá as trajetórias de JOSÉ ALUÍZIO DA SILVA, RAIMUNDO DE AZEVEDO PICANÇO, CÉSAR BERNARDO, CUNHA LOPES, ERALDO TRINDADE, JOSÉ NEY PICANÇO, JOSÉ CAXIAS, LUÍS CARLOS CANTANHEDE, MISTER VADO, ROSTAN MARTINS e ROBERTO GATO.



